



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

Memória dos carnaubais: proposta de implantação de um memorial fotográfico
na cidade de Reriutaba - CE

PAU DOS FERROS

2025

MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

Memória dos carnaubais: proposta de implantação de um memorial fotográfico
na cidade de Reriutaba - CE

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Anna Cristina Andrade Ferreira,
Prof. Dr.

PAU DOS FERROS

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

P645m Pinto, Maria Isadora Mesquita.
Memória dos carnaubais: proposta de implantação
de um memorial fotográfico na cidade de Reriutaba
- CE / Maria Isadora Mesquita Pinto. - 2025.
149 f. : il.

Orientador: Anna Cristina Andrade Ferreira.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e
Urbanismo, 2025.

1. Memória urbana. 2. Patrimônio cultural. 3.
Espaço público. 4. Fotografia. 5. Arquitetura
memorial. I. Ferreira, Anna Cristina Andrade,
orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Maria Isadora Mesquita Pinto

Memória dos carnaubais: proposta de implantação de um memorial fotográfico
na cidade de Reriutaba - CE

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: 29/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Anna Cristina Andrade Ferreira, Prof. Dra. (UFERSA)
Presidente

Damião Esdras Araujo Arraes, Prof. Dr. (UFERSA)
Membro Examinador

Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros, Prof. Dr. (UFERSA)
Membro Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me providenciar a vida, por me fazer forte, pelo brilho que carrego nos olhos, pela essência e pela coragem. Ele me criou com toda a sua graça, me conhece como nem eu ainda consegui me enxergar e me ama incondicionalmente como sou. Em todos os momentos de exaustão, Ele se fez presente e me manteve perseverante para acreditar no meu propósito, me fez bem acompanhada, nunca me desamparou, nunca me deixou sozinha e durante todos os momentos dessa jornada, me fez protegida.

Agradeço aos meus pais, Augusta e Francisco, que são a fortaleza por trás das minhas decisões, o lar para onde sempre volto e o ventre dos valores que herdei. Em meio a inúmeros desafios, sempre me foi oferecida educação de qualidade, incentivo e coragem. Foi vendo-os enfrentar a vida que hoje percebo os caminhos abertos e o mundo ao meu encontro. Em cada passo, caminhei sobre a força do amor de vocês. Antes que eu tivesse coragem, vocês a cultivaram e me mostraram com cautela que o mundo pode ser habitado por quem eu sou, que posso sentir o vento entre as asas, mas que preciso abri-las devagar. Agradeço também aos meus irmãos, Andressa e João Ulisses, por continuarem compondo e fortalecendo os dias e momentos em família, mesmo quando tantos quilômetros nos separavam ao longo destes anos de graduação. Durante esse período longe de casa, os cuidados à distância, a constante preocupação e a saudade silenciosa de vocês foram forças invisíveis, mas essenciais, que me mantiveram de pé. Como disse Fernando Anitelli para o seu irmão: *“enquanto houver você do outro lado. aqui do outro eu consigo me orientar”*. Enquanto tenho vocês do outro lado, eu consigo me orientar.

Agradeço também aos meus tios, tias, madrinhas, padrinhos, primos e familiares, que carinhosamente sempre depositaram confiança no meu eu profissional e no propósito que venho construindo ao longo destes anos. Agradeço, em especial, à minha prima Ana Thaíla, que me acompanhou com tanto carinho nos levantamentos, visitas, entrevistas e pesquisas deste trabalho. Agradeço, com admiração e carinho especial, aos meus avós Zerinha, Chico, Edite e João (*in memoriam*), por todo o zelo com a minha infância, por cada gesto de incentivo, educação, amor e proteção que ainda sinto até hoje. Levo comigo, com profundo orgulho, o pertencimento a essas raízes que me formam.

Às minhas amigas Hyrla e Vitória, que mesmo sem nos conhecermos antes, escolheram ser minha família desde o nosso primeiro encontro. Compartilhamos muito, nos protegemos e cuidamos uma da outra. Com elas, minha querida amiga Kelliany, que me acompanhou desde o início desta caminhada. Obrigada por serem como irmãs para mim. Independentemente da

distância, essa conexão sempre manterá cada uma de vocês presente em mim, com muito carinho.

Agradeço ao meu amigo Natan, meu oposto complementar, que esteve presente em todos os momentos em que precisei. Você me fez sentir segura, acolhida e nunca sozinha. Me recebeu com carinho em Pau dos Ferros e me apresentou a uma família na qual já fazia: o Centro Acadêmico.

Ao CAUSA (Centro Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo), minha primeira casa dentro da universidade. Foi ali que construí minhas primeiras raízes, junto ao amor pelo movimento estudantil. O CA será sempre lembrado com imenso carinho por me abrigar e por tudo que me proporcionou nos primeiros semestres da graduação.

Em meio aos desafios da vida universitária, fui atraindo e sendo atraída por pessoas que vibravam de forma parecida com a minha, que buscavam pertencer e se sentir em casa, mesmo longe de onde vieram. Não posso deixar de agradecer imensamente ao projeto *Acesso à Terra Urbanizada*, uma experiência transformadora que me proporcionou aprendizados valiosos, além de amizades preciosas.

Que sorte a minha encontrar Murilo, Thalia, Guilherme, Tony, Emyle, Sandya, João, Heloise, Juliana e Athirson. Agradeço a vocês por dividirem comigo tantas experiências que me prepararam para os desafios da graduação, por me ajudarem a permanecer firme e, principalmente, pela amizade, confiança e parceria que construímos. Me sinto em casa quando estou com vocês. Não há palavras que possam descrever verdadeiramente o quanto sou grata por tê-los em minha vida e o quanto cada um me transforma positivamente. Estou sempre ansiosa pelo próximo reencontro.

A Rayssa e Shirley, minha gratidão por todos os momentos em que fomos apoio e família uma para a outra. Obrigada por me fazerem sentir ouvida, acolhida e amada. Por me enxergarem melhor do que eu mesma consigo e por sempre apontarem luz onde há sombra. Quero sempre lembrar o quanto vocês são únicas e a quão privilegiada me sinto por ter amigas assim.

Agradeço também aos amigos que chegaram depois, a quem tive a alegria de acolher e apresentar à universidade, e que hoje compartilham comigo o mesmo espaço na caminhada acadêmica. Aos poucos, foram conquistando um lugar especial na minha vida. Juntos, dividimos noites viradas, grupos dos mais variados projetos, conversas absurdas, choros de alegria e tristeza e, principalmente, a certeza de que podemos olhar ao lado e saber que não estamos caminhando sozinhos. Que felicidade olhar ao redor e ver vocês comigo. Ao lado de

Lucas, com quem compartilho a mesma turma de graduação, tive a alegria de receber Germano, Raquel, Eduarda, Sâmia que tornaram essa trajetória ainda mais leve, verdadeira e inesquecível.

Não posso deixar de mencionar Ferdnando e Isabelle, amigos que sabem como trazer leveza a qualquer situação. Compartilhamos as mais diversas experiências na tentativa de viver tudo o que há para ser vivido. Fizemos jus às noites viradas na UFERSA, que certamente não teriam sido as mesmas sem a energia e a alegria de vocês, sempre transformando tudo ao redor. Fizemos casa um para o outro em meio a tantas adversidades, olhar pra vocês no meio do caos me conforta e me encoraja. Obrigada, do fundo do meu coração.

De maneira alguma estive sozinha antes de tudo o que vivi. Carrego comigo a alegria de, mesmo à distância, ter amigos que sempre me impulsionaram e nunca descreditaram de mim. Amigos que depositaram esperança, se preocuparam, e mesmo cuidando de longe, fizeram com que a presença fosse constante. A distância nunca foi capaz de enfraquecer nossa conexão. Dária, Patrick, Victória, Élvia, Ferrerinha, Letícia, Débora, Bosco, Leilane, Rafaela, Sabrina, obrigada por permanecerem comigo, por me presentear com o apoio sincero e por nunca deixarem que a distância mudasse o que temos. Como me sinto feliz por ter vocês!

Agradeço, com muito carinho, à minha orientadora Anna Cristina, que me guia pelo caminho do ensino dentro da universidade desde os primeiros semestres da graduação a quem sempre tive por você profunda admiração e respeito. As metodologias aplicadas, o apoio constante e a segurança transmitida em cada momento de orientação foram fundamentais para que eu pudesse conduzir este trabalho com dedicação e esmero. Levo comigo, de forma muito concreta, estes ensinamentos de tanto valor. Expresso aqui a minha sincera e profunda gratidão pela importância que você teve no sucesso deste processo.

Em especial, expresso a minha gratidão à Alice. Entre todas as palavras que possam expressar gratidão, ainda me parece insuficiente para traduzir o quanto meu coração se sente profundamente feliz por compartilhar a graduação e a vida com você. Coexistir na sua rotina e te ver participar da minha tornou os meus dias mais leves, o que me inspira a ser melhor, fortalece e transforma o meu propósito todos os dias. Sinto-me única no mundo ao saber que posso contar com você para dividir a coragem, os planos e tudo de bom que não traduzo em palavras, mas em sentimento, sentimento este que você trouxe e transformou a minha vida desde o momento em que me permitiu te acompanhar. Sem a sua presença, eu não estaria aqui com a bagagem, direcionamento e a vontade de ser melhor que hoje carrego comigo durante a finalização deste ciclo. Obrigada, do fundo do meu coração.

Por fim, agradeço a mim, que, mesmo diante do medo, encontrou coragem para seguir em frente e abraçar as oportunidades que surgiram. Porque, no fim das contas, de nada adianta

as portas abertas se não tivermos coragem para atravessá-las. Sinto que a coragem não é ausência de medo, mas a escolha consciente de avançar, apesar dele. Celebro, profundamente, a mim mesma por ter chegado até aqui, e pela vontade radiante de viver e continuar esta caminhada.

Josué 1:9.

RESUMO

A memória coletiva de uma cidade é construída por meio de seus espaços públicos, marcos urbanos e registros históricos, os quais desempenham papel fundamental na preservação da identidade local. Em pequenos municípios como Reriutaba/CE, destaca-se a carência de espaços públicos dedicados à valorização da história e da cultura local. Diante disso, este trabalho propõe a implantação de um memorial fotográfico na Praça Cel. Raimundo Rodrigues, situada no centro da cidade, como forma de integrar o espaço urbano à preservação da memória coletiva. A proposta visa salvaguardar registros fotográficos históricos que documentam a trajetória arquitetônica, social e cultural do município, promovendo o fortalecimento do sentimento de pertencimento e a valorização do patrimônio local. A fundamentação teórica aborda conceitos de memória urbana, identidade cultural, arquitetura memorial e planejamento urbano, considerando o papel da fotografia como instrumento documental e sensível na construção da narrativa urbana. Por meio de um anteprojeto arquitetônico, o estudo busca contribuir para a valorização da história reriutabense, estimulando a educação patrimonial e a ressignificação dos espaços urbanos.

Palavras-chave: memória urbana; patrimônio cultural; espaço público; fotografia; arquitetura memorial.

ABSTRACT

A city's collective memory is constructed through its public spaces, urban landmarks, and historical records, which play a fundamental role in preserving local identity. In small municipalities like Reriutaba, Ceará, there is a notable lack of public spaces dedicated to the appreciation of local history and culture. Therefore, this work proposes the implementation of a photographic memorial in Cel. Raimundo Rodrigues Square, located in the city center, as a way to integrate urban space with the preservation of collective memory. The proposal aims to safeguard historical photographic records that document the architectural, social, and cultural trajectory of the municipality, fostering a stronger sense of belonging and the appreciation of local heritage. The theoretical framework addresses concepts of urban memory, cultural identity, memorial architecture, and urban planning, considering the role of photography as a documentary and sensitive instrument in the construction of urban narratives. Through an innovative preliminary project, the study seeks to contribute to the appreciation of Reriutaba's history, stimulating heritage education and the redefinition of urban spaces.

Keywords: urban memory; cultural heritage; public space; photography; architectural memorial.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Reriutaba/CE.....	17
Figura 2 – Recorte espacial, Praça Cel. Raimundo Rodrigues.	17
Figura 3 – Palácio de Friburgo em detalhe de gravura.	34
Figura 4 – Cel. José Teodoro Soares – o fundador da cidade.....	42
Figura 5 – Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.	44
Figura 6 – Feira livre no centro de Reriutaba.	45
Figura 7 – Feira livre no centro de Reriutaba no ano de 2011.....	46
Figura 8 – Casa Paroquial e edificações residenciais ao entorno da Capela.....	47
Figura 9 – Casa das Irmãs Mamedes.....	48
Figura 10 – Igreja Matriz em fase de construção.....	49
Figura 11 – Centro da cidade de Reriutaba e, ao centro, a Igreja Matriz já reformada.....	50
Figura 12 – Estação ferroviária de Sobral, data não registrada.....	53
Figura 13 – Estação ferroviária de Reriutaba em 1893.....	54
Figura 14 – Arco de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	56
Figura 15 – Santuário de Nossa Senhora de Fátima.....	57
Figura 16 – Festa da Padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Reriutaba.....	58
Figura 17 – Reriutaba Club.....	59
Figura 18 – Reriutaba Club.....	60
Figura 19 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.....	67
Figura 20 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.....	68
Figura 21 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.....	68
Figura 22 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.....	69
Figura 23 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.....	70
Figura 24 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.	70
Figura 25 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.	71
Figura 26 – Carta Solar da Praça Cel. Raimundo Rodrigues em Reriutaba/CE.....	78
Figura 27 – Simple Art Museum.	89
Figura 28 – Simple Art Museum.	90
Figura 29 – Simple Art Museum.	90
Figura 30 – Memorial da Resistência em Mossoró – RN.	92
Figura 31 – Memorial da Resistência em Mossoró – RN.	93
Figura 32 – Memorial da Resistência em Mossoró – RN.	94

Figura 33 – Collier Memorial.	96
Figura 34 – Collier Memorial.....	97
Figura 35 – Collier Memorial.	97
Figura 36 – Zoneamento.....	102
Figura 37 – Manobras de cadeira de rodas sem deslocamento.....	107
Figura 38 – Manobras de cadeira de rodas sem deslocamento.....	108
Figura 39 – Logomarca do projeto “Memória dos Caraubais”.....	110
Figura 40 – Casa do Baile, Conjunto Arquitetônico da Pampulha de Oscar Niemeyer.....	111
Figura 41 – Planta de situação.....	112
Figura 42 – Maquete Eletrônica – Memorial fotográfico Memória dos Caraubais.....	113
Figura 43 – Planta de cobertura e vista superior.....	113
Figura 44 – Maquete Eletrônica – Memorial fotográfico Memória dos Caraubais.....	114
Figura 45 – Maquete Eletrônica – Memorial fotográfico Memória dos Caraubais.....	115
Figura 46 – Maquete Eletrônica – Memorial fotográfico Memória dos Caraubais.....	116
Figura 47 – Maquete Eletrônica – Memorial fotográfico Memória dos Caraubais.....	116
Figura 48 – Detalhe da faixa de pedestres.....	117
Figura 49 – Pannel paisagístico do projeto.....	118

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Temperatura e zona de conforto.....	73
Gráfico 2 – Precipitação pluviométrica.....	74
Gráfico 3 – Temperatura e zona de conforto.....	75
Gráfico 4 – Temperatura e zona de conforto.....	76
Gráfico 5 – Faixa etária.	80
Gráfico 6 – Gêneros.	80
Gráfico 7 – Relação com a cidade.....	81
Gráfico 8 – Localização.....	81
Gráfico 9 – Frequência.....	81
Gráfico 10 – Atividades.....	81
Gráfico 11 – Importância.....	82
Gráfico 12 – Memórias associadas ao local.....	82
Gráfico 13 – Valor cultural.....	82
Gráfico 14 – Conservação.....	82
Gráfico 15 – Arborização.....	83
Gráfico 16 – Representatividade.....	83
Gráfico 17 – Preservação.....	83
Gráfico 18 – Sentimento ao frequentar.....	83
Gráfico 19 – Significado.....	85
Gráfico 20 – Equipamento cultural.....	85
Gráfico 21 – Sugestão de melhorias.....	86
Gráfico 22 – Equipamento cultural.....	86
Gráfico 23 – Fotos antigas.....	86

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Cheios e vazios.....	62
Mapa 2 – Gabarito. Fonte:	63
Mapa 3 – Vias. Fonte:	64
Mapa 4 – Uso e ocupação do solo.	65
Mapa 5 – Zonas bioclimáticas.	77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2. METODOLOGIA.....	22
3. REFERENCIAL TEÓRICO	26
3.1 Fotografia como ferramenta de registro e preservação histórica urbana	26
3.2 Arquitetura memorial: função, simbolismo e impacto na memória coletiva.....	32
3.3 Espaços livres e públicos em pequenos municípios: Marcos urbanos, elementos e significados	37
4. CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DE RERIUTABA/CE.....	42
4.1 Histórico do município de Reriutaba	42
4.2. Formação Urbana e Social	45
4.3. Impacto da Estrada de Ferro e transformações urbanas.....	54
4.4. Patrimônio, memória e identidade cultural reriutabense	56
4.5 Análise urbana	62
4.6 Caracterização da Praça Cel. Raimundo Rodrigues	68
4.7 Aspectos bioclimáticos	74
4.8 Análise dos questionários com a comunidade	81
5. ESTUDO DE PROJETOS DE REFERÊNCIA	96
5.1 Simple Art Museum / HAS design and research	96
5.3 Memorial da Resistência – Mossoró, RN	100
5.4 Collier Memorial.....	104
6. CONDICIONANTES E DIRETRIZES PROJETUAIS	106
6.1 Programa de Necessidades.....	107
6.2 Zoneamento e Setorização	109
6.3 Condicionantes Legais	111
6.4 Diretrizes de acessibilidade.....	114
6.5 Conceito e partido arquitetônico	117
6.6 Memória dos carnaubais: proposta de implantação de um memorial fotográfico na cidade de Reriutaba – CE	120
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS	131

1 INTRODUÇÃO

As edificações de uma cidade são expressões de sua identidade e do processo de urbanização que a moldou, podendo também ser resultado da condição da dinâmica do lugar. Em especial, as edificações históricas que marcam o dia a dia na cidade e possuem um papel crucial na conexão entre gerações, pois atuam como testemunhas do presente e do passado, carregando memórias que narram a construção da sua identidade.

Praças, equipamentos e marcos urbanos significativos não apenas definem a paisagem urbana e a arquitetura local, mas também se tornam símbolos afetivos, capazes de ancorar a memória coletiva e fortalecer o vínculo emocional dos moradores com o lugar. As memórias de uma localidade precisam se conectar ao ato de preservar o que há de ser lembrado pelos filhos, netos, bisnetos que haverão de ser criados nas mesmas casas, que também visitarão as mesmas ruas, compartilhando de novas experiências, mas vivendo o mesmo lugar.

Tanto apreço pelas memórias exige cuidado com o futuro e com as gerações que ainda virão. É preciso preservar não apenas os espaços e os marcos que contam a história de um lugar, mas também o sentimento de pertencimento que une as pessoas ao que elas chamam de lar. Há, também, na memória contida no patrimônio um veio para se obter uma identidade e os laços de pertencimento com a comunidade onde se insere. Com todas as implicações que acompanham as discussões sobre identidade cultural no presente momento, ainda assim acreditamos dever existir uma relação de reconhecimento e pertencimento de identidade, daquilo que se constitui como patrimônio com a história do seu povo e as suas práticas cotidianas (ARARIPE, 2004).

Segundo Maria Elaine Kohlsdorf (1996), a imagem de um lugar é composta por um conjunto de características que remetem às lembranças das experiências vivenciadas, dependendo dos elementos que se destacaram durante a interação com o ambiente urbano.

Com base nas contribuições de Lynch (1988) e Kohlsdorf (1996), a observação ativa no local é fundamental para reconhecer e interpretar os marcos visuais da paisagem urbana, sejam eles elementos naturais ou construídos. Essa prática permite identificar como os indivíduos percebem e organizam mentalmente o espaço, evidenciando as conexões emocionais e simbólicas entre as pessoas e o ambiente. Ao valorizar a experiência sensorial e cultural, torna-se possível compreender quais elementos se

destacam na memória coletiva e individual, reforçando a importância de preservar marcos urbanos que reflitam a história e a identidade de um lugar.

Existem muitas maneiras de preservar as reminiscências, ícones arquitetônicos e paisagísticos de uma cidade. No entanto, quando se fala em preservação surge também uma necessidade de guardar as memórias de maneira documental, para que existam referências da existência de espaços urbanos inseridas em uma linha do tempo, enaltecendo a importância do resguardo das fotografias. Desde sua invenção, a fotografia transformou profundamente nossa percepção do mundo, assumindo rapidamente funções científicas, documentais, arqueológicas e históricas, como destacado por Anne de Mondenard e Bouteiller Kavakama (2012).

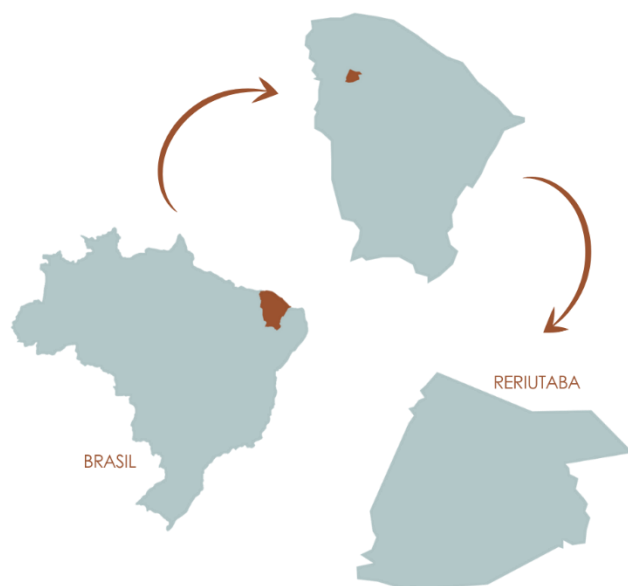
Essa capacidade de registrar e interpretar o espaço urbano fez da fotografia um instrumento indispensável para a análise e preservação da memória das cidades. O ato de fotografar além de registrar a materialidade da cidade, captura as narrativas e emoções que conectam a população à sua história, fortalecendo o vínculo com sua identidade coletiva e destacando as singularidades mais importantes para as pessoas que residem naquela cidade.

Pensando na função social da cidade, conforme preconizada pelo Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257/2001, p. 99), a ideia de democratização reforça a importância de promover o acesso ao espaço público, garantindo seu uso adequado e seguro para a população, e, também, a ideia de perpetuação da memória local para as gerações futuras, sendo pensada aqui a união desses dessas ações. Em pequenos municípios, como Reriutaba, os espaços públicos desempenham muitas vezes um papel crucial na promoção do convívio social, em eventos educativos e na preservação da cultura.

A partir desse contexto é perceptível a necessidade de símbolos e edificações públicas que possam atuar existindo com o papel da lembrança e do significado da história e do passado. Com isso, diante da pauta discutida, surge a intenção de salvaguardar os acontecimentos da história a partir do desenvolvimento do **estudo preliminar** de um memorial fotográfico que resgate os fatos memoriais da cidade, expondo registros que perpetuam lugares e momentos.

Partindo dessa premissa este trabalho tem como objeto de estudo o município de Reriutaba, é um município situado no interior do estado do Ceará. Localizado na Mesorregião do Noroeste Cearense e mais especificamente na microrregião de Ipu, que com a aprovação da Lei Complementar Estadual nº 168/2016 o município passou a integrar a

Figura 1 – Localização de Reriutaba/CE



Fonte: Adaptado do IBGE (2024).

Visto isso, e considerando o contexto de espaços públicos em pequenos municípios, surge o entendimento de que há possibilidade de resguardar registros fotográficos de Reriutaba/CE, por meio da implantação de um memorial exposto em praça pública, mais especificamente na Praça Cel. Raimundo Rodrigues situada no centro da cidade. A principal intenção é integrar o espaço público ao patrimônio histórico e cultural local, representado pela arquitetura, manifestações imateriais, pelas figuras ilustres e festas tradicionais que marcaram a memória coletiva da população. A fotografia, nesse sentido, torna-se uma ferramenta para valorizar tanto os marcos físicos quanto os aspectos simbólicos da história reriutabense, estimulando e favorecendo o uso educativo e cultural do espaço.

Figura 2 – Recorte espacial, Praça Cel. Raimundo Rodrigues.



Fonte: Adaptado do Google Earth (2025).

A proposta de implantação de um memorial fotográfico para a valorização histórica do município de Reriutaba/CE surge como uma necessidade diante da ausência de um espaço público dedicado à preservação e celebração da história e da cultura local. Atualmente, a cidade carece de um local que abraça e contém a trajetória de sua gente, seus marcos históricos e suas tradições em um formato de exposição. Nesse contexto, a implantação de um memorial na Praça Cel. Raimundo Rodrigues, representa uma oportunidade significativa de integrar o espaço público as memórias fotográficas, culturais e arquitetônicas da cidade.

Reriutaba não conta com um espaço público dedicado à preservação e que vise contar a história e a cultura da cidade, o que deixa um vazio importante na valorização do nosso patrimônio local. Ainda não existe na cidade uma intenção inovadora que cumpra esse papel de forma integrada, capaz de unir arquitetura, história e cultura em um só lugar.

Afim de aprofundar a compreensão sobre a preservação da memória coletiva e do patrimônio cultural de Reriutaba, os **objetivos específicos** abrangem: resgatar os arquivos fotográficos e históricos do município, de modo a documentar e valorizar sua trajetória urbana, social e cultural; desenvolver um espaço destinado à exposição de fotografias históricas e contemporâneas, que atue como instrumento de educação patrimonial e de sensibilização da comunidade; reforçar o caráter simbólico da Praça Cel. Raimundo Rodrigues por meio da inserção de um memorial, concebido como elemento integrador da história local e do espaço público; integrar a arquitetura do memorial ao contexto existente, promovendo a ressignificação da funcionalidade e do uso da praça; e, por fim, utilizar a fotografia como ferramenta de conscientização sobre a relevância da preservação do patrimônio histórico e cultural, visando ao fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento da população.

O memorial é um dos poucos tipos de arquitetura cuja função fundamental não é abrigar, mas sim, lembrar. Espaço que respeitosamente tem como objetivo dar memória àqueles que se foram em atos heroicos ou lamentavelmente vítimas de cruéis eventos históricos, que pode então ser entendido como um monumento ou edifício cujo propósito é fundamentado em materializar a emoção do intangível, criando uma memória coletiva e lembrada através do tempo (SHEN, 2020, p. 01).

Segundo Thales Araújo (2022), os memoriais arquitetônicos, ao longo da história, são reconhecidos como espaços destinados à introspecção e reflexão, que atuam significativamente na formação da identidade coletiva. Além disso, como sugere a própria

nomenclatura, essa tipologia arquitetônica possui a relevante função de resgatar e preservar a memória de uma determinada época.

No entanto, a arquitetura memorial consegue ir além do simbolismo do que deve ser lembrado, funciona também como uma ferramenta para o reconhecimento da história, tornando uma narrativa tangível aos acontecimentos, reforçando o sentido do que foi essencial, uma vez que a memória coletiva se perpetuará e se fará presente através do tempo e das próximas gerações. A elaboração deste espaço se torna, pela sua intenção, uma grande contribuição para fortalecer a identidade cultural e educacional do município, oferecendo à população um ambiente que possa realmente vir a resgatar memórias tão importantes.

Segundo Macedo (1995), os elementos que compõem os espaços livres são universais, independentemente do local. Construções, edifícios, muros, escadas, florestas, formas de relevo, corpos d'água, seres vivos, veículos e até mesmo as pessoas desempenham um papel essencial na configuração desses espaços. Sua contribuição, no entanto, varia conforme o contexto e o ambiente em que estão inseridos, criando planos, paredes e pisos que dão forma a lugares de convivência, contemplação, preservação e encontro.

Conforme destaca Susana Gastal (2006), espaços como praças, igrejas, universidades e monumentos compartilham a característica de exaltar o espaço público, servindo como símbolos de encontro, trocas de mercadorias, bens simbólicos, crenças, saberes, história e celebração. Segundo Côrrea (1989), as relações espaciais estabelecidas pelo centro da cidade promovem a integração das diversas partes que a compõem, articulando-as em um conjunto coeso e tradicionalmente interligado.

A cidade, em sua essência, é o espaço do encontro, e o centro se destaca como ponto de convergência. Nesse contexto, a permanência das dinâmicas urbanas torna-se mais evidente. Panerai (2006) complementa ao destacar que, no centro urbano, coexistem elementos de continuidade, como os traçados históricos, os monumentos, as convenções que regem o espaço público, as atividades e os símbolos, com elementos de transformação, como a flexibilidade nas construções, as mudanças nos usos, a reconversão e até a substituição de edifícios.

Nesse sentido, o contexto urbano de Reriutaba, com destaque para a Praça Cel. Raimundo Rodrigues, exemplifica bem essa coexistência entre permanência e transformação. Apesar de sua importância simbólica e histórica, esses espaços apresentam um grande potencial de ressignificação, integrando o passado à

contemporaneidade. A de um memorial fotográfico, surge como uma oportunidade de preservar memórias e narrativas locais, enquanto adapta esses espaços para atender às novas demandas urbanas.

A palavra **Fotografia** vem do grego [fós] ('luz'), e [grafis] ('estilo', 'pincel') ou grafê, e significa 'desenhar com luz e contraste'. Por definição, fotografia é, essencialmente, a técnica de criação de imagens por meio de exposição luminosa, fixando esta imagem em uma superfície fotossensível. Fotografia, então, engloba uma série de atividades que usam a luz como forma de registro. É comum o termo 'pintar com a luz' como referência ao ato de fotografar (Vieira, 2012).

2. METODOLOGIA

Com base no apresentado, para a realização desta pesquisa foi necessário entendimento sobre os principais conceitos utilizados e estabelecidos durante estes estudos. A pesquisa é conduzida por meio de uma revisão bibliográfica que mantém relação com a memória coletiva, preservação da memória, a importância dos marcos visuais na cidade e o espaço urbano baseando-se em referências de autores como Maurice Halbwachs (1997 [1950]); Silvio Macedo (1995); Roberto Corrêa (1989); Phillipe Panerai (2006); Susana Gastal (2006); Thiago Souza Silva (2019); Pierre Nora (1997); Isabela Dantas de Santa Cruz (2017); Michael Pollak (1992); Francisco Rocha Vasconcelos Neto (2016).

Agregado aos assuntos mencionados anteriormente muito é percorrido também, sobre a importante relação da fotografia com a história da cidade, contemplando obras de autores que trabalham esta temática: Fernando Fuão (2012); César Vieira (2012); Ana Mafalda Oliveira (2012); Anne de Mondenard (2012); Tarcísio Glauco da Silva e Elizete Oliveira de Andrade (2009); Jacques Le Goff (1997); Fernando Freitas Fuão (2001); Eric de Maré (1961); Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad (1997); Josep Maria Montaner (2003). Sobre a cidade de Reriutaba, são mencionados registros do autor Alderico Neto (2006).

No contexto dos espaços livres e públicos em pequenos municípios, os marcos urbanos desempenham um papel fundamental na estruturação e significação do ambiente urbano. Jussara Maria Silva (2002) destaca que esses marcos referenciais não apenas auxiliam na orientação espacial, mas também carregam significados históricos, culturais e emocionais, influenciando a percepção e a interação dos indivíduos com a cidade. Kevin Lynch (1988) complementa essa ideia ao enfatizar a importância da "legibilidade" e da "imageabilidade" dos elementos urbanos, como caminhos, pontos nodais e marcos, que ajudam a construir uma imagem clara e coesa da cidade na mente dos usuários. Lucrécia D'Aléssio Ferrara (1998) explora a semiótica do ambiente urbano, analisando como as características físicas, o uso e as transformações do espaço se relacionam com a percepção e a apropriação dos indivíduos. Por fim, Gordon Cullen (1983) aborda a experiência sensorial do espaço urbano, destacando a importância dos pontos focais e sua capacidade de criar conexões emocionais e afetivas com o ambiente. Juntos, esses autores contribuem para uma compreensão abrangente de como os marcos urbanos e os espaços públicos moldam a identidade e a memória coletiva das comunidades, especialmente em pequenos municípios.

Para entender o contexto urbano de Reriutaba/CE, apresentando histórias de como iniciou-se a sua ocupação, sua análise morfológica, o histórico de seu perfil socioeconômico e dados bioclimáticos do local, foi realizado o levantamento de pesquisas bibliográficas da cidade. Com relação aos documentos pesquisados serão levantados registros fotográficos antigos reriutabenses, acervos pessoais e de instituições públicas, assim como documentos referentes a construção da Praça Cel. Raimundo Rodrigues e as manutenções realizadas.

Essa etapa inclui, consulta a livros, artigos, publicações acadêmicas e outros documentos históricos que guardem registros da cidade de Reriutaba que servem como base para que possa ser compreendido o contexto em que se encontram esses recursos assim como o local em que estão encaixados na linha do tempo da história reriutabense.

A elaboração de questionários (Apêndice A) e a participação da população desempenham um papel fundamental na pesquisa, pois ajudam a compreender a vivência e o significado da praça como elementos importantes na dinâmica urbana de Reriutaba.

A coleta dos dados foi realizada por meio de questionários (Apêndice A), aplicados de forma presencial para garantir a participação ativa da população. O público-alvo inclui tanto os moradores que residem próximos à Praça Cel. Raimundo, quanto aos frequentadores ocasionais desse local. As perguntas foram elaboradas com o intuito de compreender a vivência e o significado desses elementos na dinâmica urbana de Reriutaba, explorando sua importância no cotidiano da cidade e sua influência na cultura local. Foram aplicados de forma presencial, com perguntas estruturadas e semiestruturadas, abordando temas como a frequência de uso, a importância desses locais no cotidiano, as memórias associadas a eles e sua relevância cultural. O público-alvo incluiu moradores do entorno, frequentadores assíduos e visitantes ocasionais, garantindo uma amostra diversificada que represente diferentes perspectivas sobre a praça.

Para entender a dinâmica da Praça Cel. Raimundo Rodrigues foi essencial a construção de um processo metodológico em etapas, combinando diferentes técnicas de coleta e análise de dados. Inicialmente, foi desenvolvido um levantamento preliminar por meio de observação participante, com o objetivo de compreender o fluxo de pessoas, os usos e as atividades que ocorrem nesses espaços. Essa etapa incluirá registros fotográficos, anotações sobre a interação das pessoas com os locais e a identificação de pontos de interesse, como áreas de convívio, rotas de acesso e elementos simbólicos.

Após a coleta dos dados, procedeu-se uma análise qualitativa e quantitativa, organizando as respostas dos questionários e entrevistas em categorias para identificar

padrões e temas recorrentes. Os mapas mentais serão interpretados para mapear as percepções espaciais e simbólicas da população. Por fim, os resultados são integrados em um relatório que destaca a dinâmica social, cultural e urbana da praça, evidenciando seu papel na identidade local e na experiência dos usuários. Essa abordagem permitirá uma compreensão abrangente desses espaços, considerando tanto aspectos físicos e funcionais quanto simbólicos e afetivos, a partir da perspectiva da população.

Por meio desses relatos e da observação in loco, busca-se identificar a importância da Praça Cel. Raimundo Rodrigues tanto para os moradores quanto para os frequentadores ocasionais, destacando seu papel no cotidiano da cidade. O objetivo é reunir documentos fotográficos que registram os marcos históricos, assim como os registros arquitetônicos e culturais de Reriutaba. A análise das fotografias e documentos encontrados existe com a intenção de identificar arquivos importantes da memória coletiva da cidade. Esses registros servem como base para destacar as características marcantes do patrimônio histórico-cultural, como edificações, paisagens e símbolos urbanos que tenham influência marcante na cidade. O recorte espacial deste trabalho engloba a área onde está localizada a Praça Cel. Raimundo Rodrigues como o local selecionado para a implantação do **estudo preliminar** do memorial fotográfico.

Para compreender o contexto do projeto, é essencial o levantamento de dados históricos e urbanísticos, com foco na evolução da cidade e no papel da Praça como elemento marcantes na vida urbana e no cotidiano reriutabense, assim como o entendimento das principais vias que influenciam no uso deste recorte urbano. Essa etapa envolve o estudo do traçado urbano na qual foi utilizado o software Google Earth para auxiliar em uma melhor observação visual. Também foram analisadas as dinâmicas sociais da praça e de sua relação com a população, observando hábitos, horários de pico de visitação e a maneira como a população utiliza este espaço público. Além disso, vê-se a necessidade de um estudo de observação e análise das características arquitetônicas locais, incluindo os materiais e técnicas construtivas predominantes na região.

É fundamental apresentar resultados que evidenciem os fatores urbanos relevantes, tais como topografia, uso e ocupação do solo, gabarito, sistema viário, iluminação e vegetação. Esses aspectos devem ser mapeados e detalhados ao longo do estudo, complementados por pesquisas de campo, que envolvem registros fotográficos, e por análises digitais, utilizando ferramentas como Google Earth e o Projetando Edificações Energeticamente Eficientes (ProjetEEE), além de programas como SOL-AR e QGIS. Essa metodologia integrada proporciona uma visão completa e minuciosa do

território, contribuindo para a criação de projetos que respondam de maneira eficaz às demandas identificadas. Também utilizamos ferramentas tecnológicas avançadas para aprimorar a pesquisa. Sistemas de Informação Geográfica (SIG) foram empregados para mapear e analisar dados espaciais, como fluxo de pessoas e uso do solo. A modelagem 3D elaborada com o auxílio do software Sketchup foi elemento crucial ao criar representações visuais da praça, facilitando a visualização de propostas de intervenção.

A partir dos dados coletados, busca-se definir estratégias projetuais que visam à preservação da memória e à ressignificação da praça como espaço público como por exemplo a alocação e permanência de mobiliários urbanos. O memorial fotográfico foi idealizado para integrar o patrimônio histórico ao contexto urbano da cidade, no entanto as estruturas que o acompanham deve manter uma relação com o seu entorno incluindo por exemplo, a escolha de materiais e formas projetuais que dialogam com o contexto urbano, podendo assim agregar valor à narrativa histórica por meio da exposição fotográfica. O projeto também deve considerar as potencialidades do espaço público, analisando o comportamento das pessoas que utilizam a praça e do público alvo e com base nessas análises definir o zoneamento e onde cada objeto ficará melhor alocado.

No contexto das implementações de memoriais; museus assim como outros equipamentos públicos, é fundamental considerar as legislações e normas que regem o desenvolvimento urbano e a construção de edifícios da cidade mais próxima. Para isso, é indispensável consultar documentos como o Código de Obras e Posturas do Município de Sobral (2000) e o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Sobral (1999), que estabelecem as diretrizes para o ordenamento territorial, a ocupação do solo e as condições técnicas para execução de obras. Além disso, é relevante seguir as orientações do Guia para Projetos de Arquitetura de Museus, publicado pelo Ministério do Turismo e Instituto Brasileiro de Museus (2020), que oferece parâmetros para a organização e coordenação de espaços culturais, garantindo acessibilidade, funcionalidade e integração com o entorno urbano. Essas referências, somadas a normas como a NBR 9050/2020 e as Instruções Normativas do Corpo de Bombeiros, asseguram que os projetos atendam às necessidades técnicas, legais e sociais, promovendo espaços seguros, acessíveis e alinhados ao desenvolvimento sustentável das cidades.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Fotografia como ferramenta de registro e preservação histórica urbana

A sustentação teórica deste trabalho tem como objetivo construir uma base conceitual necessária para compreender a proposta do projeto, explorando temas fundamentais que sustentam sua relevância. Para isso, o capítulo está dividido em três tópicos principais. A primeira abordagem da fotografia como uma ferramenta essencial de registro e preservação da história urbana, destacando seu papel na construção da memória coletiva. Em seguida, discute-se a arquitetura memorial, analisando sua função, simbolismo e impacto na identidade e nas memórias da comunidade. Por fim, o terceiro tópico trata dos espaços livres e públicos em pequenos municípios, explorando a importância dos marcos urbanos e dos elementos que conferem significado a esses lugares. Essa estrutura permitirá um aprofundamento teórico que contribuirá para o entendimento da proposta do memorial fotográfico e sua inserção no conteúdo.

Nenhuma obra de arte é contemplada com tanta atenção em nosso tempo como a imagem fotográfica de nós mesmos, de nossos parentes próximos, de nossos seres amados, escreveu Lichtwark, em 1907, removendo assim a investigação da esfera das distinções estéticas e transpondo-a para a das funções sociais. Só assim essa investigação poderá progredir. É específico que o debate tenha se concentrado na estética da “fotografia como arte”, ao passo que poucos se interessaram, por exemplo, pelo fato bem mais evidente da “arte como fotografia” (Benjamin, 1994, p. 7).

A reflexão de Walter Benjamin nos convida a pensar na fotografia não apenas como uma expressão artística, mas como um instrumento vital para a preservação da memória urbana, capaz de capturar e transmitir a essência de uma época, de uma comunidade e de seus espaços. A fotografia, em sua natureza dual, é tanto um registro objetivo quanto uma interpretação subjetiva da realidade. Ela congela momentos no tempo, preservando detalhes que, de outra forma, poderiam se perder no fluxo contínuo das transformações urbanas. Ao fazê-lo, ela não apenas documenta a materialidade das cidades suas ruas, prédios e monumentos, mas também encapsula as dinâmicas sociais, culturais e políticas que dão vida a esses espaços.

Quando visualizamos a fotografia, como registro e preservação histórica urbana, é revelada sua importância multifacetada: os registros fotográficos são documentos históricos, símbolos culturais, um meio de comunicação e um agente de transformação. Ao capturar e transmitir a essência das cidades, a fotografia não apenas preserva o passado, mas também contribui para a construção de um futuro conectado com suas raízes históricas. Essa ligação entre teoria e prática reforça a relevância do uso da fotografia como instrumento essencial para a preservação e valorização da memória urbana.

Para Silva e Andrade (2009), a ampliação do conceito de fontes históricas, impulsionada pela chamada “revolução documental”, redefiniu a maneira como os historiadores encaram os registros do passado, rompendo com a visão positivista que restringia as fontes apenas aos textos escritos. Agora, os documentos são examinados de forma mais ampla e crítica, não apenas pelo seu conteúdo evidente, mas como fragmentos que ajudam a reconstruir a história. Eles são, na verdade, produtos de uma sociedade específica, transportando em si as dinâmicas de poder e os aspectos sociais de sua época. Assim, o documento vai além de seu propósito original, assumindo o papel de um testemunho histórico deixado pelas gerações passadas. Somente quando analisado dentro de seu contexto, ele pode ser interpretado corretamente, permitindo que a memória coletiva o resgate. (Silva; Andrade, 2009).

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo suas relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto documento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (Le Goff, 1997).

Pelas fotografias, a arquitetura passou a ter a capacidade de circular o mundo de forma muito mais impactante e ‘real’, do que somente por gravuras e desenhos, oferecendo um grau de detalhamento e quantidade de informações incomparáveis. A arquitetura deixava de ser um objeto estático e passava a viajar pelo mundo oferecendo a quem desejasse uma visão ‘verdadeira’ de um objeto que estava distante (Vieira, 2012).

(...) começava a observar que a maioria das revistas – inclusive muitos livros de história da arquitetura – são quase que totalmente desprovidos de textos, e que estes, quando existem, costumam habitar os porões ou a parte dos fundos das fotografias impressas. Eram a mais pura figuração, tanto em verso e reverso. Quase não se lêem, só se vêem (Fuão, 2001. p.1).

É possível compreender que ato de fotografar transformou a maneira como a arquitetura é vista e compartilhada, a fotografia oferece uma segunda via de representação que quando comparada com desenhos e gravuras é nítida a contemplação da fidelidade aos materiais e texturas. Ao capturar a essência de edifícios e espaços urbanos, ela permite que a arquitetura “viaje” em livros, documentos, sites e revistas, tornando-se acessível a um público global como observa Vieira (2012). Aprimorando ainda mais o pensamento do autor, essa democratização do acesso ao patrimônio arquitetônico não apenas preserva a memória de estruturas que podem desaparecer, mas também inspira estudos, restauros e reinterpretações, enriquecendo o repertório cultural e técnico de profissionais e entusiastas.

Além de documentar a materialidade da arquitetura, a fotografia resgata seu significado simbólico e histórico, conectando passado, presente e futuro. Ela não apenas registra a forma física dos edifícios, mas também suas texturas, escalas e contextos, permitindo que a história das cidades seja contada e recontada através de imagens. Dessa forma, a fotografia se consolida de maneira marcante para a preservação da memória urbana, garantindo que a riqueza e a diversidade das cidades continuem a inspirar e educar as gerações futuras.

A fotografia ocupa um lugar interessante: pode ser considerada como fonte histórica, mas é, também, um símbolo, uma imagem e, como tal, pode ser vista e revista dentro dos mais diversos ângulos. Uma fotografia pode trazer de volta recordações familiares, bem como o “fundo da foto” pode ser uma fonte para “leitura” dos tipos de construção de prédios e do vestuário de uma determinada época, por exemplo (Silva; Andrade, 2009).

Uma única fotografia pode servir como documento histórico apresentando características de uma época ou comprovando um determinado fato histórico, apresentar informações sobre uma técnica construtiva específica ou uma solução arquitetônica para tratar e resolver os espaços ou estratégias urbanísticas aspectos mais valorizados por arquitetos e, além de oferecer essa quantidade de informações variadas, ser, também, uma expressão artística pelo valor estético que o autor (fotógrafo/operador) agregou ao registro fotográfico (Vieira 2012).

Essa reflexão final nos leva a considerar a fotografia não apenas como um meio de registro, mas como uma ferramenta ativa na construção e preservação da memória urbana, capaz de influenciar a percepção e a valorização do patrimônio arquitetônico e cultural. Como pontua César Vieira (2012), uma mesma imagem pode ser analisada sob diferentes prismas, desde a sua função documental até sua carga simbólica e estética. Esse caráter versátil da fotografia a transforma em um recurso valioso para a comunicação da história urbana, permitindo que futuras gerações tenham acesso a referências visuais do passado, a fotografia deve ser compreendida não apenas como uma ferramenta de registro estático, mas como um meio dinâmico, que se adapta às necessidades interpretativas e analíticas de diferentes áreas do conhecimento.

De acordo com o autor, para que uma fotografia seja efetivamente registrada, é essencial que três condições sejam atendidas. Inicialmente, destaca-se a necessidade de uma iluminação apropriada, visto que a luz é essencial para definir os objetos fotografados. Além disso, a distância entre o fotógrafo e o objeto precisa estar dentro do

campo de visão da lente, garantindo um enquadramento apropriado. Por fim, a composição da imagem deve ser cuidadosamente organizada a partir do ponto de vista escolhido, de modo a proporcionar um registro visual harmonioso e significativo. Assim, a simples disponibilidade dos elementos a serem fotografados não é suficiente se esses fatores não forem devidamente considerados Vieira (2012).

A fotografia, ao documentar o ambiente arquitetônico, contribui de maneira decisiva para a preservação dos parâmetros gráficos e conceituais da arquitetura. Nesse sentido, Felizardo (2000, p. 59) afirma: “Trata-se de afirmar, apenas, que o método potencialmente mais fiel e preciso de retraduzir o espaço construído para o plano, preservando os parâmetros gráficos da sua concepção, é a fotografia.”

Com o registo das cidades e consequente descoberta das diferentes interpretações que se podiam impor numa fotografia, arquitetos e fotógrafos experimentaram uma maior aproximação entre si. Esta aproximação baseou-se na discussão do sentido e significado de fotografar uma obra arquitetônica (Oliveira, 2012).

As fotos se tornam uma aliada da arquitetura ao permitir que edificações e espaços urbanos sejam preservados visualmente, mesmo quando sofrem intervenções ou desaparecem com o tempo. Assim, a fotografia se consolida como um meio indispensável à continuidade da memória urbana, possibilitando que futuras gerações compreendam as transformações das cidades e os ideais que nortearam sua evolução. Portanto, estes registros não são apenas um reflexo da realidade, mas também um meio de reinterpretar e de garantir sua perpetuação na história.

É indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela traz à tona. Um passado que revela, através do olhar fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido. Um sentido individual que envolve a escolha efetivamente realizada; e, outro, coletivo, que remete o sujeito à sua época. A fotografia, assim compreendida, deixa de ser imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo, tanto como imagem/documento quanto como imagem/monumento (CARDOSO, 1997, p. 406).

Reinterpretando o pensamento de Cardoso e Mauad (1997) ao documentar edifícios, ruas e espaços públicos, a fotografia contribui para reconstituir cenários urbanos desaparecidos, auxiliando em processos de restauração e preservação do patrimônio arquitetônico. Por outro lado, a fotografia como monumento adquire um valor simbólico que ultrapassa seu aspecto informativo. Ela não apenas registra, mas também constrói narrativas sobre a identidade de um lugar e de sua população. Seu poder de influência

pode reforçar a importância de determinados espaços, ao mesmo tempo em que silencia outros, contribuindo para a construção de uma memória coletiva seletiva.

Embora essencial para o registro e preservação da história urbana, os registros fotográficos carregam subjetividades e intenções de quem produz. Elementos como enquadramento, ângulo e iluminação influenciam a percepção da imagem, tornando-a uma construção visual em vez de um reflexo absoluto do passado. Além disso, a manipulação de elementos e edições pode direcionar mensagens específicas, exigindo uma análise crítica por parte dos pesquisadores. Assim, a fotografia não apenas documenta a história urbana, mas também a influencia, moldando a forma como cidades e patrimônios são compreendidos ao longo do tempo.

[...] as manipulações e interpretações de diferentes naturezas ocorrem ao longo da vida de uma fotografia [...] A fotografia é indiscutivelmente um meio de conhecimento do passado, mas não reúne em seu conteúdo o conhecimento definitivo dele [...] este conteúdo é o resultado final de uma seleção de possibilidades de ver, optar e fixar um certo aspecto da realidade primeira (KOSSOY, 2001, p. 112-113).

Silva e Andrade (2009) mencionam a seguinte reflexão:

De que maneira podemos empregar a fotografia como instrumento para resgatar e compreender de forma mais profunda as transformações do espaço ao longo do tempo? Como a representação visual de uma paisagem urbana pode contribuir para reconstruir e interpretar com maior clareza a história de um lugar específico? (Silva; Andrade, 2009).

No entanto, a partir do momento em que existe o registro fotográfico, temos mais uma ferramenta, no caso específico deste trabalho, que pode nos ajudar na discussão tanto da relação entre o global e o local, como de sua temporalidade e/ou de sua contribuição para analisar as questões que envolvem situações de conflito entre o público e o privado.

Conforme destacam Silva e Andrade, o uso de imagens, em especial da fotografia, vai além de um simples recurso ilustrativo, constituindo-se em instrumento fundamental para a análise e reflexão sobre contextos e períodos históricos. Em vez de serem apenas complementos visuais de um texto, as fotografias devem ser valorizadas como fontes primárias de informação, capazes de suscitar reflexões e interpretações sobre os acontecimentos registrados. Dessa forma, a abordagem proposta busca enfatizar o papel ativo das imagens na construção do conhecimento histórico, permitindo que elas sejam o ponto de partida para investigações e debates mais aprofundados (Silva; Andrade, 2009).

O reconhecimento da fotografia enquanto meio promocional da arquitetura, foi acompanhado por um aumento exponencial da criatividade, em favor da percepção do trabalho do arquiteto. Refletiu-se numa cada vez maior intervenção dos arquitetos no processo, uma vez que reconheciam ali, a sua principal fonte de promoção perante o resto do mundo. Começaram, eles próprios, a usar a máquina fotográfica como uma ferramenta

de trabalho para os seus projetos, sem, contudo, destituir os fotógrafos especializados da sua meritória posição (Oliveira, 2012).

Oliveira (2012) destaca que ao assumirem o controle parcial do processo fotográfico, os arquitetos passaram a utilizar a fotografia como uma extensão de seu trabalho criativo, destacando aspectos específicos de suas obras que desejavam promover. Essa colaboração entre arquitetos e fotógrafos, embora mantendo as especialidades de cada um, demonstra como a fotografia se tornou um elemento indispensável na valorização e difusão da arquitetura, contribuindo para a preservação de sua memória e relevância cultural.

A fotografia não era, de início, reconhecida pelos futuristas como forma de arte, mas sim como meio de propaganda, assim como os arquitetos a viam. Eram registradas as atividades do grupo e os seus membros posavam para retratos, que eram posteriormente distribuídos como postais de divulgação. Contudo, os fotógrafos encontraram neste movimento um novo desafio.

Retomando a perspectiva de Oliveira (2012), a visão primária da fotografia como recurso de propaganda, e não como expressão artística, demonstra uma etapa em que sua utilidade prática era prioritária. No entanto, mesmo nesse contexto, os fotógrafos começaram a explorar novas possibilidades criativas, transformando a fotografia em um meio de expressão que ultrapassa sua mera função documental. Essa evolução é crucial para entender como a fotografia passou a ser vista não apenas como um recurso técnico, mas também como uma linguagem capaz de capturar e transmitir a essência de movimentos culturais e arquitetônicos, consolidando-se como uma ferramenta de registro e preservação histórica.

Para Eric de Maré (1961), o fotógrafo tinha esta responsabilidade social, a de alargar horizontes no que diz respeito à evolução da arquitetura e de todo o tipo de estruturas que poderiam ter existido no passado e permanecer no presente. A máquina tinha o dom de revelar pormenores que, ao comum dos mortais, poderiam passar despercebidos, como por exemplo o drama do contraste quando os raios de sol, do final de tarde, lutam arduamente com um conjunto de casas campestres, em contraste com um céu de tempestade.

A reflexão de Maré (1961) destaca o papel do fotógrafo como um agente social, cuja missão vai além do registro técnico. Ao capturar detalhes que muitas vezes passam despercebidos, o fotógrafo revela a poesia e a complexidade da arquitetura, transformando-a em um objeto de contemplação e reflexão. Essa capacidade de destacar

nuances e contrastes não apenas enriquece a percepção da arquitetura, mas também contribui para a preservação de sua memória, ao registrar aspectos que poderiam ser perdidos com o tempo. Assim, a fotografia assume uma função educativa e sensibilizadora, ampliando o olhar do público sobre o patrimônio construído.

Com a invenção da fotografia, a arquitetura passou a ser um objeto fotográfico por excelência. Tanto porque os meios mecânicos, inicialmente, obrigavam a longas exposições, como pelo facto de a arquitetura ser caracterizadora de um lugar, de uma época temporal, reflexo de uma cultura e permanecer inerte à espera de ser registrada fotograficamente. É algo tridimensional, pertencente a um espaço, que não é transportável de outra forma, que não através da fotografia ou do desenho. Ou seja, esta relação entre fotografia e arquitetura desenvolveu-se para colmatar necessidades mútuas (Oliveira, 2012).

A relação simbiótica entre fotografia e arquitetura evidencia como ambas as disciplinas se complementam. Como Ana Mafalda Oliveira (2012) afirma, a fotografia, ao capturar a tridimensionalidade e a imobilidade da arquitetura, permite que ela seja transportada e compartilhada além de seus limites físicos. Essa capacidade de “transportar” a arquitetura através das imagens é fundamental para a preservação histórica, pois garante que edifícios e espaços urbanos possam ser estudados, apreciados e valorizados mesmo à distância. Além disso, a fotografia documenta não apenas a forma, mas também o contexto cultural e temporal da arquitetura, reforçando seu papel como testemunho histórico e cultural. Dessa forma, a fotografia pode consolidar como uma ferramenta essencial para a preservação e difusão do patrimônio arquitetônico.

3.2 Arquitetura memorial: função, simbolismo e impacto na memória coletiva

Segundo Maurice Halbwachs (2013), não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.

Memorial é como denominamos algo relativo à memória ou àquilo que merece ser lembrado. O termo, como substantivo, designa a narração de acontecimentos ou de histórias de pessoas que não podem ser esquecidas, ou ainda o suporte destas narrativas: um monumento de pedra, um quadro, um livro ou mesmo uma pequena anotação. Como adjetivo, a palavra tem servido, no Brasil e nos últimos anos, para definir os acervos de documentos (em todos

os suportes, sejam eles bidimensionais ou não) que se inscrevem no processo de construção da memória coletiva e são o material para a escrita da história e para a formação de uma consciência histórica (Halbwachs, 2013).

A preservação da memória vai além de simplesmente juntar fragmentos do passado. Como também destaca Maurice Halbwachs (2013), para que uma lembrança tenha significado, ela precisa estar conectada a referências compartilhadas dentro de um grupo ou sociedade. Ou seja, a memória não é algo individual e isolado, mas sim um processo coletivo, que se mantém vivo através das interações entre as pessoas. É esse compartilhamento constante que permite que certos acontecimentos continuem presentes na identidade de um povo.

Assim, os memoriais configuram-se como elementos indispensáveis, pois além de conservar registros históricos, possibilitam que essas memórias sejam reativadas e ressignificadas pelos visitantes. Ao possibilitarem essa troca entre o passado e o presente, eles reforçam o sentimento de pertencimento e ajudam a construir a identidade coletiva, alinhando-se à ideia de que a memória só se mantém viva quando é compartilhada e vivenciada em sociedade.

Pierre Nora (1997) observa que as sociedades contemporâneas demonstram um forte desejo de compreender sua própria história. Essa análise descobriu, há algum tempo, em uma verdadeira obsessão pela preservação de arquivos, características que trouxeram novos desafios para os historiadores, de acordo com o autor:

À medida mesmo em que desaparece a memória tradicional, nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais proliferante devesse tornar-se não se sabe que prova em não se sabe que tribunal da história. O sagrado investiu-se no vestígio que é a sua negação. Impossível prever o que será necessário lembrar-se. Daí a inibição em destruir, a constituição de tudo em arquivos, a dilatação indiferenciada do campo do memorável, o inchamento hipertrófico da função de memória, ligado ao próprio sentimento de sua perda, e o reforço correlativo de todas as instituições de memória (Nora, 1997, p. 16).

Com o desaparecimento gradual da memória tradicional, surge uma necessidade quase obsessiva de preservar registros do passado. Como aponta Nora (1997), acumulamos documentos, imagens e relatos como se estivéssemos reunindo provas para um julgamento incorreto da história. Esse desejo de guardar tudo reflete um paradoxo: quanto mais sentimos que a memória está se perdendo, mais nos esforçamos para registrá-la e protegê-la. Isso resulta na criação de vastos arquivos e na ampliação do que consideramos digno de ser lembrado, tornando a memória um campo cada vez mais amplo e, ao mesmo tempo, mais fragmentado.

Nesse contexto, os memoriais ganham ainda mais importância, pois não apenas armazenam vestígios do passado, mas também dão significado a eles, organizando e interpretando essas memórias para que continuem relevantes para a sociedade. Eles funcionam como pontes entre o que foi e o que permanece, ajudando a transformar a acumulação de registros em uma narrativa acessível e compartilhada, evitando que a memória se perca em meio ao excesso de informações.

Consideram-se museus, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009 apud Guia para Projetos de Arquitetura de Museus, 2020, p. 05).

Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, monumentos, santuários, associações, são os testemunhos brutos de uma época, ilusões de eternidade. De onde o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São rituais de uma sociedade sem rituais... diferenciações de acontecimentos numa sociedade que nivela por princípio... signos de reconhecimento e pertencimento de grupo numa sociedade que tende a não reconhecer senão indivíduos iguais e idênticos (Nora, 1997, p 29).

A afirmação de Pierre Nora sugere que, nas sociedades tradicionais, a memória era algo orgânica, transmitida naturalmente entre gerações por meio da oralidade, das práticas culturais e do cotidiano (Nora, 1997). No entanto, com as transformações da modernidade, incluindo a prosperidade do tempo, a fragmentação das experiências e a valorização do registro escrito sobre a transmissão oral, a memória passou a ser externalizada e institucionalizada.

A necessidade de preservar o passado de maneira deliberada surgiu como resposta à ausência de meios naturais de manutenção da memória coletiva, o que levou à criação de espaços e monumentos que funcionam como guardiões de uma identidade cultural. Esses lugares resgatam memórias e as perpetuam ao longo do tempo. Nesse sentido, Nora (1997, p. 23) afirma que "existem lugares de memória porque não há mais meios para a memória... se ainda habitássemos nossa memória, não haveria necessidade de consagrar os lugares".

No Brasil, a primeira experiência museológica registrada remonta ao século XVII, período da dominação holandesa em Pernambuco, com a implantação de um museu no Palácio de Vrijburg (Palácio das Torres), o qual abrigava exposições da fauna e da flora, pinturas holandesas e ainda um observatório astronômico (ver Figura 03).

Figura 3 – Palácio de Friburgo em detalhe de gravura.



Fonte: Frans Post (c. 1643)

A criação do primeiro museu brasileiro, entretanto, se deu após a chegada da família real portuguesa, com a criação do Museu Real (atual Museu Nacional da Quinta da Boa Vista) no Rio de Janeiro, em 1818 (IBRAM, 2014).

O conceito de **museu interativo**, conforme descrito na literatura, emergiu como uma resposta à transformação e à dissolução do modelo tradicional de museu. De acordo com Montaner (2003), o museu tradicional pode ser analisado a partir de duas principais perspectivas, que refletem tanto sua estrutura física quanto sua função no contexto cultural e educativo. Essa transição marca uma mudança significativa na forma como o público interage com o conhecimento e a memória, promovendo uma experiência mais dinâmica e participativa:

Seja desmaterializando-se o contendor e realizando uma museografia que prescindia dos originais e se fundamente em 16 dioramas e projeções, transparência e translucidez, réplicas e reproduções, seja recusando-se a colecionar objetos, mas apenas obras de arte audiovisual ou que escapem a qualquer suporte tradicional (Montaner, 2003, p.130).

Os memoriais, assim como os museus, desempenham um papel fundamental na democratização do acesso à cultura. Com suas coleções de objetos, documentos, salas e galerias destinadas a exposições, esses espaços não apenas promovem o conhecimento, mas também cumprem a importante missão de preservar a memória coletiva e manter viva a história, assegurando sua transmissão às futuras gerações.

Existem algumas características marcantes nos memoriais, sendo mais relevante o fato de que em um memorial existe uma unidade no que se refere ao seu acervo, ou seja, embora apresentem exposições temporárias ou permanentes, existe um elo entre estas. Por exemplo, O Memorial da

Resistência Alemã aborda exposições cujo tema é a resistência ao nazismo, O Memorial da Resistência de 34 Mossoró, a resistência ao cangaço e o Memorial Fernando Santa Cruz abrigará exposições cujo foco será a resistência à ditadura militar brasileira. Embora não seja comum, as exposições temporárias podem fugir à regra (Cruz, 2017, p. 33).

A característica básica de um museu é a reunião de artefatos, do patrimônio natural, intelectual e/ou utilitário humanos, enquanto a do memorial é a celebração da memória, de um fato ou personagem, seja através de um espaço de caráter monumental, seja através de seu acervo. Nota-se que há memoriais que não possuem acervos, mas um museu necessariamente o tem (Sousa, 2005).

Seguindo a perspectiva de Pablo Sousa (2005), essa distinção evidencia que os memoriais atuam mais no campo da evocação e do significado, enquanto os museus são voltados para a preservação e exposição de bens materiais. No entanto, ambos se complementam ao proporcionar espaços de reflexão, aprendizado e valorização do passado. Assim, cumprem um papel essencial na construção da memória coletiva, garantindo que acontecimentos e figuras históricas permaneçam vivos no imaginário social.

Funcionando como um repositório privilegiado de registros fotográficos da arquitetura e da história urbana, o memorial contribui em grande aspecto para a preservação e reinterpretação da identidade da cidade, ao mesmo tempo em que fomenta a consolidação da memória coletiva como elemento estruturante da experiência urbana. A cidade está em constante transformação, e muitas vezes, sem que nos demos conta, edifícios históricos são demolidos, fachadas são alteradas e espaços que marcaram gerações desapareceram. As fotografias funcionam como testemunhos visuais dessas mudanças, permitindo que as novas gerações conheçam e compreendam o passado de sua cidade. Mais do que um simples acervo de imagens, um memorial desse tipo permite que os moradores e visitantes se conectem com a história local, valorizem o patrimônio especializado e reflitam sobre a importância de sua preservação.

Além disso, ao reunir e expor esses registros, o memorial se torna um **marco de memória** dentro da cidade, um espaço onde o passado e o presente se encontram. Como destaca Halbwachs (2013), a memória não é algo apenas individual, mas um processo coletivo que ganha sentido quando é compartilhado. Dessa forma, ao preservar essas imagens e histórias, o memorial não só resgata a trajetória urbana, mas também fortalece a identidade cultural da comunidade, ajudando a manter viva a memória dos espaços que moldaram a cidade ao longo do tempo.

3.3 Espaços livres e públicos em pequenos municípios: Marcos urbanos, elementos e significados

Em uma comunidade existem marcas, objetos e locais específicos que se particularizam por manter um processo relacional circular interativo onde caracterizam os indivíduos e grupos e ao mesmo tempo são por eles caracterizados. Denominados marcos referenciais estes locais possuem esta propriedade de convergência espaço-temporal que é produzida conforme seja a relação e a percepção da população. Para além do caráter de informação, de localização ou de deslocamento que definem o uso dos marcos referenciais, é possível supor que produzam alguma influência na própria estruturação socioespacial da cidade (Silva, 2002).

Dentro de uma comunidade, certos lugares, objetos e símbolos se tornam referências importantes porque fazem parte da identidade coletiva. Esses marcos referenciais não apenas ajudam as pessoas a se localizarem no espaço urbano, mas também carregam significados históricos, culturais e emocionais. Eles são moldados pela convivência e pelas interações sociais, ao mesmo tempo em que influenciam a forma como os indivíduos e grupos se percebem e se relacionam com a cidade. Como destaca Jussara Maria Silva (2002), esses elementos não são apenas pontos de referência físicos, mas também participam da construção da estrutura social e espacial do ambiente urbano.

Partindo dessa percepção, os memoriais cumprem uma função semelhante, pois vão além de simples espaços expositivos e se tornam marcos de memória coletiva. Segundo Kevin Lynch (1988, p.3) marcos são “pontos de referência considerados externos ao observador, são apenas elementos físicos cuja escala pode ser bastante variável”. Eles resgatam e reforçam a identidade de uma comunidade ao preservar e dar visibilidade a eventos, personagens e narrativas que marcaram determinado contexto. Assim como os marcos referenciais influenciam a organização urbana e a forma como as pessoas experienciam a cidade, os memoriais ajudam a fortalecer o vínculo entre passado e presente, garantindo que a memória continue ativa no imaginário social.

Kevin Lynch preocupou-se com a qualidade visual de três cidades americanas: Boston, Los Angeles e Jersey City. Ele analisou como os traços físicos de suas paisagens eram percebidos pelos usuários. O conceito central de seu trabalho foi a “legibilidade” do ambiente urbano. Para o autor uma cidade só é “legível” se puder ser “imaginável”, ou seja, é necessário que haja clareza física na imagem. Em seu livro *Imagem da Cidade*, Lynch apresenta um método para a descrição da imagem mental a partir da percepção pelos usuários dos elementos da cidade: **caminhos, pontos nodais, bairros, limites e marcos**. Esta percepção é apreendida através de relatos descritivos e desenho de mapas mentais esquemáticos (Silva, 2002, p. 03).

Para Kevin Lynch (1988) os marcos urbanos são elementos que se destacam na paisagem e auxiliam na orientação dos indivíduos dentro da cidade. A escolha desses marcos ocorre entre diversas possibilidades, mas sua principal característica é a singularidade ou seja, precisam possuir um aspecto único e memorável no contexto em que estão inseridos. A identificação desses elementos torna-se mais fácil quando há um contraste evidente em relação ao ambiente ao redor, seja pela diferença de escala, forma ou estado de conservação. Um edifício contemporâneo em meio a construções históricas ou um monumento preservado em uma cidade degradada são exemplos de marcos que se tornam facilmente reconhecíveis.

Ainda sobre o pensamento de Lynch, os marcos podem ser classificados de duas formas principais. A primeira refere-se àqueles que são visíveis a partir de diversos pontos da cidade, tornando sua localização um fator determinante para sua identificação. Já a segunda forma está relacionada ao contraste local, no qual a diferenciação em relação aos elementos vizinhos, seja por altura, volumetria ou alinhamento, confere ao marco um caráter distinto. Além de facilitar a orientação espacial, um marco pode ganhar ainda mais relevância quando desempenha um papel na definição dos percursos urbanos, auxiliando os indivíduos na escolha do trajeto a seguir. Sua importância também se intensifica quando está associado a um significado histórico ou cultural, reforçando sua presença na memória coletiva da população e contribuindo para a identidade da cidade.

No que diz respeito à memória, Michael Pollak (1992), em conformidade com as concepções de Maurice Halbwachs, explica que, embora pareça um fenômeno individual, a memória deve ser entendida, também, ou, sobretudo, como um fenômeno social, construído coletivamente e submetido a flutuações constantes (Pollak, 1992). O autor afirma que, na maioria das memórias, existem marcos ou referências invariantes que a inserem na memória da coletividade. São os elementos constitutivos da memória, em primeiro lugar, os acontecimentos vividos pessoalmente ou pelo grupo ao qual o indivíduo se sente parte; em segundo lugar, as pessoas, os personagens; e, finalmente, os lugares de memória, como os monumentos e o patrimônio arquitetônico. Tais elementos constitutivos da memória podem ser tomados como indicadores empíricos da memória coletiva, uma vez que, ao definir o que é comum ao grupo, ou diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e coesão social (Pollak, 1992 apud Vasconcelos Neto, 2016).

A cidade é um acúmulo de signos que contextualizam o ambiente, qualificando o espaço e sua consequente identificação física, social, cultural e econômica. Estas

características de identificação da cidade, seu uso, suas transformações e suas relações podem ser apreendidas pela Semiótica e quando mapeadas e analisadas tornam-se importante instrumento para o planejamento urbano (Silva, 2002).

Para Ferrara (1988), a semiótica do ambiente urbano procura pesquisar a relação entre três unidades básicas e interdependentes: as características físicas, o uso e as transformações do ambiente urbano (Ferrara, 1988). A semiótica do ambiente urbano, segundo Ferrara (1988), busca compreender a cidade a partir da articulação entre três unidades fundamentais e interdependentes: as características físicas do espaço, o uso que dele se faz e as transformações que ocorrem ao longo do tempo. Essa abordagem reconhece que o espaço urbano não é apenas um cenário neutro onde a vida acontece, mas um sistema dinâmico de signos que refletem e condicionam as práticas sociais, os valores culturais e as estruturas de poder. As formas construídas, as funções atribuídas aos lugares e as modificações que esses espaços sofrem são, portanto, componentes essenciais para a leitura da cidade como texto.

A essa perspectiva, Silva (2002, p. 7) acrescenta que “é através das marcas, sinais, índices dispersos e impressos na cidade, que passam a ser os signos de representação do urbano, que se pode verificar as alterações dos impactos físicos, econômicos, políticos, sociais e culturais.” Essa afirmação amplia a compreensão do espaço urbano como repositório de significados múltiplos, que se manifestam por meio de vestígios materiais, simbólicos e funcionais. Cada elemento presente no espaço, como fachadas, praças, monumentos e infraestruturas, pode ser interpretado como signo e revela camadas de sentido que ajudam a decifrar a história e a identidade de uma cidade. e revela camadas de sentido que ajudam a decifrar a história e a identidade de uma cidade. Assim, tanto Ferrara (1988) quanto Silva (2002) contribuem para a construção de um olhar mais crítico e sensível sobre os ambientes urbanos, destacando a importância da leitura semiótica como ferramenta de análise nas pesquisas urbanísticas e patrimoniais.

Silva (2002) ainda menciona que a teoria de Lynch busca compreender a cidade a partir da perspectiva do usuário, analisando como ele percebe, sente e interage com o ambiente urbano. Essa abordagem se conecta diretamente à semiótica da cidade, que entende o espaço urbano como um acúmulo de signos que qualificam e identificam fisicamente, socialmente, culturalmente e economicamente o ambiente. A relação entre as características físicas, o uso e as transformações do espaço urbano são essenciais para entender como os indivíduos se apropriam da cidade e constroem sua experiência nela. Assim, os elementos urbanos funcionam como marcas e sinais que refletem as dinâmicas

sociais, econômicas e culturais, tornando-se instrumentos valiosos para o planejamento urbano e para a criação de ambientes mais legíveis e significativos para seus usuários (Silva, 2002).

Em outra ótica, segundo Lynch (1997), os marcos são pontos de referência na cidade que ajudam as pessoas a se localizar. Eles são elementos físicos que podem ter diferentes tamanhos, mas o que realmente importa é que sejam únicos e fáceis de lembrar. Além disso, ele destaca que a repetição e a continuidade desses marcos ao longo do caminho ajudam na memorização do espaço. Outro ponto importante é a “legibilidade” da cidade, ou seja, o quão fácil é para alguém reconhecer e entender os elementos visuais ao seu redor. Quanto mais marcante for um objeto na paisagem urbana, mais ele contribui para a construção de uma imagem clara e forte da cidade na mente das pessoas, um conceito que Lynch chama de “imageabilidade”.

Gordon Cullen (1983), por outro lado, usa uma abordagem diferente e define o ‘ponto focal’ como um símbolo vertical que representa a convergência. Ele diz que esse elemento ‘define a situação e surge como uma confirmação’. Lynch (1997) foca mais na ‘legibilidade’ dos elementos visuais, ou seja, na facilidade de entender e interpretar a imagem da cidade. Ele destaca a importância da qualidade e do significado desses elementos para quem observa, além da relação entre o objeto e o contexto em que ele está inserido.

Considerando as contribuições de Cullen (1983) e Lynch (1997), é possível afirmar que os marcos visuais desempenham um papel essencial na construção da identidade urbana e na experiência dos indivíduos com o espaço da cidade. Esses elementos não apenas auxiliam na orientação e organização do ambiente urbano, mas também funcionam como pontos de referência que facilitam a conexão emocional e afetiva das pessoas com o local. Quando um marco visual é adequadamente planejado e integrado ao contexto, ele transcende sua função física, tornando-se um símbolo que reforça a memória coletiva e o sentimento de pertencimento.

No entanto, é importante ressaltar que a eficácia desses marcos depende diretamente de sua relação com o entorno e com os usuários do espaço. Como destaca Cullen (1983), a percepção sensorial do indivíduo é fundamental para a compreensão do espaço urbano, indo além da dimensão visual. Um marco visual não precisa necessariamente ser monumental ou chamativo para ser significativo; sua relevância pode estar na simplicidade, na repetição ou na harmonia com o ambiente. Lynch (1997) complementa essa ideia ao enfatizar a importância da ‘legibilidade’ e da ‘imageabilidade’

da cidade, ou seja, a clareza e a facilidade com que os elementos urbanos são reconhecidos e interpretados pelos observadores. Ele também ressalta que a repetição e a continuidade desses marcos ao longo dos percursos urbanos contribuem para a formação de uma imagem mental clara e coesa da cidade.

Portanto, ao analisar a importância dos marcos visuais, é fundamental considerar não apenas sua presença física, mas também seu papel na dinâmica social e cultural da comunidade. Esses elementos devem ser concebidos de maneira a promover a interação, contar histórias e, acima de tudo, fazer sentido para aqueles que vivem e circulam no espaço urbano.

4. CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE DE RERIUTABA/CE

Este capítulo dedica-se à análise do contexto urbano no qual a edificação está inserida, oferecendo uma compreensão mais ampla sobre os aspectos que influenciam direta ou indiretamente o desenvolvimento do projeto. A abordagem inicia-se com um resgate histórico, apresentando os principais marcos que contribuíram para a formação e consolidação do município, desde seus primórdios até os dias atuais. Em seguida, procede-se a uma análise morfológica do tecido urbano, utilizando mapas temáticos que possibilitam a leitura da ocupação territorial, da hierarquia viária e da configuração espacial da área estudada. Na sequência, é dado destaque ao patrimônio histórico e cultural existente no entorno, com ênfase na valorização de elementos arquitetônicos e simbólicos que compõem a identidade local. Por fim, são apresentadas informações relevantes sobre o perfil socioeconômico da população residente, bem como dados climáticos que caracterizam a região, elementos fundamentais para subsidiar decisões projetuais e estratégias de intervenção urbana mais sensíveis e contextualizadas.

4.1 Histórico do município de Reriutaba

A história de Reriutaba tem origem no final do século XIX, quando a localidade era conhecida como Fazenda Santa Cruz, situada entre os maciços da Serra da Ibiapaba e da Serra do Araripe, no sertão cearense. A área pertencia ao coronel José Teodoro Soares, figura de destaque na política regional e proprietário de amplas extensões de terra no estado do Ceará. Conforme relatado por Silvana Ximenes Gomes (2023), foi a partir dessa propriedade rural que se estruturou o embrião do atual município.

A localização geográfica da fazenda próxima a rios, nascentes e com terras de fertilidade relativa contribuiu decisivamente para a fixação dos primeiros habitantes, principalmente lavradores e criadores de gado. Um marco importante para a consolidação do núcleo urbano foi a construção da Capela de Santa Cruz, erguida a pedido do coronel, que serviu como referência simbólica e religiosa para os moradores. A partir desse templo, o povoado começou a se expandir com o surgimento das primeiras moradias (Gomes, 2023).

Com o passar dos anos, o povoado tornou-se ponto estratégico de parada para tropeiros e comerciantes que circulavam entre os municípios de Sobral, Ipu e Guaraciaba do Norte, o que incentivou a formação de feiras e o desenvolvimento de um comércio rudimentar. Esse fluxo constante de pessoas impulsionou o crescimento do povoado e

favoreceu a consolidação de uma identidade social e cultural baseada na religiosidade, no trabalho agrícola e na valorização da terra (Reriutaba, 2023).

Conforme aponta Silvana Ximenes Gomes (2023), o coronel José Teodoro Soares foi figura fundamental no processo de formação histórica do município de Reriutaba. Homem de grande prestígio político e proprietário de vastas extensões de terra, foi o responsável pela fundação do antigo povoado de Santa Cruz, atual sede municipal. Após uma tentativa inicial malsucedida de povoamento em uma área de relevo acidentado conhecida como “Sarapó”, escolheu uma região mais plana, onde construiu as primeiras edificações da atual rua Coronel José Teodoro Soares. Nesse local fixou residência com sua família e iniciou o planejamento do núcleo urbano, articulando a instalação de equipamentos públicos e religiosos, como o mercado, prédios comerciais, a sede da Prefeitura, o Fórum, o Cartório e a igreja matriz, cuja construção liderou.

Ainda de acordo com Gomes (2023), a primeira escola do município foi construída por José Teodoro Soares. Denominada Instituto Santo António, localizava-se na atual rua 25 de Setembro. Essa iniciativa representou um marco importante no processo de consolidação do povoado, sendo um dos primeiros equipamentos voltados à educação formal na localidade.

Figura 4 – Cel José Teodoro Soares - o fundador da cidade.



Fonte: Prefeitura de Reriutaba (2025).

Figura de destaque na história regional, José Teodoro Soares exerceu uma liderança que ultrapassava o poder econômico. Como destaca Gomes (2023), sua atuação política esteve voltada à promoção do desenvolvimento do povoado de Santa Cruz, especialmente por meio da instalação de instituições públicas e da mediação de conflitos fundiários. Sua influência foi determinante para a elevação do povoado à categoria de distrito, vinculado ao município de Ipú, processo anterior à emancipação política da localidade. A criação do município de Santa Cruz ocorreu oficialmente por meio da Lei Estadual nº 2.056, de 11 de novembro de 1922, sendo instalada a primeira Câmara Municipal em 25 de setembro de 1923.

O nome Reriutaba tem origem na língua indígena e faz alusão ao povo indígena Reriú, que habitava a região onde hoje se localiza o município. A etimologia do termo combina “Reriús” (referente ao povo) com “taba” (palavra de origem tupi que significa “aldeia”), formando assim o significado de “Aldeia dos Reriús”. Essa nomenclatura expressa a forte presença e influência indígena no território antes da colonização europeia (Gomes, 2023).

Conforme relata Silvana Ximenes Gomes (2023), a primeira denominação oficial da localidade foi Santa Cruz, atribuída por volta de 17 de fevereiro de 1895, data presumida da criação do cartório de registro civil, quando o povoado ainda integrava o município de Campo Grande, hoje Guaraciaba do Norte. Esse marco representa o início da institucionalização do território, antecedendo sua emancipação política.

A ocupação inicial da região deu-se com Francisco Oliveira Vasconcelos, proprietário de três léguas de terra, onde estabeleceu a fazenda de criação denominada “Santa Cruz”. A extensão territorial compreendia áreas atualmente conhecidas como “Pelo Sinal” e “Livre-nos Deus”, sendo esta última correspondente ao atual Açude do Mato. Ainda segundo a autora, o processo de colonização foi ampliado com a chegada de famílias oriundas de Portugal e de Pernambuco, refletindo o perfil migratório atrelado às atividades agropecuárias e à estrutura fundiária vigente na época (Gomes, 2023).

Ainda de acordo com Gomes (2023), a elevação do povoado à categoria de município ocorreu em 11 de novembro de 1922, por meio da Lei Estadual nº 2.056, sendo a primeira Câmara Municipal instalada no ano seguinte, em 1923. No entanto, essa autonomia foi interrompida em 1931, quando o Decreto nº 193 extinguiu o município, reincorporando seu território a Campo Grande e rebaixando Santa Cruz novamente à

condição de povoado. O restabelecimento da autonomia municipal ocorreu em 1935, sendo confirmado pelo Decreto-Lei nº 448, de 1938, que conferiu à vila o status de cidade.

O reconhecimento formal dessa trajetória histórica culminou na emancipação política de Reriutaba, ocorrida no dia 22 de outubro de 1923, data em que o município foi desmembrado de Santa Quitéria, conforme registro oficial da Prefeitura Municipal (Reriutaba, 2023). Desde então, Reriutaba desenvolveu-se como um centro urbano de relevância regional, preservando em sua memória coletiva os símbolos de sua origem rural e religiosa.

A adoção do nome “Reriutaba” foi oficializada em 1943, pelo Decreto-Lei nº 1.114, no contexto do movimento de valorização das origens indígenas da localidade. (Reriutaba, 2023). Essa alteração também se inseriu no processo de revisão do quadro territorial brasileiro, determinado pelo Decreto-Lei nº 3.599, de 6 de setembro de 1941, durante o governo de Getúlio Vargas, que incumbiu o Conselho Nacional de Geografia de eliminar duplicidades na nomenclatura de cidades e vilas, a fim de padronizar os topônimos e evitar confusões administrativas. Em 1951, o nome foi modificado para “Santa Cruz do Norte”, por força da Lei nº 1.153, denominação que perdurou até 1956, quando a Lei nº 3.516 restabeleceu oficialmente o topônimo “Reriutaba”, reconhecendo seu valor simbólico e cultural, atrelado à antiga designação indígena (Gomes, 2023).

4.2. Formação Urbana e Social

O desenvolvimento urbano inicial de Reriutaba organizou-se em torno de três elementos estruturantes: a capela de Santa Cruz, as primeiras vias de circulação e a feira livre. Conforme descrito por Silvana Ximenes Gomes (2023), a capela, erguida por meio de esforços comunitários e recursos locais, assumiu papel central tanto simbólico quanto espacial no povoado nascente. Ao seu redor, consolidaram-se as primeiras ruas, como a atual Rua do Comércio, onde se instalaram armazéns e casas de taipa, configurando um traçado simples, mas funcional, orientado pela proximidade à igreja, pela facilidade de acesso à feira e pelas ligações com as rotas que levavam a Ipú e Sobral.

Figura 5 – Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Fonte: Acervo pessoal de Luiz Lopes Filho (1934).

A feira livre, ainda segundo Gomes (2023), resultante da troca de produtos entre moradores e viajantes (ver Figura 06). Com o passar do tempo, tornou-se um evento semanal de grande relevância para a região, atraindo frequentadores de localidades vizinhas e impulsionando a economia local. Nesse contexto, surgiram pequenos estabelecimentos comerciais, como bodegas, açougues e depósitos de cereais, marcando um processo inicial de urbanização.

Figura 6 – Feira livre no centro de Reriutaba



Fonte: Acervo pessoal de Francival Pontes, período não determinado.

A continuidade da feira nesse espaço tradicional reforça seu papel simbólico e funcional, sendo um dos principais palcos da sociabilidade local. Além de produtos alimentícios, vestuário e utensílios domésticos, o local abriga encontros entre feirantes, consumidores e visitantes, configurando-se como um importante elemento do patrimônio imaterial de Reriutaba. A feira, portanto, não apenas resiste ao tempo, como se reafirma, semanalmente, como expressão viva da cultura e da economia popular do município. Podemos perceber a permanência da localidade da feira quando comparamos a Figuras 06 e Figura 07 contemplando o mesmo recorte da cidade onde sempre abrigou o comércio popular da cidade.

Figura 7 – Feira livre no centro de Reriutaba.



Fonte: Acervo pessoal de Luiz Lopes Filho (2011).

As residências do núcleo inicial de Reriutaba eram, em sua maioria, construções térreas de fachadas simples, voltadas para o terreiro da igreja e alinhadas às ruas que constroem o seu entorno. Embora na sua maioria modestas, algumas edificações se destacavam pela grandeza de detalhes. Em sua maioria eram edificações caracterizadas por varandas, alpendres e quintais funcionais ao fundo, utilizados para a criação de pequenos animais ou cultivo de hortas. De acordo com fontes orais da população local, muitas dessas casas foram erguidas por famílias tradicionais da região e organizadas em torno da capela de Santa Cruz, refletindo uma lógica espacial comunitária e devocional.

Ainda é possível perceber traços dessa primeira malha urbana no centro de Reriutaba. Entretanto, algumas edificações destacavam-se no cenário urbano da época, principalmente aquelas próximas à capela, pela volumetria mais elaborada, ornamentações distintas e valor simbólico, conforme relatado por moradores mais antigos da cidade. A fotografia de 1945, que retrata o centro histórico de Reriutaba, evidencia a configuração urbana inicial da vila, marcada por edificações dispostas ao redor da capela de Santa Cruz, núcleo fundacional e elemento central da estrutura urbana nascente. Essa disposição espacial revela uma organização orgânica em torno das funções religiosa, residencial e institucional, próprias dos pequenos povoados interioranos da primeira metade do século XX (ver Figura 08).

Figura 8 – Casa Paroquial e edificações residenciais ao entorno da Capela.



Fonte: Acervo pessoal de Luiz Lopes Filho (1945).

À esquerda da imagem, destaca-se a **Casa Paroquial**, vinculada diretamente à Capela de Santa Cruz, com fachada simétrica, elementos verticais e ornamentação discreta. Sua presença reforça a centralidade da Igreja Católica na formação territorial e simbólica da comunidade.

Ao longo da rua, surgem outras edificações térreas de volumetria simples, com cobertura em duas águas e fachadas marcadas por vãos verticais. Entre elas, distingue-se a residência à direita da imagem, com traços ornamentais típicos do ecletismo, como frontão curvo, platibanda decorada e pilastras em relevo. Esta construção é popularmente conhecida como a "**Casa das Irmãs Mamedes**", importante referência afetiva e visual para a população local (ver Figura 08 e Figura 09).

Figura 9 – Casa das Irmãs Mamedes.



Fonte: Acervo pessoal de Alderico Neto (2015).

A participação comunitária na construção da Igreja Matriz de Reriutaba, especialmente durante sua reforma na década de 1940, é um exemplo emblemático de mobilização popular em torno de um bem coletivo de valor simbólico e religioso. Conforme relato de Terezinha Taumaturgo, registrado por Alderico Neto (2011), a intervenção ocorreu sob a liderança do então pároco Padre Expedito, que vislumbrou a possibilidade de integrar a juventude local ao processo de edificação (Neto, 2011).

Figura 10 – Igreja Matriz em fase de Construção.



Fonte: Acervo pessoal de Alderico Neto (1940).

Segundo a memória da entrevistada, a proposta do sacerdote foi prontamente acolhida, convertendo-se em um verdadeiro mutirão voluntário. Jovens, tanto moças quanto rapazes, se engajavam diariamente na tarefa de transportar os tijolos produzidos na localidade do Carão até o centro da cidade. A atividade, realizada preferencialmente no período vespertino, ganhava contornos festivos: a banda musical da época, sob a regência do maestro Celso, acompanhava o grupo, marcando com suas melodias o início e o percurso do trabalho coletivo (Neto, 2011).

Esse ambiente lúdico e de intensa interação social tornava a atividade mais leve e prazerosa. Como narra Terezinha, o peso dos tijolos era suavizado pelas conversas, pelas brincadeiras e pelas paqueras entre os jovens, transformando o mutirão em espaço de sociabilidade e fortalecimento dos laços comunitários. A cada tarde, o número de participantes aumentava, evidenciando o caráter agregador da ação onde muitos casamentos, segundo ela, tiveram ali seu ponto de partida. (Neto, 2011).

Figura 11 – Centro da cidade de Reriutaba e ao centro a Igreja Matriz já reformada.



Fonte: Acervo pessoal de Francival Pontes (1966).

Dessa forma, a construção da Igreja Matriz transcende sua função religiosa, configurando-se como um marco na memória afetiva e coletiva da população local. Para os que participaram, cada tijolo carregado representa não apenas um esforço físico, mas um símbolo concreto de pertencimento, de solidariedade e de juventude vivida ao som das marchinhas e sob a motivação do espírito comunitário. (Neto, 2011).

Segundo fontes orais colhidas junto à comunidade, especialmente pelo professor Francival Pontes pesquisador e docente local, a casa foi erguida entre as décadas de 1930, e por muito tempo figurou como um **cartão postal de Reriutaba**, sendo frequentemente associada à imagem do centro urbano tradicional da cidade. Sua arquitetura distinta e sua localização estratégica contribuíram para consolidá-la como marco identitário do espaço urbano. No entanto, a residência foi demolida em 2017 para dar lugar a empreendimentos comerciais, o que gerou comoção entre moradores e reforçou debates sobre a preservação do patrimônio arquitetônico e da memória urbana reriutabense.

A consolidação do povoado de Santa Cruz posteriormente denominado Reriutaba resultou não apenas da atuação de seu fundador, José Teodoro Soares, mas também do protagonismo de diversas famílias que, ao longo das décadas, imigraram para a região e desempenharam papéis fundamentais na conformação social, econômica e política do

município. De acordo com Silvana Ximenes Gomes (2023), destacam-se nesse processo as famílias **Paiva, Cardoso, Vieira, Mendes, Rodrigues**, além da atuação singular do professor **Silvano Gomes**, cada qual deixando marcas significativas na história local.

Quadro 1 – Quadro de família da consolidação do povoado de Santa Cruz.

Famílias que compõem a consolidação do povoado de Santa Cruz	
Família Paiva:	Atuante no comércio e nas atividades agropecuárias, a família Paiva participou ativamente do crescimento econômico da região, contribuindo com o abastecimento e com ações comunitárias ligadas à igreja e à política.
Família Cardoso:	Destacou-se nas áreas da educação e administração pública, sendo responsável por fomentar a estruturação do ensino primário e colaborar com ações beneficentes voltadas aos mais necessitados.
Família Vieira:	Teve papel importante na urbanização do povoado, contribuindo com a construção de moradias e a formação de pequenas atividades econômicas artesanais.
Família Mendes:	Vinda do Riacho dos Porcos, essa família se destacou nas práticas agrícolas e no fortalecimento das tradições culturais e religiosas do interior reriutabense.
Família Rodrigues:	Originária do Maquém, a família Rodrigues teve grande importância nos serviços públicos e nas atividades artesanais e de infraestrutura, além de preservar registros históricos da cidade.
Família Silvano Gomes:	Considerado um dos pilares da cultura local, o professor Silvano Gomes dedicou-se à educação e à valorização da memória coletiva, sendo um dos primeiros a documentar oralmente a história e as tradições de Reriutaba.

Fonte: Adaptado de Gomes (2023).

Esses agentes, somados à liderança visionária de José Teodoro Soares, formaram os alicerces sobre os quais se estruturou o município de Reriutaba. Seus legados permanecem vivos na memória coletiva, nos modos de vida e no sentimento de pertencimento do povo reriutabense (Gomes, 2023).

A emancipação política de Reriutaba constituiu um marco decisivo para a afirmação de sua identidade territorial e administrativa. Até meados do século XX, o povoado de Santa Cruz ainda integrava o território do município de Ipú, estando, portanto, politicamente subordinado à sua sede. Contudo, o crescimento populacional, a

intensificação das atividades comerciais e o fortalecimento de vínculos sociais entre os moradores evidenciaram a necessidade de autonomia político-administrativa.

O processo de emancipação foi conduzido por meio de articulações promovidas por lideranças locais, comerciantes e representantes das famílias tradicionais do povoado, entre as quais se destacam os Paiva, Cardoso, Vieira, Mendes e Rodrigues, além do professor Silvano Gomes. Cada uma dessas famílias assumiu relevância fundamental na consolidação do município: os Paiva, notadamente ativos no comércio e nas atividades agropecuárias, contribuíram para o abastecimento e o desenvolvimento econômico local; os Cardoso, atuantes nos setores da educação e da administração pública, colaboraram com a organização do ensino primário e com ações assistenciais; os Vieira foram fundamentais para os primeiros processos de urbanização e dinamização artesanal; os Mendes, oriundos do Riacho dos Porcos, atuaram na agricultura e no fortalecimento das manifestações culturais e religiosas; enquanto os Rodrigues, oriundos do Maquém, se destacaram nas atividades artesanais e na preservação histórica. Já o professor Silvano Gomes desempenhou um papel crucial na educação e na valorização da memória coletiva de Reriutaba, sendo um dos primeiros a documentar a história local por meio da tradição oral (Gomes, 2023).

A mobilização emancipatória ganhou força principalmente nas décadas de 1940 e 1950, impulsionada por um sentimento crescente de pertencimento e desejo de autogestão. Como resultado desse processo, em 22 de novembro de 1951, por meio da Lei Estadual nº 1.153, Santa Cruz foi elevada à categoria de município, passando a chamar-se Reriutaba — nome que, segundo estudiosos locais, possui origem tupi e pode significar “taboca dos Reriu”, fazendo referência a um antigo grupo indígena da região (Gomes, 2023).

A instalação oficial do município ocorreu em 25 de março de 1955, ocasião na qual tomou posse o primeiro prefeito e foi composta a câmara de vereadores. A partir desse momento, Reriutaba passou a gerir seus próprios recursos, planejar suas políticas públicas e afirmar-se enquanto ente autônomo no contexto político, social e territorial do estado do Ceará (Prefeitura de Reriutaba, 2025).

4.3. Impacto da Estrada de Ferro e transformações urbanas

Um dos acontecimentos mais significativos no processo de modernização de Reriutaba foi a chegada da estrada de ferro, que ligava Sobral ao sertão cearense. A construção da linha férrea, iniciada nas primeiras décadas do século XX, integrou o município à malha ferroviária estadual, permitindo maior articulação entre o interior e os centros urbanos regionais. Conforme relata Silvana Ximenes Gomes, a implantação da ferrovia provocou profundas transformações na organização espacial e socioeconômica da cidade, atuando como vetor de crescimento e reconfiguração territorial (Gomes, 2023).

A Estação Ferroviária de Sobral foi inaugurada em 1882 como ponta de linha da Estação Ferroviária de Sobral (E. F. de Sobral). Assim permanece por 11 anos, trazendo desenvolvimento à cidade. Em 1909, toda a E. F. de Sobral (Camocim-Ipu) foi juntado com a E. F. de Baturité para se criar a Rede de Viação Cearense, imediatamente arrendada à South American Railway. Em 1915, a RVC passa à administração federal. A linha da antiga E. F. de Sobral chega a seu ponto máximo em Oiticica, na divisa com o Piauí, em 1932, dezoito anos antes de Sobral ser unida a Fortaleza pela E. F. de Itapipoca (1950) tornando a linha Camocim ramal. Esses dois trechos passam então a constituir a linha Norte. Em 1957 passa a ser uma das subsidiárias formadoras da RFFSA e em 1975 é absorvida operacionalmente por esta. (Estações Ferroviárias do Brasil, 2025).

Figura 12 – Estação ferroviária de Sobral, data não registrada.



Fonte: Acervo da Rede de Viação Cearense (2025).

A Estação Ferroviária de Reriutaba foi inaugurada em 1922, ainda sob o nome de "Estação Santa Cruz", quando o povoado fazia parte do município de Ipú (ver Figura 13). A localização da estação, próxima ao núcleo central do povoado, contribuiu para o surgimento de um novo eixo urbano: ao seu redor, desenvolveram-se armazéns, depósitos, pensões, oficinas e pequenas unidades fabris voltadas para o atendimento aos passageiros, trabalhadores e comerciantes. Esse novo setor urbano gerou o crescimento de bairros periféricos, modificando a dinâmica habitacional e promovendo a expansão da malha urbana (Gomes, 2023).

Figura 13 – Estação ferroviária de Reriutaba em 1893.



*Estrada de Ferro do Sobral
Estação Reriutaba (Santa Cruz) - 1 de Dezembro de 1893*

Fonte: Acervo da Rede de Viação Cearense (2025).

Do ponto de vista econômico, a ferrovia permitiu o escoamento da produção agrícola local, sobretudo de algodão, milho, feijão e mamona, para os principais centros

de comércio, como Sobral e Fortaleza. Em contrapartida, viabilizou o acesso da população a produtos industrializados e bens de consumo que até então eram escassos no interior. A presença da linha férrea, além disso, não se limitou ao transporte de cargas e passageiros: tornou-se também um elemento de sociabilidade e identidade para os habitantes de Reriutaba. A estação funcionava como ponto de encontro comunitário, local de despedidas, reencontros e trocas culturais. O som do apito do trem tornou-se parte da memória afetiva dos moradores, sendo frequentemente lembrado como símbolo de uma época marcada por intensas mudanças sociais e econômicas (Gomes, 2023).

"Esta moldura não somente lembra a estação ferroviária, nem tampouco nossa Reriutaba. Ela consegue numa estática e calada imagem trazer-nos lembranças de nossas viagens, de nossa infância e juventude. Por ela passa um filme de longa duração. Filme este onde pudemos sentir o cheiro do mato verde pela janela do trem quando vínhamos passar um feriado na terrinha. Por ela podemos ouvir o tilintar do abridor de garrafas ao passar um funcionário da RFFSA pelo corredor do trem oferecendo refrigerantes. Por ela podemos ouvir o trec-trec do perfurador de passagens pelo chefe de trem. Por ela podemos ouvir o Seu Saldanha tocando o sino da estação após telegrafar e confirmar a saída do horário da cidade do Ipu. E, a partir de então, poderíamos saber se viajaríamos sentados ou em pé, pois somente após a partida do Ipu, poder-se-ia vender poltronas no tão sonhado Sonho Azul." (Blog do Luiz Lopes, 2011).

Ao longo do século XX, o município de Reriutaba passou por significativas transformações urbanas, refletindo, em menor escala, as tendências de modernização que se disseminaram pelo interior do estado do Ceará. A organização administrativa da cidade começou a se consolidar com a instalação de equipamentos públicos essenciais, como a prefeitura, a cadeia pública, o mercado central e as primeiras escolas públicas. Esse processo marcou o início da institucionalização do espaço urbano reriutabense, estruturando os serviços básicos e fortalecendo o papel do poder público local (Gomes, 2023).

Nas décadas de 1960 e 1970, o município foi beneficiado pelas políticas de interiorização dos serviços públicos promovidas pelo governo estadual, o que possibilitou a implantação de novas unidades escolares, postos de saúde e melhorias na infraestrutura urbana. As ruas de terra batida passaram a ser calçadas, algumas receberam iluminação elétrica, e a Praça da Matriz foi reformada, consolidando-se como importante ponto de encontro para celebrações cívicas, religiosas e culturais (Gomes, 2023).

4.4. Patrimônio, memória e identidade cultural reriutabense

A paisagem urbana de Reriutaba, no interior do Ceará, foi significativamente marcada por edificações que expressam a religiosidade de sua população, funcionando

como ícones da fé e da memória coletiva. Entre os principais monumentos que sintetizam esse sentimento estão o Arco de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, inaugurado em 2006, e o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, inaugurado em 2007. Ambos os marcos foram idealizados e viabilizados por José Teodoro Soares, figura de grande destaque acadêmico e político no cenário cearense, cuja atuação extrapola os limites da educação superior para alcançar também a promoção do patrimônio cultural e espiritual de sua terra natal (Casa Paroquial de Reriutaba, 2025).

Figura 14 – Arco de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A construção do Arco de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizado na saída para o município de Varjota, consolidou-se como um gesto de devoção e urbanidade. Concluído e inaugurado em 15 de agosto de 2006, o arco foi concebido como um portal simbólico que demarca a entrada de Reriutaba, ao mesmo tempo em que homenageia a padroeira do município, reafirmando os laços da cidade com sua tradição católica (Portal Férias, 2024). Mais do que um elemento de embelezamento urbano, a estrutura se tornou um espaço de contemplação, passagem e celebração, integrando a identidade local a uma arquitetura de forte cunho espiritual.

Complementando esse gesto de devoção, em 2007 foi inaugurado o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, localizado no bairro do Carão, em uma área próxima à entrada da cidade. A edificação desta igreja está ligada a uma promessa pessoal de José Teodoro Soares, feita após superar um delicado problema de saúde em 2004, quando foi submetido a um transplante renal em 13 de maio, data consagrada à Santa de Fátima. Em

agradecimento à cura, Soares mobilizou esforços junto a amigos, colaboradores e à comunidade para erguer o santuário, cuja inauguração ocorreu no dia 22 de outubro de 2007. A cerimônia contou com ampla participação popular e presença de fiéis vindos de diversas localidades, além da condução religiosa do bispo Dom Fernando Saburido (Magalhães Neto, 2008).

Figura 15 – Santuário de Nossa Senhora de Fátima.



Fonte: Mario Yoichi, 2020.

Ambas as construções refletem o papel da arquitetura religiosa como suporte material da fé e da identidade local. Elas simbolizam não apenas a devoção individual de José Teodoro Soares, mas também sua profunda ligação com Reriutaba e com o desejo de fortalecer a memória coletiva por meio de espaços de espiritualidade acessíveis à população.

A cultura popular de Reriutaba é fortemente marcada por manifestações religiosas e festividades tradicionais que fortalecem a identidade coletiva e promovem o sentimento de pertencimento da população. Dentre os principais eventos culturais e religiosos do município, destacam-se os Festejos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, padroeira da cidade, celebrados anualmente entre os dias 5 e 15 de agosto, e que mobilizam toda a comunidade com missas, novenas e programações sociais.

Na crônica “Agosto de pessoas presentes nas ausências”, publicada no jornal O Povo, a colunista e reriutabense Tânia Alves expressa, com delicadeza e apropriação emocional, o valor simbólico e afetivo dos festejos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro para a população de Reriutaba. A autora utiliza a memória como instrumento narrativo,

trazendo à tona lembranças das celebrações religiosas vividas ao lado de familiares já ausentes. Ao relembrar esses momentos, ela evidencia que a festa da padroeira vai além do evento religioso em si, trata-se de uma manifestação de continuidade cultural, de comunhão entre gerações e de fortalecimento de laços comunitários (ALVES, 2022).

Agosto me faz pensar nas marcas que as pessoas deixam na gente. Um gesto, uma dança, uma música, um ensinamento. Tudo que aprendemos a gostar por meio do outro. Para mim, agosto traz memórias de alegrias. Lá em casa, era o mês que mamãe mais gostava. Era ela quem fazia aquele período especial. O gostar de agosto vem do movimento que nascia na cidade naquele mês por causa da Festa da padroeira, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. (Alves, 2022)

Tânia Alves (2022) mostra que, mesmo com a ausência física de entes queridos, a presença deles é sentida na energia que permeia os festejos, reforçando o papel dessa tradição como uma ponte entre passado e presente. Ao tratar da festa como algo que emociona, une e relembra, a colunista sublinha a importância dessa celebração na construção da identidade coletiva dos reriutabenses. A narrativa da autora confere um caráter quase sagrado à memória dessas experiências, reafirmando que a festa da padroeira não apenas celebra a fé, mas também sustenta um sentimento de pertencimento e de continuidade cultural para o povo da cidade (Alves, 2022).

Figura 16 – Festa da Padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Reriutaba.



Fonte: Thiago Marques (2022).

Com muita relevância também se incluem os Festejos de São Sebastião, no distrito de Campo Lindo, realizados em janeiro, e os Festejos de São José, padroeiro do distrito Amanaiara, comemorados em março. Além do caráter religioso, o município celebra sua história com a tradicional Festa do Dia do Município, em 25 de setembro, bem como promove eventos culturais como o ReriUfolia, carnaval de rua local, e o Arrastapé Carnaúba, festival de quadrilhas juninas realizado entre os meses de junho e julho, na

sede do município. Essas expressões culturais demonstram a vitalidade das tradições e a importância das celebrações para a coesão social e valorização do patrimônio imaterial local.

Segundo Alderico Neto (2006), os estatutos do Reriutaba Club, localizado no centro de Reriutaba e fundado em 12 de julho de 1944, definiam como objetivo principal da Sociedade Recreativa oferecer aos seus associados e familiares momentos de lazer por meio de eventos dançantes, práticas esportivas e outras atividades sociais (Neto, 2006).

Durante as décadas de 1940 a 1960, o acesso ao clube era marcado por fortes restrições sociais. Além de ser necessário pertencer a um círculo seletivo, exigia-se que os frequentadores fossem maiores de idade e estivessem vestidos de forma adequada. Infelizmente, as exigências iam além do vestuário: havia também barreiras raciais explícitas, o que impedia pessoas negras de usufruírem do espaço, revelando a presença de um racismo estrutural presente na sociedade da época (Neto, 2006).

Com o passar dos anos, especialmente no final da década de 1970, as restrições sociais e raciais começaram a diminuir, permitindo uma democratização no acesso ao clube. Essa transformação possibilitou a entrada de novos frequentadores e diversificou a ocupação do espaço, tornando-o mais acessível à população em geral (Neto, 2006).

O Reriutaba Club foi palco de inúmeras festas memoráveis, como o Baile das Moças, a Festa da Padroeira, as comemorações de término de curso e os tradicionais carnavais. Esses eventos eram marcados por grande requinte e forte presença social. No entanto, em 1987, um trágico episódio abalou profundamente a história da instituição: o assassinato de um folião durante uma festividade. Após esse acontecimento, o clube perdeu vitalidade e nunca mais recuperou sua importância social anterior (Neto, 2006).

Na década de 1990, com a popularização do carnaval em espaços públicos, como praças e avenidas, muitos clubes no Brasil passaram a perder relevância. Em Reriutaba, o último carnaval realizado no clube foi em 1992. No mesmo ano, ocorreu a Festa do Reencontro, em comemoração aos quarenta anos da Casa da Providência, evento marcado por emoções intensas e que viria a ser o último realizado no local (Neto, 2006).

Figura 17 – Reriutaba Club.



Fonte: Francival Pontes (1982).

Atualmente, o Reriutaba Club encontra-se em completo abandono. O teto foi destruído por cupins, as telhas já não existem, a vegetação tomou conta do interior, e a ferrugem domina as grades e o portão de ferro. As paredes frontais e laterais, ainda de pé apesar das rachaduras, parecem resistir apenas como um testemunho da saudade que persiste.

Figura 18 – Reriutaba Club.



Fonte: Google Maps (2012).

Impossível não recordar da antiga pista de dança, das voltas ao redor das colunas nos carnavais, dos encontros, paqueras, namoros e até brigas que marcaram gerações. São memórias que evocam um tempo áureo e que, diante do estado atual do clube, provocam profunda melancolia. O Reriutaba Club, hoje em ruínas, permanece na lembrança afetiva da cidade como o “Finado Clube”. O terreno onde, em 2012, ainda se encontravam as ruínas do antigo clube, como registrado na Figura 18, apresenta-se atualmente desocupado, sem vestígios da antiga estrutura (Neto, 2006).

4.5 Análise urbana

Para dar início à análise morfológica de uma área específica, definiu-se um raio de 250 metros como limite de observação. Essa distância foi escolhida de forma estratégica, de modo a abranger quase toda a extensão do bairro, incluindo as zonas mais relevantes para o estudo de sua forma urbana e desenvolvimento. O ponto central do raio corresponde exatamente ao local destinado ao projeto, na praça Cel. Raimundo Rodrigues, o que garante uma cobertura representativa da área. Essa escolha metodológica permite uma leitura precisa das características morfológicas predominantes, contribuindo significativamente para uma melhor compreensão da dinâmica urbana do entorno.

Conforme destaca Sayer (1984; 1992), diversas estruturas teóricas e conceituais orientam as percepções sobre a paisagem urbana, as interpretações do ambiente construído e as práticas de intervenção na cidade. Tais estruturas exercem influência significativa nas investigações urbanas concretas, pois condicionam a forma como o objeto de estudo é delineado e as propriedades específicas que lhe são atribuídas. Ao definir recortes, critérios e modos de leitura da realidade urbana, essas bases teóricas contribuem para direcionar tanto o olhar crítico quanto as estratégias de atuação no espaço urbano (Sayer, 1984; 1992).

A interpretação dessa paisagem requer mais do que uma simples observação visual é necessária uma investigação aprofundada, que considere tanto a organização espacial quanto os fatores sociais, culturais e econômicos que a influenciam. Elementos como a configuração das edificações, a relação entre espaços públicos e privados, os fluxos de mobilidade, as funções atribuídas aos diferentes terrenos e a presença de referências simbólicas são fundamentais para definir o caráter e a identidade da paisagem urbana.

A partir da análise do mapa de **cheios e vazios**, observa-se uma significativa densidade de ocupação construída na malha urbana central, onde se insere a área de intervenção. O diagrama revela a predominância de lotes edificadas (em azul claro), configurando um tecido urbano consolidado, com poucas áreas livres entre as construções (ver Mapa 01).

No centro da imagem, destaca-se a praça delimitada em marrom, situada ao longo de um dos eixos principais da malha urbana. Essa praça representa uma das poucas interrupções no contínuo construído da área, funcionando como um importante espaço de respiro e uso coletivo. Sua implantação linear, em meio a lotes densamente ocupados, reforça sua relevância como ponto de articulação urbana, visual e funcionalmente.

As áreas vazias no entorno imediato são escassas e, quando presentes, correspondem majoritariamente a vias, canais naturais e alguns equipamentos urbanos, o que evidencia a necessidade e o valor de espaços abertos como a praça em questão. A leitura espacial do mapa confirma que a intervenção ocorre em uma zona estratégica e carente de áreas livres acessíveis, o que potencializa o impacto urbano e social do projeto.

Além disso, a tipologia predominante dos lotes no entorno indica a presença de parcelamentos estreitos e alongados, com edificações justapostas e de frentes voltadas diretamente para as vias públicas. Essa configuração sugere um padrão de ocupação tradicional e contínuo, com uso misto predominando possivelmente conjugando residências e pequenos comércios. A conformação dos lotes também evidencia baixa permeabilidade urbana, o que reforça ainda mais a importância de espaços abertos e vegetados, como a praça, para o microclima, a ventilação e a vivência urbana local.

Mapa 1 – Mapa de cheios e vazios.



Fonte: Adaptado do Google Earth (2025).

A leitura do **mapa de gabarito** evidencia a predominância de edificações térreas (gabarito de um pavimento) no entorno imediato da área de intervenção, marcada pela presença da praça central. Esse padrão construtivo revela um tecido urbano de baixa verticalização, característica recorrente em centros urbanos de médio porte com ocupação consolidada (ver Mapa 02).

Observa-se, entretanto, a inserção pontual de edificações com dois e três pavimentos ao longo dos eixos viários mais estruturantes, o que indica uma maior intensidade de uso nesses trechos, possivelmente associada a funções comerciais, institucionais e de serviços. Apesar disso, a escala edificada permanece compatível com a ambiência da praça, preservando a leitura espacial e a permeabilidade visual da paisagem urbana.

A baixa altura das construções contribui para a valorização do espaço público, favorecendo a ventilação cruzada, a incidência solar e o conforto ambiental. Assim, a praça se estabelece como um elemento de respiro urbano, integrando-se harmonicamente à volumetria do entorno e reforçando sua função como centralidade local.

Mapa 2 – Mapa de gabarito.



Fonte: Adaptado do Google Earth (2025).

Com base no **mapa de hierarquia viária** apresentado, observa-se que a área de intervenção a praça está inserida em um ponto estratégico da malha urbana, conectando-se diretamente a vias coletoras (em verde) e a uma via arterial (em laranja) de maior fluxo e abrangência. Essa posição confere ao espaço um elevado potencial de acessibilidade e visibilidade dentro do tecido urbano (ver Mapa 03).

A trama viária evidencia uma estrutura relativamente contínua, com predominância de vias locais e coletoras, o que reforça o caráter de centralidade do local. A praça encontra-se em uma zona de confluência entre diferentes eixos de mobilidade, favorecendo a fluidez de deslocamentos tanto de pedestres quanto de veículos. Além disso, sua localização entre cruzamentos e frente a um corredor estrutural urbano qualifica-a como ponto nodal de articulação entre diferentes setores da cidade.

Essa condição fortalece o papel da praça como equipamento público de referência, tanto simbólica quanto funcionalmente, o que justifica sua valorização no processo de requalificação urbana.

Mapa 3 – Mapa de vias.



Fonte: Adaptado do Google Earth (2025).

A análise do **mapa de uso e ocupação do solo** revela uma predominância do uso residencial na área de entorno imediato à praça central, representado em azul. Esse padrão de ocupação confere ao espaço um caráter eminentemente habitacional, embora intercalado com outras tipologias que atribuem dinamicidade ao tecido urbano (Mapa 04).

Observa-se a presença significativa de áreas destinadas ao uso institucional (em marrom), especialmente no quadrante nordeste, onde se localizam equipamentos de grande porte, configurando um polo institucional relevante. Além disso, áreas comerciais e de serviços, sinalizadas em roxo, concentram-se majoritariamente ao longo das principais vias e nas imediações da praça, configurando uma centralidade comercial espontânea que contribui para o adensamento de atividades econômicas e sociais no local.

As áreas verdes (em verde) e os vazios urbanos (em branco) complementam a leitura, indicando fragmentos livres de edificação ou terrenos subutilizados que podem representar oportunidades estratégicas para requalificação e integração ao espaço público.

Dessa forma, a diversidade de usos contribui para a vitalidade urbana da área, ao mesmo tempo em que ressalta a importância da praça como elemento estruturador de convívio e articulação funcional entre as diferentes atividades urbanas.

Mapa 4 – Mapa de uso e ocupação do solo.



Fonte: Adaptado do Google Earth (2025).

Essa leitura espacial revelou que a Praça Cel. Raimundo Rodrigues se encontra em uma área privilegiada da malha urbana de Reriutaba, cercada por edificações de relevante valor histórico, cultural e funcional para a comunidade local. Dentre os equipamentos identificados dentro do perímetro em análise, destaca-se o prédio estadual da antiga Escola Francisca Castro de Mesquita, uma edificação com forte valor simbólico e memória afetiva para a população, atualmente desativada, mas com grande potencial de requalificação para fins culturais ou educativos. A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a Praça da Matriz, situadas nas imediações, configuram-se como

elementos de centralidade religiosa e social, sendo locais de encontro e celebrações comunitárias, especialmente durante os tradicionais festejos da padroeira.

Além disso, a presença do Ginásio Poliesportivo Maria Gorete de Brito, do Estádio Municipal Silveirão e da Secretaria de Esporte de Reriutaba indica uma vocação do entorno para práticas esportivas e de lazer, favorecendo o uso diversificado do espaço urbano e promovendo o convívio social. Esses equipamentos ampliam o leque de atividades possíveis nos arredores da praça, podendo fortalecer a sua função como polo de encontro e recreação.

Do ponto de vista institucional, destaca-se a proximidade do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e da Prefeitura Municipal de Reriutaba, órgãos responsáveis por políticas públicas que afetam diretamente a qualidade de vida da população e a gestão urbana. Sua localização no entorno da praça favorece a visibilidade e o fácil acesso da comunidade aos serviços oferecidos.

No campo educacional, a existência do Colégio João Furtado Filho complementa o quadro de instituições relevantes na área, indicando um fluxo constante de crianças, adolescentes e famílias que circulam cotidianamente pelo entorno. Tal fator aumenta o potencial de ativação do espaço urbano durante diferentes horários do dia e da semana.

Com base nesse diagnóstico, verifica-se que a área delimitada apresenta um conjunto expressivo de equipamentos urbanos que, além de garantirem o dinamismo do entorno, oferecem condições favoráveis para a implantação de novos projetos voltados à valorização do patrimônio, da memória local e do uso coletivo do espaço. A Praça Cel. Raimundo Rodrigues, portanto, configura-se como um ponto estratégico de articulação entre diferentes dimensões da vida urbana em Reriutaba religiosa, educacional, cultural, institucional e esportiva, o que reforça sua importância como espaço público central e multifuncional.

4.6 Caracterização da Praça Cel. Raimundo Rodrigues

De acordo com relatos coletados por meio de fontes orais da população local, a Praça Cel. Raimundo Rodrigues, localizada no perímetro central da cidade de Reriutaba, na Rua Pedro Rodrigues Martins, configura-se como um espaço público de significativa relevância histórica e sociocultural. Sua implantação, realizada durante a gestão do prefeito José Aguiar Filho (1989–1992), seguiu as diretrizes urbanísticas vigentes à época, valorizando elementos paisagísticos tradicionais e criando um ambiente que integrava lazer, convivência comunitária e identidade urbana. O reconhecimento popular

do espaço evidencia sua importância não apenas como ponto de referência geográfica, mas também como marco simbólico capaz de expressar a memória coletiva e a cultura local.

Figura 19 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.



Fonte: Thiago Marques (2025).

Posteriormente, a praça passou por um processo de requalificação, que conforme registro institucional da Prefeitura de Reriutaba (2025) aconteceu em 6 de maio de 2015, sob a administração do ex-prefeito Galeno Taumaturgo Lopes (2013–2016), o qual alterou significativamente sua configuração original. Essa intervenção teve como objetivo modernizar o espaço, promovendo melhorias em sua acessibilidade e mobiliário urbano, já que em sua configuração anterior se encontrava em estado de descaso e em degradação. Este capítulo analisa sua caracterização e evolução morfológica, com ênfase nas mudanças projetuais e no impacto dessas intervenções no contexto urbano.

Figura 20 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.



Fonte: Google Maps (2012).

Em sua concepção inicial, a praça destacava-se pela presença de canteiros em formato circular e uma vegetação composta por espécies nativas de grande porte, que garantiam sombreamento e um microclima mais ameno, como pode ser observado em registros fotográficos de 2012 (Figura 20). Esse desenho, marcado por bancos de madeira e pisos intertravados, consolidou-se como um local de convívio e tranquilidade, integrando-se ao cotidiano dos moradores.

Figura 21 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.



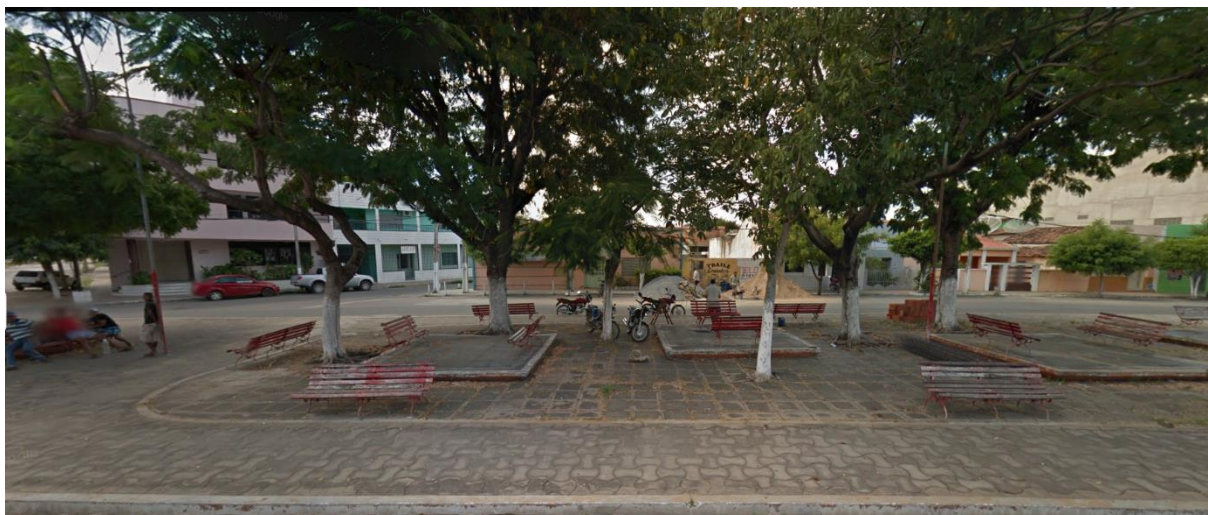
Fonte: Google Maps (2012).

Os canteiros circulares, eram posicionados nas extremidades, introduziam um ritmo visual característico apenas desta praça. No centro da praça, plataformas elevadas de concreto em formato retangular abrigavam bancos de madeira, criando um núcleo de

permanência e convívio. Essa estrutura central, posicionada sob a copa das árvores nativas de grande porte, aproveitava o sombreamento natural para oferecer conforto térmico aos usuários.

A relação entre os componentes naturais e construídos estabelecia uma linguagem paisagística funcional. A vegetação composta por espécies adaptadas ao bioma local, não apenas amenizava o microclima como também estruturava a percepção visual do espaço. Enquanto os canteiros periféricos em formato circular suavizavam a transição entre a praça e a cidade, os elementos retilíneos da área central - com seus pisos retangulares e bancos lineares criavam um contraponto geométrico. Existia uma composição entre formas orgânicas e racionais, somada à hierarquia entre áreas de circulação e permanência, refletia os princípios da caracterização do local.

Figura 22 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.



Fonte: Google Maps (2012).

No entanto, a reforma de 2015 trouxe mudanças significativas. Os canteiros originais foram reduzidos ou substituídos por estruturas lineares, visando facilitar a manutenção e ampliar áreas de circulação. Além disso, parte da arborização adulta foi removida, dando lugar a espécies ornamentais de menor porte e a novos equipamentos como a academia ao ar livre. A pavimentação também foi renovada, seguindo tendências contemporâneas de urbanismo.

Figura 23 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.



Fonte: Google Maps (2024).

Essas alterações, embora justificadas pela busca de funcionalidade e modernização, suscitaram debates sobre a perda de identidade do espaço. A redução da cobertura vegetal, por exemplo, impactou o conforto térmico, enquanto a nova configuração priorizou usos mais dinâmicos, como eventos comunitários e atividades físicas, em detrimento do caráter contemplativo original.

Figura 24 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.



Fonte: Google Maps (2024).

A comparação entre os períodos anterior e posterior à reforma revela um tensionamento entre progresso e preservação. Se, por um lado, a praça ganhou maior versatilidade, por outro, parte de seu valor afetivo e ambiental foi atenuado. Essa dualidade ressalta a importância de se equilibrar inovação e respeito ao patrimônio paisagístico em futuras intervenções.

Diante do exposto, propõe-se a **implantação de um memorial fotográfico e histórico** na Praça Cel. Raimundo Rodrigues, pautada na necessidade de resgatar e ressignificar sua função urbana, social e cultural. A escolha deste espaço para receber um **equipamento cultural** justifica-se, sobretudo, por sua localização estratégica no centro da cidade, o que o torna altamente acessível à população local e aos visitantes. Além disso, a praça carrega um importante valor simbólico e afetivo, sendo um local repleto de memórias coletivas que integram a história e a identidade dos reriutabenses ao longo das décadas.

Figura 25 – Praça Cel. Raimundo Rodrigues.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Em contraste com seu potencial, observa-se atualmente uma condição de subutilização e desgaste físico, com manutenção precária e ausência de elementos que promovam usos culturais permanentes. Essa situação compromete não apenas o aproveitamento pleno do espaço urbano, mas também a preservação da memória local, que carece de estruturas apropriadas para sua valorização pública. Ressalte-se que o município de Reriutaba não dispõe, até o momento, de um equipamento urbano com

função exclusivamente voltada à promoção cultural, o que evidencia ainda mais a pertinência do projeto.

Assim, a **implantação do memorial** visa reconverter a Praça Cel. Raimundo Rodrigues em um espaço de memória e pertencimento, integrando elementos que dialoguem com a paisagem urbana, a história local e a participação da comunidade. O equipamento cultural será concebido como um dispositivo de educação patrimonial, promovendo o acesso à história da cidade em um ambiente público de livre circulação. A requalificação da praça, portanto, não será apenas uma reconfiguração física, mas uma ação de valorização simbólica, cultural e identitária, orientada por uma abordagem sensível à memória e às dinâmicas sociais de Reriutaba.

4.7 Aspectos bioclimáticos

A integração de parâmetros climáticos no desenho urbano configura-se como premissa essencial para a criação de espaços que garantam conforto ambiental e qualidade de vida à população. Nesse contexto, a análise do comportamento térmico local assume papel decisivo, demandando a compreensão dos padrões climáticos específicos para orientar intervenções adequadas ao microclima urbano.

Para esta pesquisa, adotou-se como referência os dados climáticos disponibilizados pelo Laboratório de Eficiência Energética (ProjeEEE), uma vez que não foram encontrados registros sistematizados para o município de Reriutaba/CE. Optou-se pela utilização de informações do município de Crateús/CE, localizado a aproximadamente 155 km de distância, por apresentar características climáticas análogas.

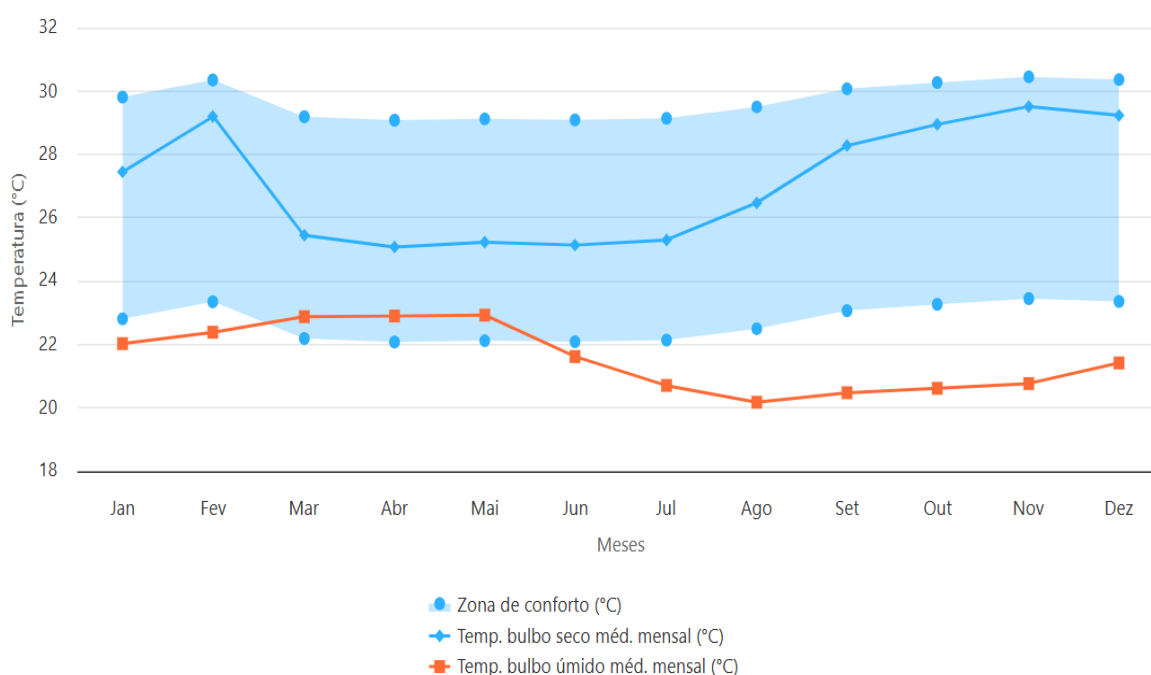
Com base nos dados climatológicos fornecidos pelo Laboratório de Eficiência Energética, realizou-se uma análise abrangente dos principais elementos climáticos da região, incluindo variações térmicas sazonais, níveis de radiação solar, índices pluviométricos, padrões de circulação dos ventos (através da rosa dos ventos) e a trajetória solar ao longo do ano (representada pela carta solar). Esta avaliação sistemática permitiu identificar um padrão climático característico da região, classificável como predominantemente quente e seco, marcado por elevados índices de insolação e baixa umidade relativa do ar ao longo de todo o ciclo anual.

A análise do gráfico de temperaturas (Gráfico 01) revela o comportamento térmico da região ao longo do ano, apresentando as médias, extremos e a zona de conforto climático. Os registros de bulbo seco indicam que fevereiro foi o mês mais quente, com pico de 29,22°C, enquanto abril apresentou a menor marcação (25,08°C). Nota-se uma

tendência de elevação gradativa das temperaturas entre junho e outubro, contrastando com o período de novembro a maio, marcado por flutuações mais acentuadas, embora sempre dentro dos limites de conforto térmico.

Quanto às medições de bulbo úmido, maio registrou a temperatura mais elevada (29,93°C), enquanto agosto apresentou o valor mínimo (20,18°C). O primeiro semestre mostra um crescimento progressivo dos valores térmicos, seguido por um declínio entre maio e agosto. Este comportamento resulta em condições térmicas desfavoráveis durante aproximadamente nove meses do ano, quando as temperaturas ultrapassam os limites considerados ideais para o conforto humano.

Gráfico 1 – Gráfico de temperatura e zona de conforto.



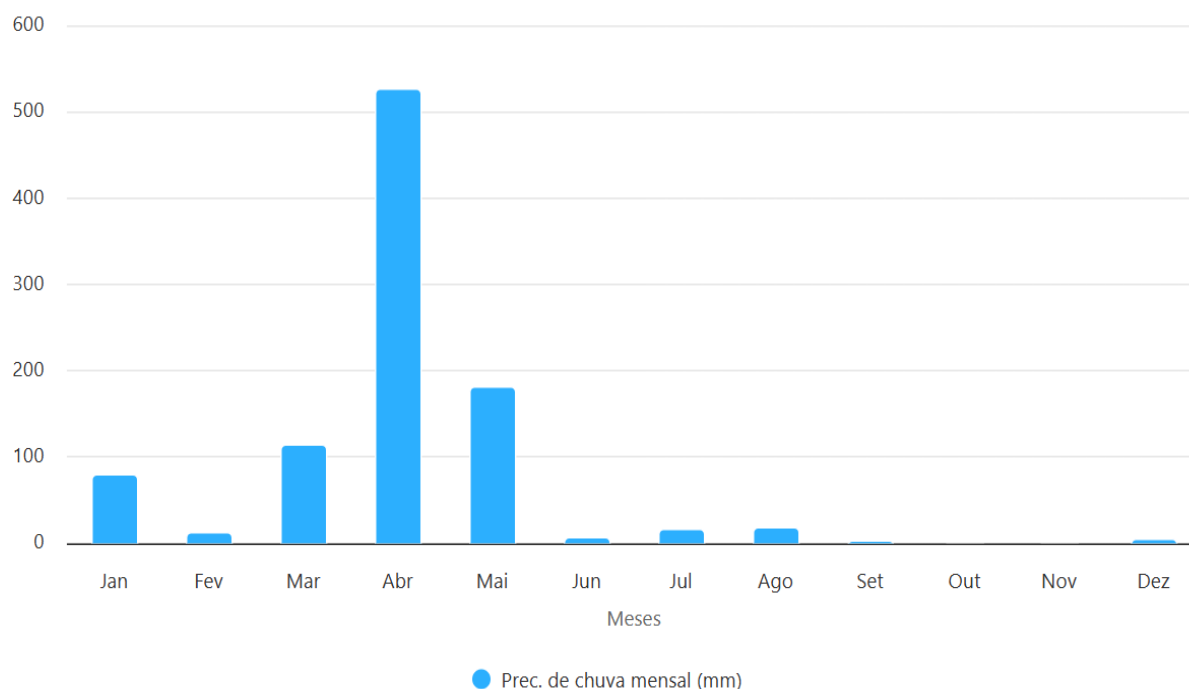
Fonte: INMET apud ProjetEEE (2016).

A análise da precipitação pluviométrica (Gráfico 02) demonstra a distribuição mensal de chuvas no município durante o período úmido. Observa-se uma acentuada elevação nos índices pluviométricos entre janeiro e maio, culminando em um pico significativo de 526 mm em abril, valor consideravelmente superior aos demais meses. No período subsequente (maio a agosto), ocorre uma redução irregular dos volumes precipitados, passando de 182 mm em maio para apenas 18 mm em agosto.

O trimestre setembro-novembro caracteriza-se por precipitações praticamente inexistentes, com uma discreta retomada em dezembro que se intensifica em janeiro (80 mm). Essa marcante sazonalidade pluviométrica, com longos períodos de estiagem,

reforça a importância de estratégias sustentáveis para o aproveitamento hídrico, destacando-se a captação e armazenamento de águas pluviais como medidas essenciais para suprir a demanda nos meses críticos de escassez.

Gráfico 2 – Gráfico de precipitação pluviométrica.

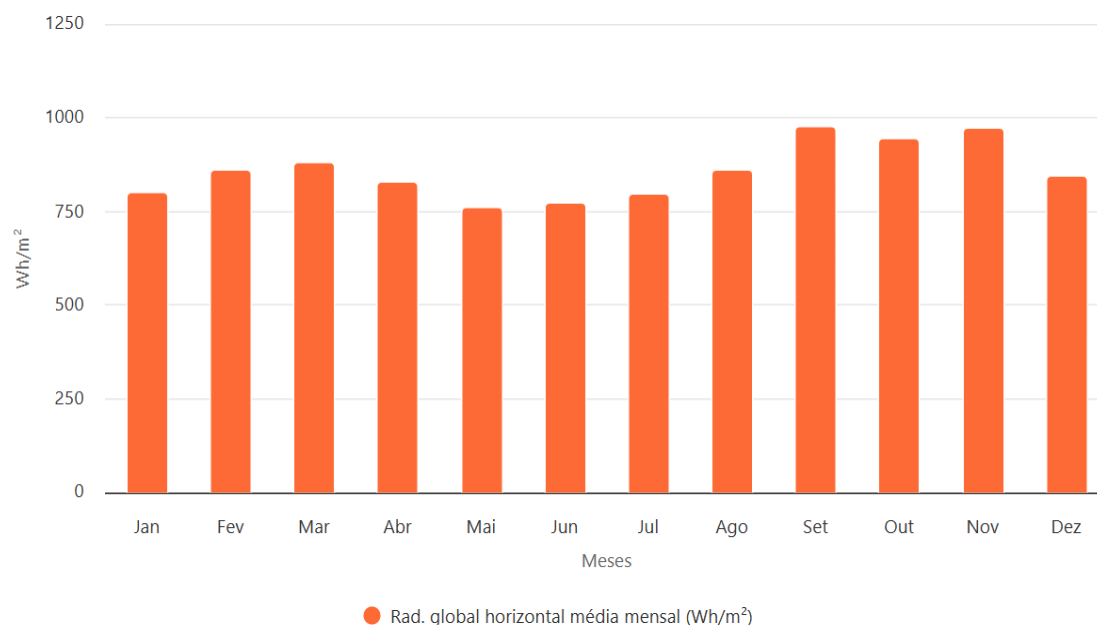


Fonte: INMET apud ProjetEEE (2016).

O conhecimento preciso da trajetória solar mostra-se imprescindível para o adequado gerenciamento da radiação incidente em projetos arquitetônicos e urbanísticos. A correta interpretação desses dados permite desenvolver estratégias eficientes de sombreamento, selecionar materiais com propriedades térmicas adequadas e estabelecer proporções edificadas que otimizem o conforto ambiental. Esses elementos projetuais, quando adequadamente articulados, contribuem significativamente para a eficiência energética dos espaços construídos.

A análise dos dados de radiação solar média mensal, conforme apresentado no Gráfico 03, revela padrões sazonais bem definidos. O mês de setembro destaca-se como o período de maior intensidade radiativa, atingindo aproximadamente 977 Wh/m², enquanto o mês de maio apresenta os valores mais baixos, em torno de 760 Wh/m². Observa-se que os meses compreendidos entre abril e julho caracterizam-se por níveis reduzidos de radiação, seguidos por um aumento gradativo a partir de agosto, atinge o pico em setembro e reduz de maneira irregular até janeiro.

Gráfico 3 – Gráfico de radiação solar.

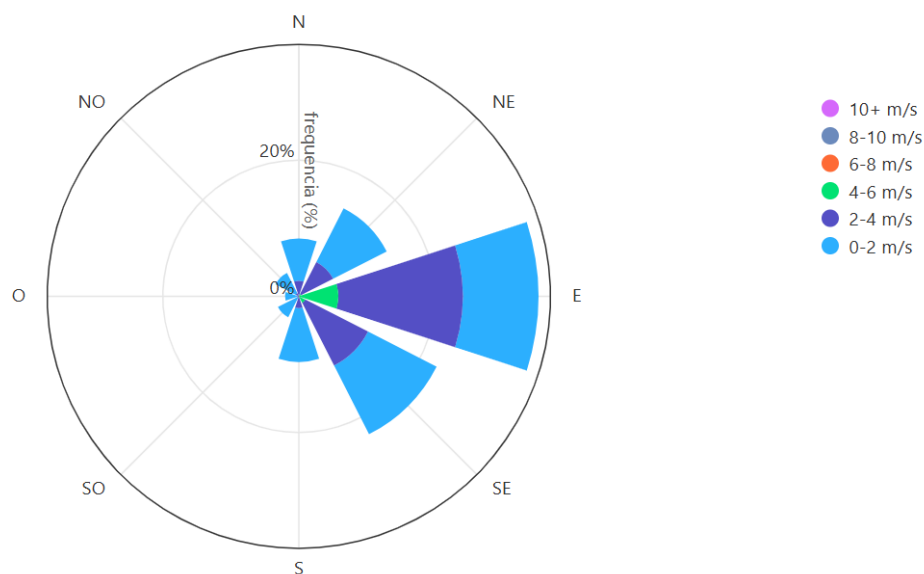


Fonte: INMET apud ProjetEEE (2016).

No desenvolvimento de projetos arquitetônicos e urbanísticos, a consideração dos padrões de ventos em conjunto com o regime pluviométrico constitui um aspecto fundamental para o adequado desempenho ambiental das edificações. O Gráfico 04 apresenta a Rosa dos Ventos da região, instrumento essencial que permite visualizar de forma integrada três parâmetros meteorológicos críticos: direção predominante, frequência de ocorrência e velocidade média dos ventos.

Os dados analisados revelam que a direção nordeste apresenta a maior recorrência, configurando-se como a orientação predominante dos ventos locais. No que concerne à intensidade, observa-se que as velocidades mais frequentes se situam na faixa de 4 a 6 metros por segundo (m/s), valor que caracteriza ventos moderados. Esta informação é particularmente relevante para o dimensionamento de aberturas e sistemas de ventilação natural, bem como para o posicionamento adequado das edificações no terreno. É perceptível que a direção mais recorrente dos ventos é a Leste, e a velocidade predominante média é indicada como sendo de 4-6 m/s.

Gráfico 4 – Rosa dos ventos.



Fonte: INMET apud ProjetEEE (2016).

A NBR 15220-3 (ABNT, 2005) estabelece parâmetros técnicos específicos para o projeto de habitações de interesse social no Brasil, levando em consideração as diferentes condições climáticas do território nacional. No caso do município em estudo, a norma o classifica na zona bioclimática 7, conforme ilustrado na Figura 37, região marcada por temperaturas elevadas e baixa umidade relativa do ar durante a maior parte do ano. As orientações técnicas para esta zona climática recomendam que as aberturas para ventilação sejam dimensionadas de forma reduzida e devidamente protegidas contra a incidência direta da radiação solar. Essa abordagem visa promover uma ventilação seletiva que, nos períodos de calor mais intenso, permita que as temperaturas no interior das edificações se mantenham abaixo das condições externas, garantindo assim maior conforto térmico aos usuários.

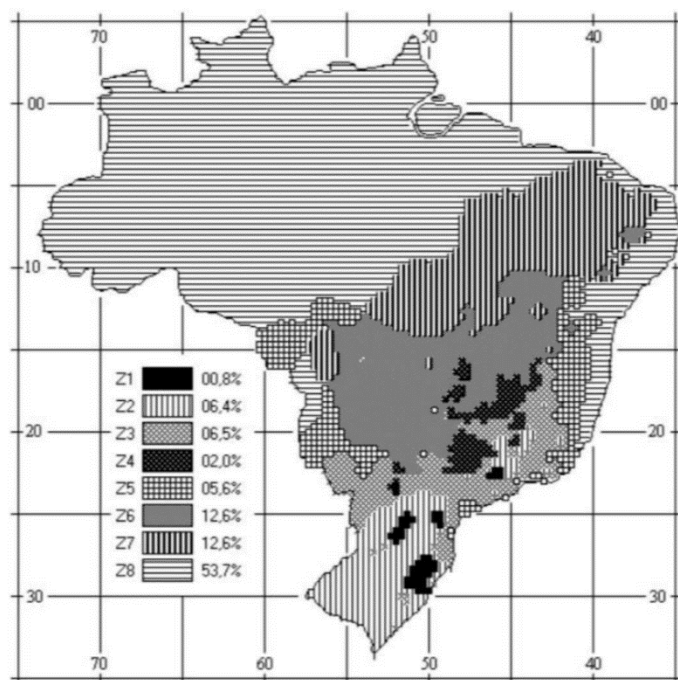
Com base nessas diretrizes, o projeto da praça foi desenvolvido com soluções arquitetônicas que priorizam o desempenho térmico adequado às condições climáticas locais. A cobertura da área comercial, onde se localizam as lojas de artesanato, é composta por telhas de fibrocimento, material conhecido por sua boa inércia térmica, o que significa que ele absorve lentamente o calor e também o libera de forma gradual, contribuindo para a estabilidade da temperatura interna dos ambientes ao longo do dia. Essa característica é essencial para evitar picos térmicos durante os períodos mais quentes.

Na área destinada à exposição do memorial, a cobertura é realizada com placas de policarbonato com tecnologia insulfim e 100% de proteção contra raios UV, o que garante a filtragem da radiação ultravioleta e reduz significativamente a transmissão de calor para o interior do espaço, mesmo com alta incidência de luz solar direta. Essa escolha assegura luminosidade natural adequada ao ambiente expositivo, sem comprometer o conforto térmico dos visitantes.

Além disso, as paredes em tijolinho aparente foram adotadas para compor todas as paredes do projeto devido à sua eficiência térmica e abrangência de seu material na região, além de ser uma opção sustentável. Esse material, por sua massa térmica elevada e composição porosa, atua como regulador de temperatura, absorvendo o calor durante o dia e liberando-o lentamente à noite, o que resulta em ambientes internos mais frescos e estáveis termicamente.

Dessa forma, a combinação estratégica desses materiais e tecnologias, cobertura em fibrocimento, policarbonato com proteção UV e paredes em tijolinho, associada ao correto dimensionamento das aberturas e dispositivos de sombreamento, demonstra a aplicação efetiva dos princípios da NBR 15220-3. O resultado é um espaço público que proporciona conforto térmico aos seus usuários, mesmo sob condições climáticas adversas, promovendo qualidade ambiental e bem-estar coletivo.

Mapa 5 – Mapa das zonas bioclimáticas.

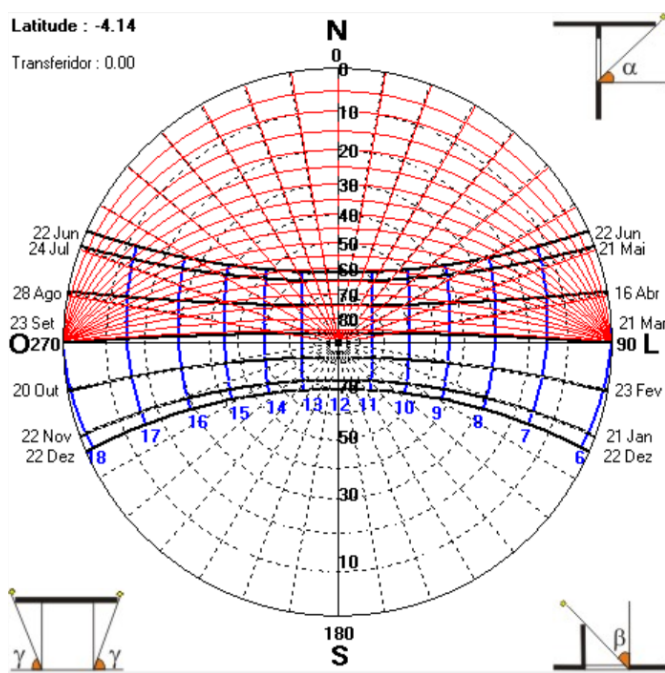


Fonte: NBR 15220 (2005).

Utilizando o software SOL-AR e considerando as coordenadas geográficas específicas da Praça Cel. Raimundo Mesquita (latitude -4.14297, e longitude -40.57958), foi possível gerar um diagrama preciso da trajetória solar na região, conforme demonstrado na Figura 00. Os dados obtidos revelam diferenças significativas na duração do dia ao longo do ano, com marcante contraste entre os solstícios.

No solstício de inverno (22 de junho), que corresponde ao dia mais curto do ano, o nascer do sol ocorre aproximadamente às 6h15, enquanto o pôr-do-sol se dá por volta das 17h40. Em contrapartida, durante o solstício de verão (22 de dezembro), que marca o dia mais longo, o sol surge no horizonte às 5h50 e se põe cerca de 18h10. Esta variação sazonal na insolação diária apresenta implicações relevantes para o projeto arquitetônico, particularmente no que diz respeito ao dimensionamento de proteções solares e ao aproveitamento da luz natural. Os meses próximos ao solstício de verão oferecem maior disponibilidade de radiação solar, enquanto no período do solstício de inverno a redução nas horas de luz diurna se torna significativa (ver Figura 26).

Figura 26 – Carta Solar da Praça Cel Raimundo Rodrigues em Reriutaba/CE



Fonte: SOL-AR (2025).

A significativa variação na duração da insolação ao longo do ano demanda atenção especial ao posicionamento de mobiliários urbanos, áreas de descanso, circulação e vegetação. Diante da maior incidência solar nos meses próximos ao solstício de verão, recomenda-se a inserção de sombreamentos naturais, como árvores de copa densa, em

pontos estratégicos voltados ao uso prolongado pela população, como bancos e áreas de convivência.

Adicionalmente, estruturas arquitetônicas leves, como coberturas vazadas ou pergolados com vegetação trepadeira, podem ser integradas ao projeto para amenizar a exposição direta ao sol sem comprometer a ventilação cruzada, fundamental em climas quentes como o da cidade de Reriutaba. Já no período do solstício de inverno, em que a luz solar é menos intensa e de menor duração, a disposição dos elementos edificados e das aberturas deve buscar o aproveitamento da luz natural, otimizando a iluminação diurna e reduzindo a necessidade de fontes artificiais. Assim, o estudo solar embasa decisões projetuais que articulam conforto ambiental, sustentabilidade e valorização do espaço público como lugar de permanência.

4.8 Análise dos questionários com a comunidade

A escuta da população local constitui uma base indispensável para a formulação de propostas urbanas mais sensíveis à memória coletiva e ao cotidiano dos cidadãos. Em um contexto que valoriza os espaços públicos como locais de identidade, pertencimento e convivência, a aplicação de questionários junto à comunidade revelou-se uma ferramenta essencial para compreender a percepção coletiva sobre este importante local de referência para a cidade: a Praça Cel. Raimundo Rodrigues.

Foram aplicados, ao todo, 93 questionários referentes à Praça Cel. Raimundo Rodrigues. As respostas foram obtidas, principalmente, de estudantes, pessoas que frequentaram as escolas presentes em seu entorno, professores, pessoas que residem ao seu entorno, bem como de visitantes e frequentadores ocasionais. Essa diversidade de perfis contribuiu para uma leitura abrangente dos vínculos afetivos, dos usos cotidianos e das expectativas da população em relação à preservação e valorização desses locais, reconhecidos como referências no imaginário coletivo da cidade.

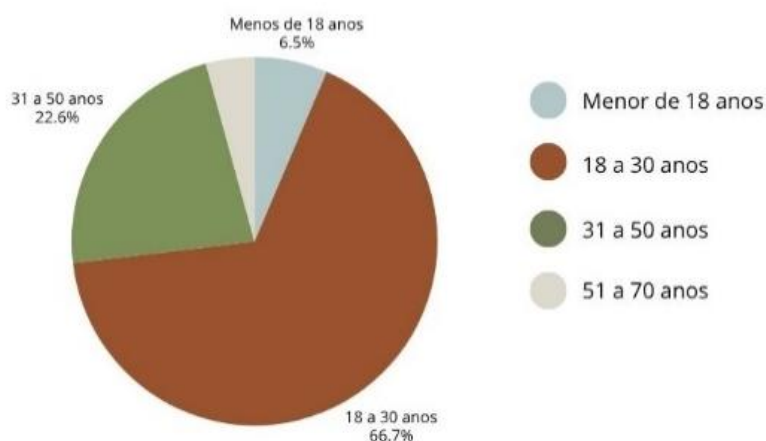
A partir dessa aproximação direta com os moradores e usuários, foi possível captar impressões sobre o uso atual dos espaços, além de identificar os elementos reconhecidos como símbolos históricos, culturais e afetivos pela comunidade. As respostas obtidas forneceram subsídios relevantes para a confirmação da importância desses locais no cotidiano urbano e para a formulação de diretrizes de intervenção que respeitem os vínculos sociais e simbólicos previamente estabelecidos.

Os questionários foram organizados em blocos temáticos e aplicados a diferentes perfis de usuários. As seções abordaram aspectos como frequência de uso, percepção de valor simbólico, qualidade ambiental e grau de satisfação com os espaços urbanos. A análise dos dados coletados, apresentada por meio de gráficos, oferece um panorama detalhado da relação entre a comunidade e o local em estudo, servindo de base para a construção de propostas mais coerentes com os desejos e as necessidades da população local.

A caracterização do perfil dos participantes foi essencial para contextualizar a análise dos dados coletados e compreender a diversidade de perspectivas envolvidas (ver Gráfico 05). O primeiro gráfico refere-se à faixa etária dos respondentes. Com base nas 93 respostas obtidas, observa-se que a maioria significativa dos participantes (66,7%) está na faixa de 18 a 30 anos, seguida por 22,6% na faixa de 31 a 50 anos. Apenas 6,5% dos respondentes têm menos de 18 anos, enquanto uma porcentagem residual representa a faixa de 51 a 70 anos, que aparece no gráfico, mas não apresenta valor numérico destacado.

Gráfico 5 – Gráfico de faixa etária

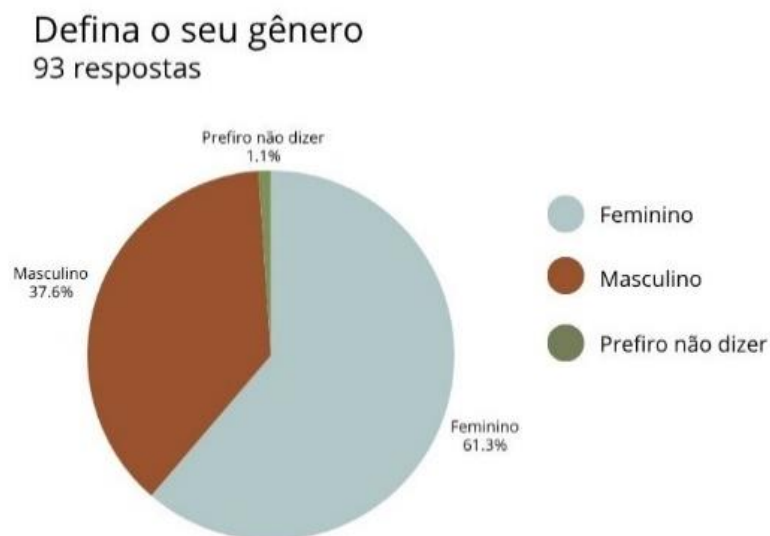
Defina a faixa etária
93 respostas



Fonte: Autoria própria (2025).

Em relação ao gênero dos participantes, o segundo gráfico demonstra que 61,3% das respostas foram de pessoas do gênero feminino, enquanto 37,6% se identificaram como masculino (ver Gráfico 06). Apenas 1,1% declarou "prefiro não dizer". Esses dados reforçam a presença significativa de mulheres na utilização ou no interesse por esse espaço urbano.

Gráfico 6 – Gráfico de gêneros



Fonte: Autoria própria (2025).

A análise dos dados revela que a grande maioria dos respondentes possui vínculo direto com a cidade de Reriutaba. No gráfico que questiona a relação com o município, observa-se que 92,5% dos entrevistados se identificam como moradores, enquanto 6,5% se declaram visitantes e uma parcela residual representa aqueles que apenas trabalham ou estudam na cidade (ver Gráfico 07).

Gráfico 7 – Gráfico de relação com a cidade.



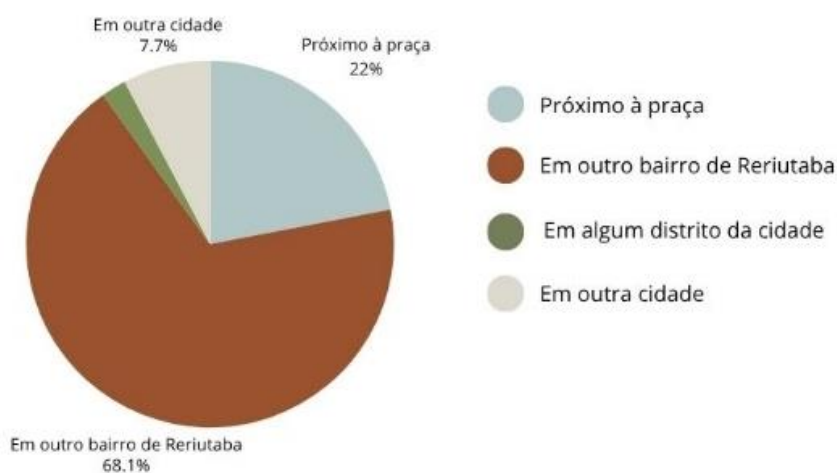
Fonte: Autoria própria (2025).

Quanto à localização residencial, a distribuição espacial dos participantes também confirma a centralidade da praça no cotidiano urbano. 68,1% afirmam residir em outros bairros de Reriutaba, enquanto 22% vivem nas proximidades da praça. Os moradores de outros municípios correspondem a 7,7% das respostas, e os residentes de algum distrito da cidade representam uma minoria (ver Gráfico 08). Esses dados indicam que, embora a praça seja utilizada majoritariamente por pessoas da cidade, ela também atrai usuários de localidades vizinhas.

Gráfico 8 – Gráfico de localização.

Onde você mora?

93 respostas



Fonte: Autoria própria (2025).

Com base nos gráficos apresentados sobre a Praça Cel. Raimundo Rodrigues, é possível observar que a maioria dos entrevistados frequenta o local com pouca regularidade. Aproximadamente 54,5% afirmam ir à praça raramente, enquanto 21,6% frequentam algumas vezes por mês. Apenas uma pequena parcela visita o espaço diariamente (9,1%) ou algumas vezes por semana (12,5%), e 2,3% nunca o frequentam (ver Gráfico 09).

Gráfico 9 – Gráfico de frequência

Com que frequência você frequenta a praça?
93 respostas

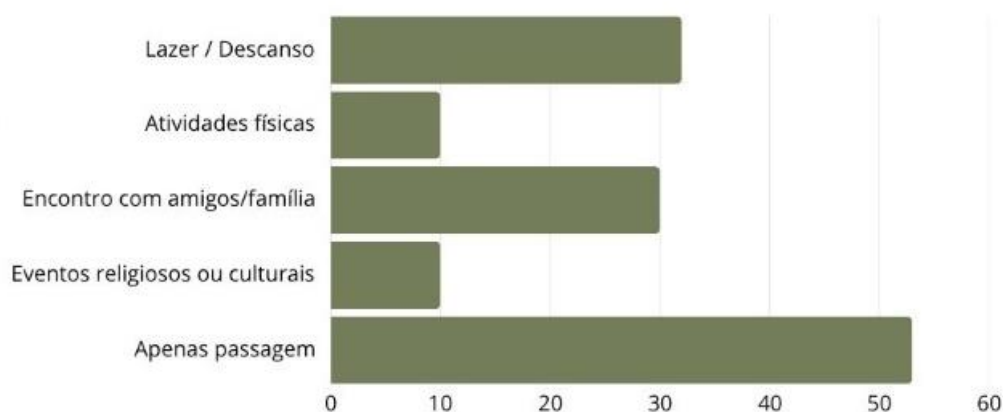


Fonte: Autoria própria (2025).

Quanto às atividades realizadas na praça, destaca-se o uso como local de passagem, indicado por mais de 50 pessoas, evidenciando um caráter funcional e de transição do espaço. Em seguida, aparecem atividades como lazer/descanso e encontro com amigos/família, ambas com boa adesão (ver Gráfico 10).

Gráfico 10 – Gráfico de atividades

Que atividades você costuma realizar na praça?
93 respostas



Fonte: Autoria própria (2025).

Os gráficos apresentados revelam aspectos afetivos e simbólicos da Praça Cel. Raimundo Rodrigues. Apesar de grande parte dos entrevistados afirmarem frequentar o local apenas esporadicamente, 52,3% consideram a praça muito importante no seu dia a

dia, e 43% a classificam como pouco importante, indicando que, mesmo com uso reduzido, o espaço ainda possui relevância simbólica ou potencial prático no cotidiano dos moradores (ver Gráfico 11).

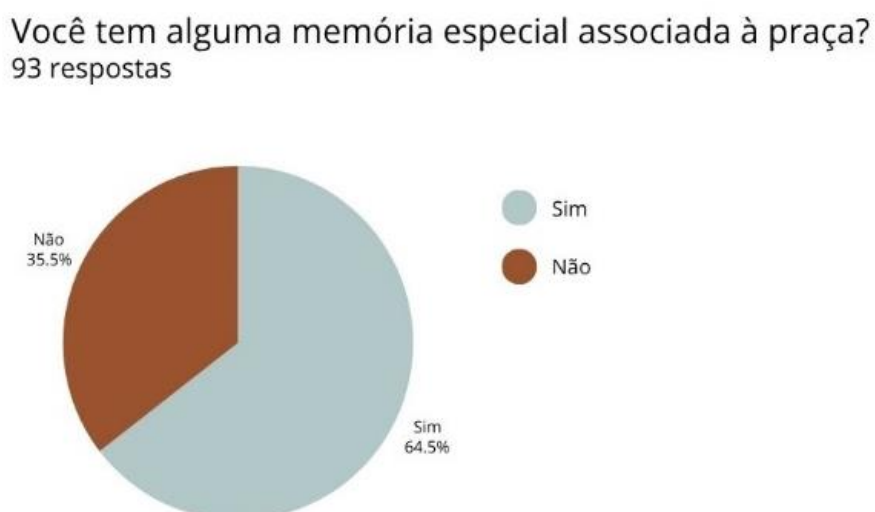
Gráfico 11 – Gráfico de importância.



Fonte: Autoria própria (2025).

Além disso, 64,5% dos respondentes afirmaram ter alguma memória especial associada à praça, o que reforça seu valor como espaço de pertencimento e construção de vínculos afetivos na comunidade (ver Gráfico 12).

Gráfico 12 – Gráfico de memórias associadas ao local.



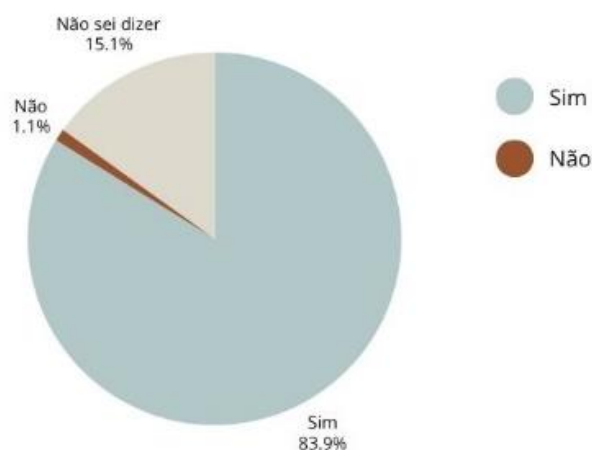
Fonte: Autoria própria (2025).

Os novos dados reforçam a relevância simbólica da Praça Cel. Raimundo Rodrigues para a população de Reriutaba. Cerca de 84% dos entrevistados a reconhecem como um espaço de valor cultural, o que evidencia seu papel como patrimônio coletivo

da cidade. Apesar disso, apenas 9,7% a consideram muito bem conservada, enquanto mais da metade aponta problemas em seu estado físico — com destaque para avaliações de “pouco” (24,7%) e “mal conservada” (22,6%) (ver Gráfico 13).

Gráfico 13 – Gráfico de valor cultural.

Você acha que praça tem valor cultural para Reriutaba?
93 respostas

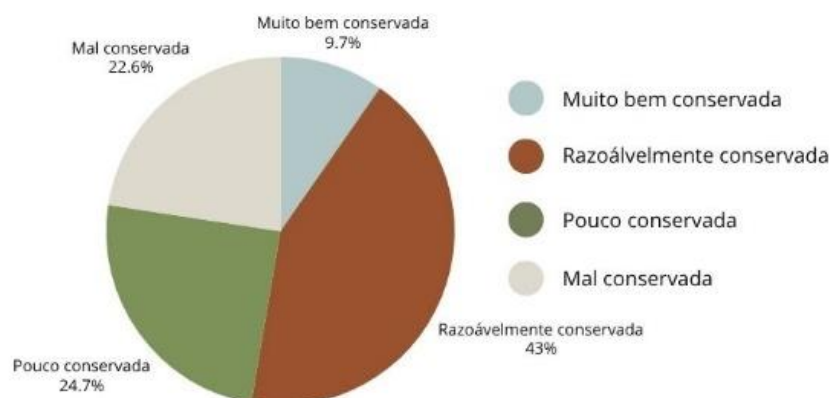


Fonte: Autoria própria (2025).

Esse contraste entre valor cultural atribuído e percepção da conservação demonstra um descompasso entre o significado social da praça e os cuidados dedicados à sua manutenção, o que pode indicar a necessidade urgente de investimentos em requalificação urbana e preservação patrimonial (ver Gráfico 14).

Gráfico 14 – Gráfico de conservação.

Como você avalia o estado de conservação da praça?
93 respostas

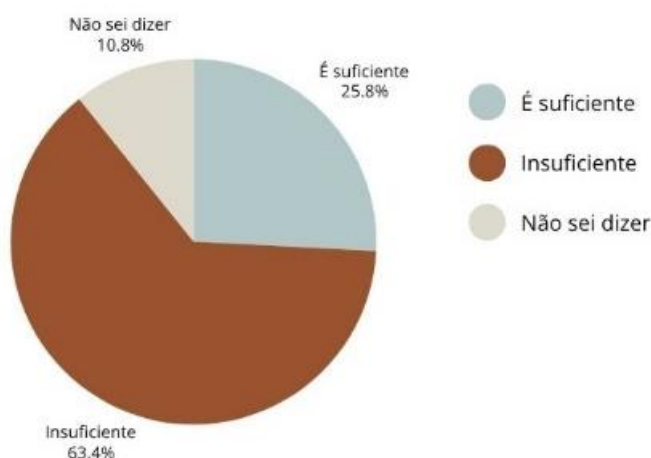


Fonte: Autoria própria (2025).

Os dados revelam que a Praça Cel. Raimundo Rodrigues é reconhecida majoritariamente como um espaço de convivência (58,1%) e, em segundo plano, como símbolo da cidade (38,7%), o que reforça sua centralidade na vida comunitária de Reriutaba (ver Gráfico 15). No entanto, a arborização é percebida como insuficiente por 63,4% dos entrevistados, evidenciando uma carência de infraestrutura verde que pode impactar o conforto ambiental e o uso cotidiano da praça. Esse contraste entre função social valorizada e infraestrutura deficitária aponta a necessidade de intervenções paisagísticas que ampliem as áreas sombreadas e melhorem a qualidade ambiental do espaço, fortalecendo seu papel como lugar de permanência e encontro.

Gráfico 15 – Gráfico de arborização.

Como você avalia a arborização da praça? 93 respostas



Fonte: Autoria própria (2025).

Em seguida, o próximo gráfico mostra como as pessoas se sentem ao frequentar a Praça Cel. Raimundo Rodrigues. A maioria (75%) afirma se sentir muito bem no espaço, revelando uma percepção positiva em relação ao uso da praça no dia a dia. Cerca de 20,7% se dizem indiferentes, o que pode indicar falta de estímulos, atividades ou infraestrutura que atraiam esse grupo. Já 4,3% se sentem desconfortáveis (ver Gráfico 16).

Gráfico 16 – Gráfico de representatividade.

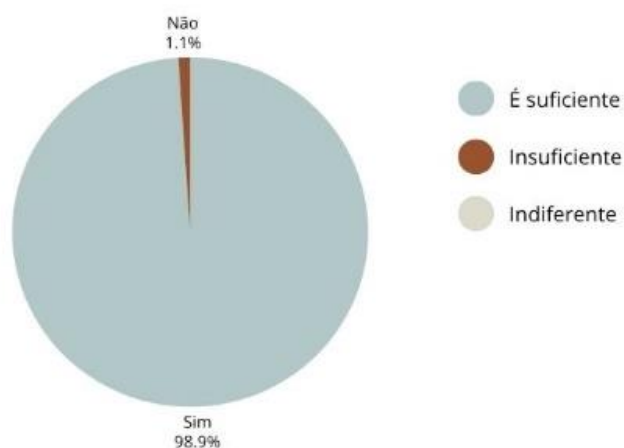


Fonte: Autoria própria (2025).

A ampla maioria dos respondentes (98,9%) considera que a Praça Cel. Raimundo Rodrigues deve ser preservada para as futuras gerações (ver Gráfico 17). Esse resultado evidencia o reconhecimento coletivo do valor histórico, cultural e simbólico do espaço, reforçando a importância de sua conservação como patrimônio urbano. A percepção de necessidade de preservação sugere que a praça desempenha papel relevante na identidade local, constituindo-se como elemento significativo na memória e no imaginário da comunidade.

Gráfico 17 – Gráfico de preservação.

Você acredita que a praça deve ser preservada para as futuras gerações?
93 respostas



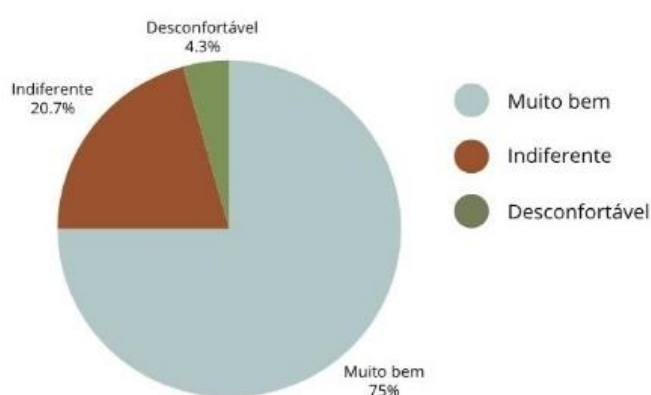
Fonte: Autoria própria (2025).

Por sua vez, 75% dos entrevistados afirmam sentir-se muito bem ao frequentar o local (ver Gráfico 18). Esse dado revela que, mesmo diante das limitações estruturais previamente identificadas, a praça mantém a capacidade de proporcionar bem-estar, lazer e sociabilidade. Tal constatação indica que o espaço, além de cumprir funções práticas e recreativas, estabelece vínculos afetivos com a população, contribuindo para a coesão social e para o fortalecimento do senso de pertencimento à cidade.

Gráfico 18 – Gráfico sentimento ao frequentar.

Como você se sente ao frequentar a praça?

93 respostas



Fonte: Autoria própria (2025).

Observa-se no Gráfico 19 que os canteiros e a arborização são os elementos mais valorizados pelos usuários, apontados por 60,2% dos respondentes. Isso evidencia uma forte conexão da comunidade com os aspectos naturais da praça. Com base nesse resultado, optou-se por valorizar ainda mais esses elementos no projeto, mantendo a essência do que já era existente e, ao mesmo tempo, promovendo melhorias significativas. A proposta incluiu a ampliação do número de canteiros, organizando-os de maneira mais funcional e distribuída ao longo do espaço. Além disso, manteve-se sua característica impermeável, permitindo que a população pudesse circular livremente entre eles, sem obstruções ou barreiras visuais, contribuindo tanto para a estética do ambiente quanto para a experiência de permanência e passeio.

A presença ampliada dos canteiros não apenas reforça a identidade afetiva da população com a praça, como também atua como elemento moderador do microclima local, ampliando áreas de sombra e conforto térmico. A área de circulação também se destaca (32,3%), indicando que o deslocamento e a acessibilidade são considerados relevantes.

Outros elementos, como a academia pública, tiveram pouca representatividade. Sua retirada foi justificada pelo desuso recorrente observado durante as visitas de campo e confirmado pelas respostas da comunidade. Além disso, a estrutura apresentava sinais de desgaste e abandono, o que refletia a dificuldade de manutenção periódica por parte do poder público. A baixa adesão por parte da população, aliada à deterioração dos equipamentos e ao custo constante de conservação, tornava sua permanência no espaço pouco viável. Assim, optou-se por sua remoção, priorizando a reorganização do espaço com usos mais compatíveis com as demandas reais dos frequentadores da praça.

Gráfico 19 – Gráfico de significado.



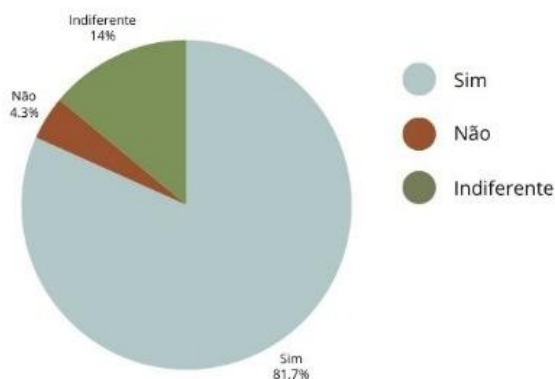
Fonte: Autoria própria (2025).

Já no Gráfico 20, a ampla maioria (81,7%) considera interessante a implantação de um novo equipamento cultural, revelando abertura da população para o fortalecimento do papel da praça como espaço de produção e acesso à cultura. Essa demanda sugere uma oportunidade de ampliação do uso social e simbólico do local. Nesse contexto, optou-se pela implantação de um memorial fotográfico como forma de atender a esse anseio coletivo e, ao mesmo tempo, valorizar a história e a identidade local. O memorial tem como objetivo resgatar e divulgar registros históricos e afetivos da cidade, fortalecendo o vínculo dos moradores com sua memória coletiva. Sua presença na praça contribui para a dinamização do espaço, atraindo diferentes públicos, promovendo a educação patrimonial e estimulando o sentimento de pertencimento da população.

Gráfico 20 – Gráfico de equipamento cultural.

Você acha interessante que a praça tivesse um novo equipamento cultural?

93 respostas



Fonte: Autoria própria (2025).

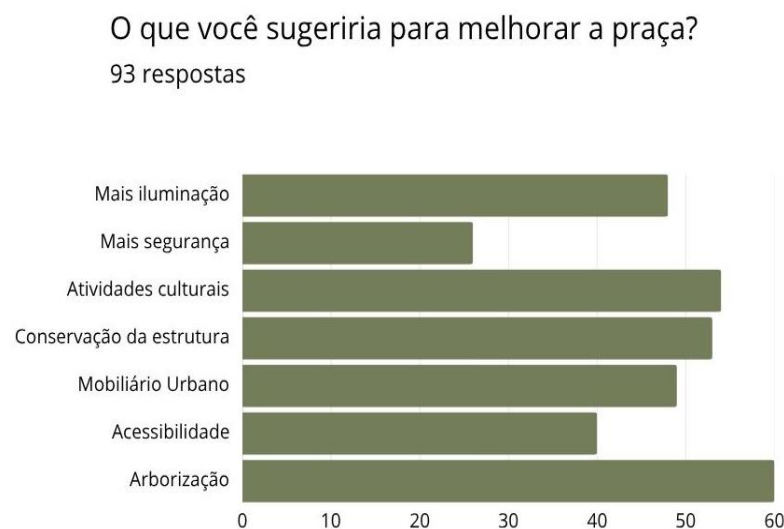
O gráfico apresentado no Gráfico 21 reflete as principais sugestões da população para a melhoria da Praça Cel. Raimundo Rodrigues, em Reriutaba-CE. Entre os itens mais citados, destaca-se a arborização, com maior número de indicações, o que evidencia uma preocupação com o microclima urbano, o conforto ambiental e a qualidade paisagística do espaço. Considerando essas demandas e as características climáticas da região, marcada por altas temperaturas e baixa umidade relativa do ar durante grande parte do ano, optou-se pela inserção de vegetação adequada ao bioma local, composta por espécies nativas adaptadas às condições climáticas do semiárido.

O preenchimento dos canteiros com árvores de médio e grande porte que proporcionam sombra foi uma escolha estratégica para amenizar a sensação térmica no ambiente, promovendo áreas mais frescas e agradáveis para a permanência da população. Essa vegetação, além de contribuir para o bem-estar térmico, fortalece a biodiversidade urbana, melhora a qualidade do ar e valoriza o paisagismo da praça, incentivando o uso contínuo do espaço público como área de encontro, lazer e convívio social.

As atividades culturais e a conservação da estrutura aparecem em seguida, demonstrando o interesse coletivo por uma praça ativa, que favoreça manifestações culturais e ofereça infraestrutura adequada para o uso cotidiano. A presença de demandas por mobiliário urbano e acessibilidade reforça a necessidade de tornar o ambiente mais inclusivo e funcional para diferentes perfis de usuários. Já a menção à iluminação e à segurança, embora com frequência ligeiramente inferior, aponta para aspectos essenciais

à permanência relacionados à sensação de proteção no espaço público, sobretudo no período noturno (ver Gráfico 21).

Figura 21 – Gráfico de sugestão de melhorias.

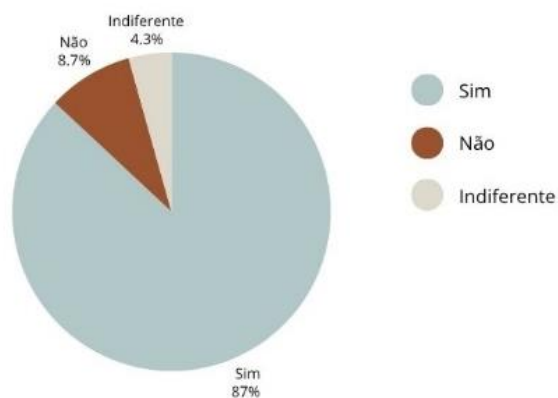


Fonte: Autoria própria (2025).

Os dados obtidos por meio da pesquisa indicam uma forte demanda comunitária por ações de valorização da história e cultura local. No Gráfico 22, observa-se que 87% dos respondentes afirmam sentir falta de um equipamento que apresente elementos culturais e históricos da cidade à população, o que evidencia a carência de espaços dedicados à memória coletiva e à identidade urbana de Reriutaba.

Figura 22 – Gráfico de equipamento cultural.

Você sente falta de um equipamento que apresente a cultura e a história da cidade para a população?
93 respostas



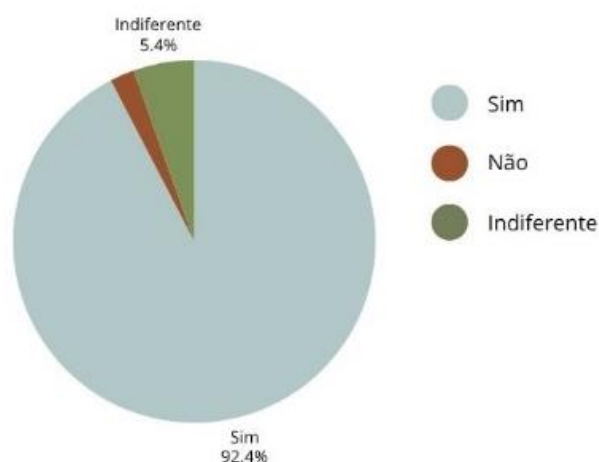
Fonte: Autoria própria (2025).

No Gráfico 23, essa percepção se intensifica: 92,4% manifestam interesse em ter acesso a fotografias antigas e a conteúdos sobre a história do município. Tal dado reforça a relevância de iniciativas que promovam o resgate e a difusão do patrimônio imaterial, preferencialmente integradas ao espaço público, como a proposta de um memorial fotográfico.

Figura 23 – Gráfico de fotos antigas.

Você gostaria de ter acesso a fotos antigas e conhecer mais sobre a história de Reriutaba?

93 respostas



Fonte: Autoria própria (2025).

Com base nas informações levantadas, constata-se que a Praça Cel. Raimundo Rodrigues desempenha um papel significativo no cotidiano da população local, sendo amplamente reconhecida como um espaço de convivência e um importante símbolo da cidade. Embora a arborização seja apontada como insuficiente por grande parte dos respondentes, os canteiros e elementos paisagísticos ainda se destacam como os aspectos mais valorizados da praça.

A quase unanimidade em favor da preservação do espaço para as futuras gerações, aliada à predominância de sentimentos positivos em relação à sua utilização, evidencia o vínculo afetivo e o reconhecimento social que a praça possui. Soma-se a isso o interesse expressivo pela implantação de um novo equipamento cultural, o que indica uma demanda latente por qualificação e diversificação do uso do espaço público.

Considerando os anseios da comunidade e o potencial simbólico da Praça Cel. Raimundo Rodrigues, o projeto propõe uma intervenção sensível, que alia permanência e renovação. A instalação de um memorial fotográfico surge como elemento central de

valorização cultural e resgate da história local, mas sua presença não compromete os usos cotidianos já consolidados pela população. Pelo contrário, o novo arranjo preserva as dinâmicas existentes e as potencializa com melhorias substanciais. Os canteiros foram expandidos e reorganizados de maneira a favorecer o percurso livre entre as áreas verdes, agora enriquecidas com novas espécies vegetais adaptadas ao clima semiárido, capazes de gerar sombra e atenuar as temperaturas no entorno. As soluções adotadas também contemplam a inclusão plena de todos os usuários, com acessos nivelados e rotas acessíveis, promovendo maior conforto e segurança.

Um dos aspectos mais cuidadosamente trabalhados foi o sistema de iluminação, pensado não apenas para segurança, mas como parte ativa da valorização do espaço. Foram projetados pontos de luz direcionados à área de exposição do memorial, realçando os painéis fotográficos durante o período noturno. As áreas de passeio receberam balizadores e luminárias distribuídas de forma a garantir boa visibilidade e conforto visual, sem interferir na ambiência. Internamente aos canteiros, pequenas luzes embutidas evidenciam o contorno e contribuem para a orientação dos usuários. Já sob as árvores de grande porte, soluções foram estrategicamente posicionados para iluminar a copa das espécies sombreadoras, criando uma atmosfera acolhedora e destacando a vegetação como elemento escultórico. Com isso, a iluminação assume papel funcional e estético, integrando todos os setores da praça e promovendo um uso pleno do espaço em diferentes horários do dia.

5. ESTUDO DE PROJETOS DE REFERÊNCIA

Este capítulo apresentará uma análise de três projetos de referência que contribuíram significativamente para a concepção formal e simbólica do memorial previsto para a praça. Os projetos selecionados para o estudo foram: Simple Art Museum (HAS design and research), Memorial da Resistência (Mossoró/RN) e o Collier Memorial (MIT, EUA). A escolha dessas obras fundamentou-se em critérios como: forma arquitetônica, integração com o entorno, uso de materiais, linguagem simbólica, fluidez espacial, intencionalidade educativa e potencial de gerar pertencimento e memória coletiva.

Entre os projetos selecionados, apenas um está localizado em território nacional, no estado do Rio Grande do Norte, o que reforça sua relevância contextual para o presente estudo. Os demais, embora situados em contextos internacionais, foram incluídos pela representatividade formal e pela forte carga simbólica que carregam em seus elementos arquitetônicos e escolha material. A seleção baseou-se na constatação de que essas obras demonstram uma abordagem projetual sensível, com soluções arquitetônicas que articulam aspectos estéticos, educativos e culturais.

O Simple Art Museum, da HAS design and research, destaca-se pelas formas suaves e orgânicas de sua cobertura, que orientam o fluxo dos visitantes e proporcionam uma experiência espacial contínua. Essa característica é tomada como referência para o desenho do memorial e do percurso na praça, promovendo integração visual com a paisagem e estimulando áreas de contemplação ao longo do espaço. Já o Memorial da Resistência, em Mossoró (RN), foi analisado pela sua proposta de síntese histórica e cultural. O projeto oferece conteúdo fotográfico e educativo, configurando-se como um espaço público acessível e simbólico, que dialoga com a memória da cidade e reforça os vínculos sociais. Por fim, o Collier Memorial, desenvolvido por Höweler + Yoon no MIT, foi escolhido pelo uso expressivo de formas curvas e materiais como o granito, que resultam em uma composição monumental, marcada por um forte valor simbólico.

5.1 Simple Art Museum / HAS design and research

O projeto do Simple Art Museum, desenvolvido pelo escritório HAS Design and Research em 2024, está localizado às margens do Rio Nanfei, na cidade de Hefei, China. Com uma área construída de aproximadamente 4.200 m², o museu foi concebido como um espaço de arte pública contemporânea que estabelece um diálogo com as tradições

arquitetônicas da região de Anhui, especialmente com a cultura Hui. O edifício se destaca por sua forma fluida e integradora, com telhados curvos que conferem identidade ao volume construído e se harmonizam com o ambiente urbano ao redor (Archdaily, 2024).
Figura 27 – Simple Art Museum.



Fonte: Archdaily, (2025).

Implantado em uma área de transição entre a cidade antiga e o novo tecido urbano, o museu incorpora elementos vernaculares reinterpretados sob uma ótica contemporânea. O destaque maior do projeto recai sobre a cobertura: um sistema de telhados inclinados, curvos e interconectados, inspirados na arquitetura tradicional Hui. Esses telhados criam uma topografia artificial que gera movimento, sombra e ventilação natural ao longo de todo o edifício. A cobertura, além de seu papel estético e simbólico, desempenha também funções práticas, como o controle da incidência solar e a criação de espaços sombreados para o conforto dos usuários (Archdaily, 2024).

As formas suaves e orgânicas do telhado guiam a circulação dos visitantes, deste projeto, promovem uma experiência contínua e imersiva. As curvas conduzem o olhar e o corpo ao longo do percurso expositivo, ampliando a sensação de fluidez entre o interior e o exterior trouxeram características relevantes a esta pesquisa, assim como a geometria do telhado, que contribui também para uma integração visual com a paisagem e para o surgimento de áreas de contemplação distribuídas ao longo do museu (Archdaily, 2024).

Figura 28 – Simple Art Museum.



Fonte: Archdaily (2025).

De acordo com os principais arquitetos Jenchieh Hung e Kulthida Songkittipakdee o edifício abriga múltiplos espaços de uso, como galerias, áreas de pesquisa, salas para oficinas e cafés, promovendo uma proposta cultural acessível e multifuncional. A organização interna favorece encontros, aprendizado e permanência, refletindo uma concepção de museu que vai além do espaço expositivo tradicional.

Figura 29 – Simple Art Museum.



Fonte: Archdaily, (2025).

Outro ponto fundamental do projeto é o uso estratégico da luz natural. A cobertura abriga aberturas cuidadosamente planejadas, permitindo que a iluminação natural incida de forma controlada nas galerias e corredores. Durante o dia, a luz penetra suavemente nos ambientes internos, criando atmosferas diversas. À noite, o museu assume uma presença simbólica na cidade ao funcionar como uma lanterna urbana, iluminando delicadamente seu entorno com luz difusa.

O projeto *Simple Art Museum*, da HAS Design and Research, constitui uma importante referência para o desenvolvimento do memorial previsto na praça, principalmente no que se refere à sua forma arquitetônica, à metodologia de organização dos ambientes e ao papel simbólico desempenhado pelo telhado. A fluidez espacial promovida pelas curvas da cobertura, somada à sua capacidade de integrar o edifício ao entorno, inspira diretamente a proposta formal do memorial. A cobertura curvilínea do museu reinterpretada no projeto da praça é associada simbolicamente à folha de carnaúba, elemento vegetal representativo do território e da memória regional. Essa metáfora formal reforça a identidade local e cria um vínculo sensível entre a arquitetura e o contexto cultural do município (Archdaily, 2024).

Além disso, a separação dos ambientes no museu, embora fluida, é cuidadosamente organizada em torno de eixos que conduzem o visitante por uma jornada contínua, favorecendo a permanência, o aprendizado e a contemplação. Essa abordagem metodológica foi incorporada ao projeto do memorial, que propõe uma circulação orgânica entre diferentes espaços como o memorial fotográfico, áreas de sombra e estar, e elementos simbólicos promovendo uma narrativa espacial que se desdobra conforme o deslocamento dos usuários.

A cobertura do *Simple Art Museum* também apresenta soluções climáticas passivas, como sombreamento e ventilação natural, que foram consideradas como referência no desenvolvimento de soluções bioclimáticas para a praça, tendo em vista o clima semiárido da região. A materialidade e o jogo de luz também influenciaram na definição de aberturas estratégicas no memorial, de modo a criar atmosferas sensoriais ao longo do percurso, sobretudo nos momentos de contemplação e imersão histórica.

Essas singularidades projetuais que aproximam o visitante do projeto e convidam o olhar externo, definem a ligação projetual com a sua intenção principal, contemplando a função de compartilhar o conteúdo que o seu interior abriga de maneira que o ambiente

consiga permanecer impermeável e de fácil acessibilidade, características essas que foram introduzidas no estudo projetual desta pesquisa.

5.3 Memorial da Resistência – Mossoró, RN

De acordo com registros da historiografia tradicional, no dia 13 de junho de 1927, o município de Mossoró protagonizou um episódio marcante ao resistir a um ataque liderado por Lampião, figura emblemática do cangaço (Castro, 2012). Durante o confronto, além de forçar a retirada do bando, a cidade foi palco da morte de Jararaca, um dos principais integrantes do grupo. Esse acontecimento contribuiu para consolidar a imagem de Mossoró como símbolo de resistência no imaginário coletivo. Para manter viva essa memória, são promovidas manifestações culturais como o espetáculo teatral *Chuva de Bala no País de Mossoró*, que encena o confronto histórico, além da existência do Memorial da Resistência, espaço arquitetônico dedicado à preservação e difusão desse capítulo significativo da história local.

Inaugurado em 29 de maio de 2008, o memorial faz parte do complexo do Corredor Cultural, que reúne diversos equipamentos urbanos, tais como a Praça da Criança, Praça de Eventos, Estação das Artes, Teatro Municipal Dix-huit Rosado, Praça da Convivência e a Praça de Esportes (Castro, 2012).

O Memorial da Resistência de Mossoró é um espaço público ao ar livre, concebido pela Prefeitura Municipal, para celebrar a resistência da cidade ao bando de Lampião. Sua concepção não é atribuída a um arquiteto específico, pois trata-se de um projeto institucional e coletivo, voltado prioritariamente para a preservação da memória histórica e do valor simbólico do episódio que representa.

Figura 30 – Memorial da Resistência em Mossoró - RN.



Fonte: Duarte, Wesley (2022).

O Memorial da Resistência configura-se como um espaço temático composto por quatro edificações e painéis informativos, funcionando como um museu ao ar livre. Sua proposta é homenagear e preservar a memória do episódio histórico em que a cidade de Mossoró resistiu à tentativa de invasão pelo bando de Lampião, tornando-se símbolo dessa resistência no contexto regional.

Segundo Alves (2017), este local foi idealizado como um espaço público voltado à preservação e difusão da memória histórica da resistência de Mossoró. Diferentemente de um museu tradicional, geralmente fechado e de acesso mais restrito, o memorial foi concebido como uma estrutura aberta, estrategicamente situada em um ponto central e de grande circulação na cidade. Sua implantação integra um projeto de requalificação urbana promovido pela Prefeitura Municipal, com o objetivo de facilitar o acesso de moradores e turistas, além de tornar a memória histórica um elemento visível e presente no cotidiano urbano.

Figura 31 – Memorial da Resistência em Mossoró - RN.



Fonte: Duarte, Wesley (2022).

Segundo Nascimento e Nobrega (2016), o Corredor Cultural de Mossoró configura-se como um projeto urbano articulado ao turismo e ao desenvolvimento local, promovendo a valorização da história e da cultura regional por meio da requalificação de espaços públicos no centro da cidade. Nesse contexto, o Memorial da Resistência integra esse cenário arquitetônico como um dos principais equipamentos culturais do município,

sendo concebido como espaço de preservação da memória histórica e valorização da identidade local.

A implantação do Corredor Cultural representou um marco na área central de Mossoró, oferecendo uma nova configuração urbana voltada ao lazer, à cultura e ao turismo. Esses espaços ampliaram significativamente a circulação de pessoas e fomentaram atividades econômicas locais, contribuindo para o fortalecimento da identidade mossoroense e a dinamização do uso do centro urbano. Tal perspectiva dialoga com a concepção de Max-Neef (1994), ao considerar os espaços públicos como essenciais para o atendimento das necessidades humanas fundamentais, como a participação, a criação, o lazer e a identidade.

Figura 32 – Memorial da Resistência em Mossoró - RN.



Fonte: Duarte, Wesley (2022).

Dentre os elementos que compõem o Corredor Cultural, o Memorial da Resistência destaca-se não apenas pelo seu valor simbólico, mas também por seu papel educativo e turístico. Localizado estrategicamente no centro da cidade, o equipamento homenageia a histórica resistência do povo mossoroense ao bando de Lampião em 1927. A presença do memorial nesse contexto urbano favorece sua visibilidade e acessibilidade, contribuindo para a construção e difusão da memória coletiva. Juntamente com a Praça da Convivência e a Praça de Eventos, o Memorial da Resistência configura-se como um dos principais atrativos culturais e turísticos do município.

A concepção do memorial proposto foi significativamente influenciada pelo Memorial da Resistência de Mossoró, especialmente no que tange à valorização da memória coletiva por meio da arquitetura e da apropriação do espaço público. A proposta de um espaço acessível, imerso no cotidiano urbano e comprometido com a difusão histórica, serviu como base para pensar um memorial que também se constituísse como instrumento educativo, cultural e simbólico para a população local.

A referência foi essencial para compreender como a arquitetura pode incorporar narrativas históricas de maneira sensível, através da organização sequencial de elementos informativos e da estruturação do espaço como percurso de memória. O modelo museográfico ao ar livre, adotado em Mossoró, inspirou a distribuição dos painéis e elementos expositivos em diálogo com os fluxos e a permanência no espaço da praça, promovendo uma experiência interpretativa acessível e participativa.

Outro ponto de destaque foi a forma como o memorial de Mossoró articula arquitetura, história e identidade. A criação de um espaço aberto, voltado ao encontro, à circulação e à contemplação, revelou-se uma estratégia eficaz para reconectar a população com seu patrimônio histórico. Essa abordagem reforçou a proposta de criar um memorial que, além de abrigar informações visuais e textuais, possibilite vivências sensoriais e simbólicas, estimulando a apropriação do lugar.

Com base nas diretrizes inspiradas pelo Memorial da Resistência de Mossoró, diversas decisões projetuais adotadas durante a elaboração do memorial fotográfico de Reriutaba contribuíram significativamente para o fortalecimento da proposta, resultando em um espaço que concilia memória, identidade e vivência urbana. A forma como os conteúdos visuais foram dispostos no ambiente, por exemplo, desempenhou papel fundamental na experiência interpretativa. As fotografias históricas e os textos explicativos foram organizados de maneira sequencial e linear ao longo da parede expositiva, formando um percurso narrativo que conduz o visitante de forma intuitiva, permitindo que cada imagem seja lida não de forma isolada, mas como parte de uma construção contínua da memória coletiva local.

A escolha dos materiais também interferiu positivamente na construção simbólica e sensorial do espaço. A presença predominante do tijolinho aparente elemento de grande valor estético e cultural foi utilizada não apenas como acabamento, mas como linguagem arquitetônica que remete às construções tradicionais do município, resgatando a rusticidade e a identidade material da região. Sua aplicação uniforme em muros, bancos

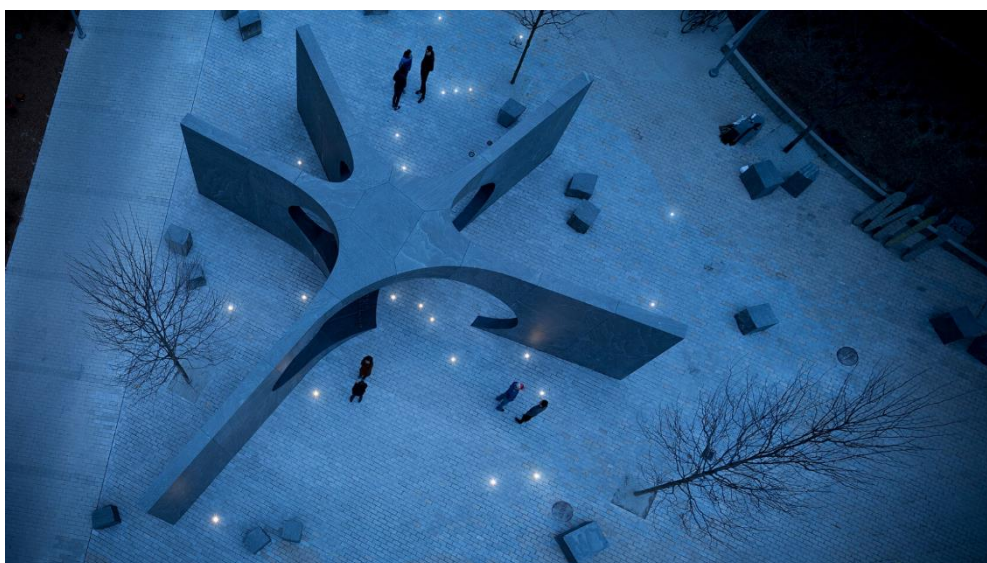
e canteiros estabelece uma coesão visual, ao mesmo tempo em que cria uma ambiência acolhedora e de forte apelo afetivo.

Essa materialidade, combinada à disposição cuidadosa dos elementos gráficos, possibilitou que o memorial fosse concebido não como um espaço contemplativo passivo, mas como uma estrutura viva, aberta à interação, à permanência e à significação contínua. Assim como no exemplo de Mossoró, o projeto buscou integrar a exposição ao cotidiano da praça, possibilitando que moradores e visitantes tenham acesso espontâneo às narrativas ali dispostas, promovendo um diálogo direto com a paisagem urbana e sua história. A conjugação entre forma, conteúdo e contexto tornou-se, portanto, um dos pontos altos da proposta, reafirmando a potência da arquitetura como meio de comunicação e preservação da memória coletiva.

5.4 Collier Memorial

Em 2015, o campus do Massachusetts Institute of Technology (MIT), em Cambridge, nos Estados Unidos, recebeu um memorial emblemático dedicado ao policial Sean Collier, assassinado em abril de 2013 enquanto exercia seu ofício no local. Concebido pelo escritório Höweler + Yoon Architecture, sob a direção dos arquitetos J. Meejin Yoon e Eric Höweler, o projeto reúne materiais tradicionais com tecnologias avançadas, configurando-se como uma escultura funcional e um espaço de contemplação. Com cerca de 600 m², a obra expressa valores de união, permanência e memória. (HÖWELER + YOON, 2015).

Figura 33 – Collier Memorial.

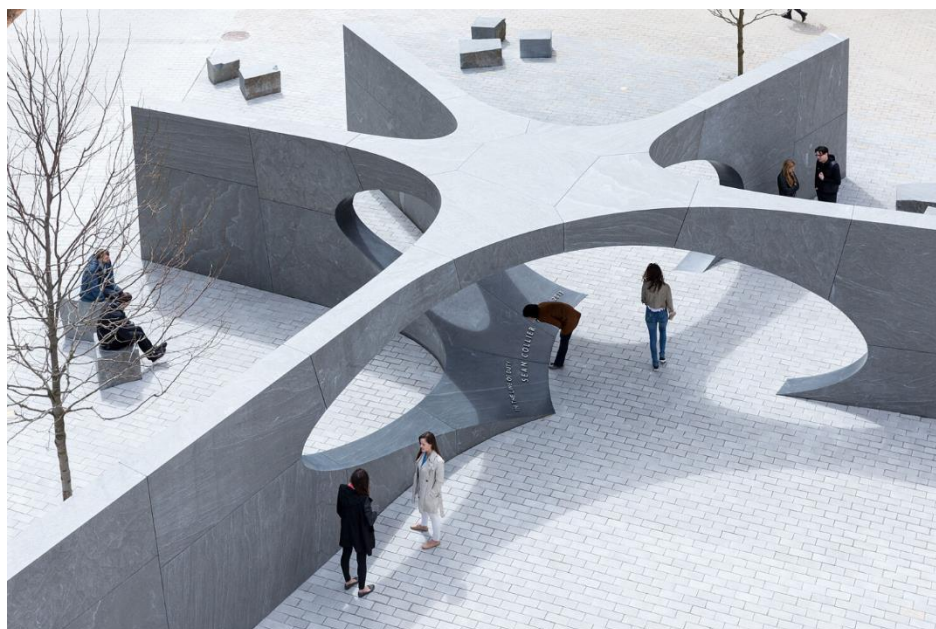


Fonte: Höweler + Yoon (2025).

A estrutura do memorial é composta por 32 blocos maciços de granito “Jet Mist”, extraído da Virgínia, cuidadosamente cortados e posicionados por meio de modelagem digital e robótica. Cada peça é sustentada por compressão pura, sem o uso de colagens ou fixadores metálicos, o que reforça a precisão da engenharia envolvida e resgata princípios tradicionais da construção em arco. O projeto é notável por integrar o saber técnico contemporâneo com a precisão manual de pedreiros especializados.

A forma do memorial remete a uma mão aberta ou a uma estrela de cinco pontas, fazendo alusão ao lema do MIT — *Mens et Manus* (Mente e Mão) — e simbolizando força através da união entre os cinco pilares radiais. Ao centro, um vazio protegido cria uma atmosfera solene de contemplação, evidenciando a ausência como força compositiva e emocional (HÖWELER + YOON, 2015).

Figura 34 – Collier Memorial.



Fonte: Höweler + Yoon (2025).

Sua implantação foi cuidadosamente alinhada ao local exato onde Sean Collier estava posicionado na noite do atentado. Uma das paredes principais aponta diretamente para esse ponto, estabelecendo uma conexão visual e simbólica com o passado. Além disso, elementos sutis como inserções em Braille no piso e luzes embutidas, que representam o céu da noite de 18 de abril de 2013, agregam camadas de significado ao memorial (HÖWELER + YOON, 2015).

Figura 35 – Collier Memorial.



Fonte: Höweler + Yoon (2025).

Outro aspecto relevante é o envolvimento da comunidade acadêmica no processo construtivo. Estudantes do MIT participaram de simulações estruturais e da instalação dos sensores de carga utilizados durante a montagem da obra. Essa integração entre prática e teoria reforça o caráter pedagógico do projeto, no qual arquitetura, engenharia e arte se cruzam para produzir um espaço com forte apelo educacional (HÖWELER + YOON, 2015).

O memorial de Sean Collier se apresenta, assim, como mais do que um monumento: é um dispositivo urbano de memória, encontro e aprendizado. Sua presença no campus transcende a homenagem individual e propõe uma arquitetura que materializa vínculos afetivos e coletivos. Ao mesmo tempo sólido e delicado, o projeto se destaca como uma expressão contemporânea de como a arquitetura pode dar forma à memória por meio de soluções formais, técnicas e simbólicas profundamente articuladas.

O Collier Memorial exerceu influência direta na concepção formal e funcional do projeto, sobretudo pela forma como articula memória, fluxo e espacialidade. A sua estrutura em arcos convergentes, dispostos radialmente, demonstrou a potência simbólica de uma geometria que direciona o caminhar e convida à permanência reflexiva, funcionando simultaneamente como espaço de passagem e de pausa.

Esse entendimento foi essencial para a proposta do memorial local, que busca integrar-se à praça não como um objeto isolado, mas como um elemento que estrutura o percurso, oferecendo diferentes possibilidades de apropriação e contemplação ao longo de seu traçado. A ideia de formas curvas, presentes no projeto do MIT, também inspirou a adoção de geometrias suaves e contínuas que acolhem o visitante, valorizando o movimento orgânico e a acessibilidade. Além disso, o projeto americano evidenciou como a arquitetura memorial pode dialogar com o entorno sem perder seu caráter solene, algo que guiou a proposta local a assumir uma posição estratégica no espaço público.

6. CONDICIONANTES E DIRETRIZES PROJETUAIS

A partir das análises históricas, urbanas e culturais desenvolvidas ao longo deste trabalho, evidenciou-se a importância de resgatar e valorizar o patrimônio da cidade de Reriutaba, com destaque para sua história, seus bens culturais, arquitetônicos e imateriais, como a devoção popular a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que compõem a identidade simbólica do município. O projeto apresentado propõe a implantação de um memorial fotográfico, articulando elementos afetivos, históricos e arquitetônicos em um espaço de encontro, contemplação e pertencimento.

O local da intervenção, situado na entrada de Reriutaba, carrega significados profundos para a população local, configurando-se como ponto de recepção e identidade. A proposta busca respeitar e reforçar esses vínculos, por meio de estratégias projetuais que consideram o clima semiárido da região, a valorização da vegetação nativa, o uso de materiais adequados ao contexto e a integração com o tecido urbano existente.

“Memória dos Carnaubais” não se limita à criação de um espaço expositivo; trata-se de uma intervenção simbólica, sensível e funcional, capaz de comunicar a história da cidade por meio da arquitetura, promovendo a educação patrimonial, o turismo cultural e a requalificação urbana. A seguir, serão apresentados os principais condicionantes e diretrizes projetuais que nortearam o desenvolvimento da proposta, incluindo os aspectos legais e normativos, o conceito e partido adotado, o sistema espacial, zoneamento, programa de necessidades, estratégias de sustentabilidade, bem como os desenhos técnicos que consolidam o projeto.

6.1 Programa de Necessidades

A elaboração do programa de necessidades para o projeto da praça com memorial fotográfico partiu de uma abordagem metodológica sensível e participativa, ancorada em entrevistas, conversas informais e observações sistemáticas realizadas in loco com os moradores da cidade de Reriutaba, assim como o estudo dos projetos correlatos e suas semelhanças para com o projeto do memorial. A escuta qualificada permitiu identificar as reais demandas da comunidade, traduzindo-as em espaços que dialogam diretamente com os desejos, carências e potencialidades socioculturais do território. Dessa forma, optou-se por um programa que articula **setores comuns, culturais e de entretenimento**, garantindo o uso democrático e inclusivo do espaço urbano.

Quadro 2 – Quadro de programa de necessidades.

SETOR	AMBIENTE	OBSERVAÇÕES
COMUM	Entrada / recepção da praça	Espaço de chamada e acolhimento de visitantes
	Circulação e caminhos	Ligação entre os diferentes setores
	Área de permanência	Bancos e espaços sombreados para descanso e permanência
	Banheiros (M/F/PCD)	Com acessibilidade e reservatório de água subterrâneo
	Canteiros	Elementos paisagísticos; contribuição estética e ambiental
CULTURAL	Área de exposição de fotografias	Espaço de memória histórica, com iluminação direcionada
	Loja de artesanato	Comercialização de produtos culturais e artísticos locais
ENTRETENIMENTO	Playground	Área lúdica voltada para crianças, integrada ao espaço público
	Mesas de jogos (xadrez/dominó etc.)	Espaço interativo e de convivência para diferentes faixas etárias
	Área de convivência	Integração social, eventos comunitários, feiras, etc.

Fonte: Autora, 2025.

No setor comum, destacam-se as áreas de circulação, permanência e sanitários acessíveis, fundamentais para o funcionamento pleno e acolhedor do espaço público. A definição de percursos acessíveis, que interligam todos os setores do projeto, promove mais que mobilidade: estabelece conexões simbólicas entre memória, lazer e convivência, incentivando o uso contínuo e democrático da praça como podemos perceber no Quadro 02.

A implantação de dois banheiros, masculino e feminino, com acessibilidade responde à necessidade de conforto, segurança e inclusão para com a população que utiliza a praça com frequência. Essa infraestrutura, muitas vezes negligenciada em praças públicas, é aqui compreendida como elemento essencial de dignidade e usabilidade, servindo de apoio principalmente para os artesãos que vão ocupar um espaço de trabalho, mas também permitindo que pessoas de todas as idades e condições físicas usufruam plenamente do espaço.

Como parte da infraestrutura de apoio, foi incorporado um reservatório de água subterrâneo, posicionado estrategicamente para suprir a demanda hídrica do conjunto, dos sanitários e sistema de irrigação dos canteiros que guardam a vegetação da praça. Essa solução evita interferências visuais no projeto, mantendo a integridade estética do memorial e garantindo autonomia em contextos de abastecimento irregular, algo especialmente relevante em regiões semiáridas.

Os canteiros têm papel central na organização e qualificação do espaço. Sua permeabilidade permite o escoamento controlado das águas pluviais, evitando acúmulos e contribuindo com o sistema de drenagem urbana. Ao mesmo tempo, o projeto dos canteiros respeita os fluxos dos pedestres: sua disposição estratégica permite o passeio entre eles, garantindo circulação fluida e acessível, sem restringir o deslocamento e servindo de espaço de entretenimento para as crianças. Além disso, funcionam como marcadores visuais e elementos paisagísticos, enriquecendo a experiência espacial com sombra, vegetação e identidade estética.

No setor cultural, localiza-se o núcleo conceitual do projeto: a área de exposição das fotografias históricas, que compõe o projeto do memorial. Espaço que visa à valorização da memória coletiva e da identidade local, promovendo a educação patrimonial e a reflexão sobre o passado a partir da imagem e da arquitetura. Composição, iluminação e circulação foram projetadas para incentivar a contemplação e o sentimento de pertencimento. Nas proximidades, a presença de lojas de artesanato conecta o memorial à produção cultural viva da cidade.

O playground garante segurança e estímulo ao brincar, sendo um ponto de encontro intergeracional. Já as mesas de jogos (como dominó e xadrez) respondem à presença constante de moradores, especialmente idosos, que fazem das praças espaços de socialização e lazer. Essas escolhas compõem uma ambiência acessível, acolhedora e inclusiva, reforçando o uso público da cidade. O projeto também prevê áreas abertas e flexíveis, preparadas para feiras, pequenos eventos culturais e eventos escolares, assegurando versatilidade ao uso do espaço e reforçando seu papel como palco da vida social da comunidade.

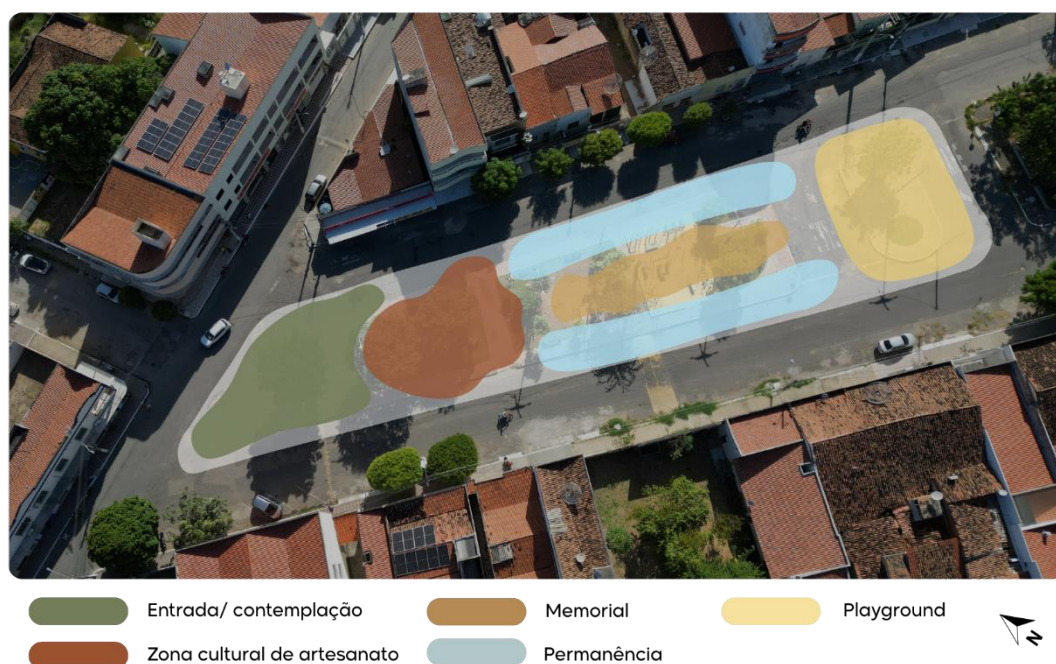
6.2 Zoneamento e Setorização

O zoneamento da área proposta para o espaço público foi pensado de maneira estratégica, buscando organizar as funções de uso e facilitar a circulação das pessoas, ao mesmo tempo em que se preserva a fluidez e o acesso livre ao longo de todo o perímetro da praça. A proposta estabelece quatro pontos de acesso distribuídos nas extremidades da intervenção, permitindo que a população acesse o espaço de diferentes direções conforme sua origem no tecido urbano.

Entretanto, destaca-se como entrada principal aquela situada na extremidade voltada para a Praça da Matriz, uma vez que esta é a área de maior fluxo de pessoas,

concentrando atividades comerciais, religiosas e culturais, e sendo reconhecida como um ponto central na dinâmica cotidiana da cidade. Essa orientação respeita os fluxos urbanos existentes e fortalece a conexão entre os espaços públicos já consolidados e a nova intervenção, garantindo maior apropriação por parte da comunidade. Além disso, os canteiros foram desenhados de forma a não obstruir a passagem, mantendo áreas impermeáveis que permitem o livre caminhar entre os elementos, incentivando a convivência e o uso múltiplo do espaço.

Figura 36 – Zoneamento.



Fonte: Thiago Marques, adaptado pela autora (2025).

O zoneamento do projeto foi estruturado com base em critérios funcionais, simbólicos e sociais, buscando garantir fluidez nos deslocamentos, clareza na organização espacial e integração entre os diferentes usos previstos para a praça. A área conta com acesso livre por suas quatro extremidades, favorecendo a permeabilidade urbana e a acessibilidade desde múltiplas direções. Dentre esses acessos, destaca-se como principal a entrada voltada para a Praça da Matriz, por concentrar o maior fluxo de pedestres e estar diretamente conectada aos espaços mais consolidados de uso comunitário, como os equipamentos religiosos e o comércio local.

A partir da entrada principal, tem início uma zona de transição e contemplação, concebida como espaço de recepção e ambientação. Arborizada e equipada com mobiliário urbano, ela propicia breves pausas e oferece um percurso visual em direção ao

eixo central da praça, onde se localiza o memorial histórico. Este eixo, posicionado de forma estratégica no centro do terreno, cumpre papel simbólico e organizador, conectando todas as demais zonas por meio de caminhos acessíveis e bem definidos. Implantado em posição levemente elevada e com acessos por rampas, o memorial conta com iluminação cênica e é delimitado por canteiros que orientam a circulação sem bloqueá-la, reforçando sua centralidade e destaque visual.

Na extremidade oposta ao acesso principal, foi delimitada a zona cultural destinada ao artesanato local. Localizada ao sul do terreno, essa área abriga estruturas modulares leves para exposição e comercialização de produtos artesanais, promovendo a valorização dos saberes tradicionais e fortalecendo a economia criativa. Sua proximidade com a área aberta multifuncional permite que seja utilizada de forma complementar a eventos e feiras, ampliando seu potencial de uso.

As zonas de permanência e convivência estão distribuídas de forma lateral ao longo dos percursos internos da praça. Nelas, foram inseridos bancos sombreados e mesas de jogos, como dominó e xadrez, favorecendo o uso intergeracional do espaço. Essas áreas aproveitam a presença dos canteiros impermeáveis, que, além de desempenharem função de drenagem e qualificação paisagística, atuam como elementos de orientação do caminhar, sem configurar barreiras ao deslocamento. A circulação entre os setores ocorre de forma contínua e intuitiva, respeitando os fluxos naturais dos usuários.

O playground foi implantado na lateral leste do terreno, em posição estratégica que assegura visibilidade por parte dos adultos e relativa proteção em relação aos fluxos mais intensos, nesse caso localizado na extremidade com menor fluxo de automóveis e protegido por uma “vegetação em barreira” projetada com ajuda dos canteiros, fazendo com que o espaço fique mais concentrado e com vista privilegiada para quem está próximo ao memorial. O espaço atende às demandas por lazer infantil de forma segura e estimulante, promovendo o desenvolvimento por meio da brincadeira. Por fim, na lateral oeste, foram implantados os equipamentos de apoio, compostos por dois sanitários ambos com acessibilidade universal.

6.3 Condicionantes Legais

O embasamento legal que sustenta o planejamento detalhado e a execução criteriosa do projeto contempla diferentes esferas da administração pública, evidenciando

o compromisso com a legalidade e o atendimento às normativas vigentes. Este tópico abrange a análise das diretrizes estabelecidas pelas legislações de uso e ocupação do solo, com ênfase nos instrumentos de ordenamento territorial, como os Planos Diretores – em especial o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Sobral e na observância às normas técnicas, a exemplo da NBR 9050:2020, que versa sobre acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.

A compreensão e aplicação das legislações em âmbito municipal revelam-se fundamentais, uma vez que é na escala local que se manifestam as particularidades socioterritoriais das comunidades. Tais normativas fornecem os parâmetros legais que orientam a organização e o crescimento urbano, estabelecendo critérios que regulam o uso racional do solo, a proteção do patrimônio e a qualificação dos espaços públicos. Nesse sentido, a legislação analisada exerce influência direta sobre as definições projetuais do memorial fotográfico a ser implantado na Praça Cel. Raimundo Rodrigues.

Com base nas diretrizes estabelecidas pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Sobral, instituído pela Lei Complementar nº 95/2021, identificam-se condicionantes legais relevantes que orientam e fundamentam a proposta deste trabalho, notadamente a implantação do Memorial Fotográfico dos Carnaubais na Praça Cel. Raimundo Rodrigues localizada na cidade de Reriutaba, no estado do Ceará. A adoção desse plano diretor como parâmetro legal decorre da ausência de instrumento equivalente no município de Reriutaba, cuja população, inferior a 20 mil habitantes, dispensa, por lei, a obrigatoriedade de possuir plano diretor próprio, conforme disposto no Estatuto da Cidade (BRASIL, 2001). Diante disso, e considerando a proximidade geográfica e influência regional do município de Sobral, justifica-se a escolha de sua legislação urbanística como referência normativa e metodológica.

A Seção I do Plano Diretor sobralense trata especificamente do Sistema Municipal de Áreas Verdes, estabelecendo conceitos, objetivos e diretrizes que se mostram pertinentes à caracterização da praça objeto de intervenção. Conforme o Art. 23, o sistema é constituído por diferentes categorias de áreas, incluindo praças urbanas, parques, espaços livres vegetados ou não, áreas de lazer públicas e áreas verdes originadas de parcelamentos do solo. Tais espaços são reconhecidos como prestadores de serviços ambientais e estruturantes do tecido urbano. Incluem-se, ainda, os espaços livres associados a equipamentos públicos de saúde, educação, cultura e lazer (SOBRAL, 2021, p. 65–66).

Entre os objetivos apresentados no Art. 24, destacam-se aqueles diretamente relacionados à proposta arquitetônica e urbanística deste trabalho: a qualificação das áreas verdes públicas nos distritos e bairros periféricos; a promoção da arborização e do sombreamento; a valorização da biodiversidade local; e a conservação dos remanescentes de vegetação nativa. Tais princípios encontram aderência nas estratégias adotadas para o redesenho da Praça Cel. Raimundo Rodrigues, com inserção de vegetação adaptada ao semiárido, revalorização do uso público e inserção de mobiliário urbano condizente com os usos contemplativos, culturais e históricos pretendidos.

O Art. 25 do mesmo plano reforça a necessidade de diversificar os usos das praças e parques, incluindo atividades culturais, esportivas e turísticas, além de estabelecer critérios equitativos de distribuição e preservação ambiental desses espaços. Assim, a proposta de implantação de um memorial fotográfico no espaço da praça dialoga diretamente com esses princípios, ao transformar o espaço público em um equipamento urbano com função educativa, cultural e simbólica, vinculado à história local e à memória coletiva.

Por fim, o Art. 26 determina que a estruturação do sistema de áreas verdes deve ser realizada com base em planejamento prévio, contemplando o levantamento de fauna e flora, definição de parâmetros de permeabilidade e arborização nos lotes urbanos e exigências específicas para novos empreendimentos. Essas recomendações foram consideradas na concepção do projeto, o qual prevê integração paisagística, estratégias de conforto térmico e adoção de princípios sustentáveis.

Dessa forma, constata-se que o Plano Diretor de Sobral, mesmo não sendo aplicável diretamente ao território riutabense, oferece embasamento técnico e normativo consistente para a formulação das propostas aqui apresentadas. Sua adoção assegura a conformidade legal do projeto com diretrizes atualizadas de planejamento urbano, permitindo a qualificação do espaço público como meio de expressão cultural, valorização patrimonial e exercício da cidadania.

No **Capítulo VIII – Da Política de Desenvolvimento Social**, do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Sobral (2021), oferecem contribuições importantes para o embasamento das propostas projetuais aqui desenvolvidas, especialmente no que diz respeito à qualificação de espaços públicos voltados ao uso coletivo e à valorização dos vínculos afetivos, sociais e culturais da população com o território urbano.

O Art. 76º dessa seção estabelece um conjunto de ações estratégicas voltadas à primeira infância, as quais repercutem diretamente na concepção de praças, parques e demais espaços abertos como ambientes que promovem inclusão, multissensorialidade, acessibilidade e experiências de pertencimento. Tais diretrizes são particularmente relevantes para o projeto de requalificação da Praça Cel. Raimundo Rodrigues, pois reconhecem o papel das praças como instrumentos de fortalecimento dos vínculos entre as crianças e o espaço urbano, além de espaços de estímulo ao livre brincar, ao encontro intergeracional e ao contato direto com a natureza.

Ao propor a implantação de um memorial fotográfico em um equipamento de uso coletivo, o presente trabalho também contempla as recomendações do plano no que se refere ao fortalecimento da vivência de bens culturais materiais e imateriais pela população infantil (Art. 76, inciso IV). A exposição ao ar livre e o uso educativo do memorial contribuem para que as crianças desenvolvam consciência histórica, estimulem a curiosidade e fortaleçam os laços simbólicos com sua cidade, ao mesmo tempo em que participam de uma pedagogia urbana que valoriza a memória, o território e a identidade local.

Além disso, os incisos II e III do mesmo artigo reforçam a necessidade de melhorar qualitativamente as áreas verdes e de lazer, considerando a diversidade sensorial e a segurança das crianças e seus cuidadores. Essa recomendação orienta o projeto paisagístico e o mobiliário da praça, que será pensado de forma inclusiva, segura e estimulante, com elementos naturais e lúdicos que permitam a apropriação infantil e familiar do espaço. A presença de sombreamento, pisos confortáveis, rampas acessíveis e bancos em escala humana são aspectos que se alinham a essa diretriz.

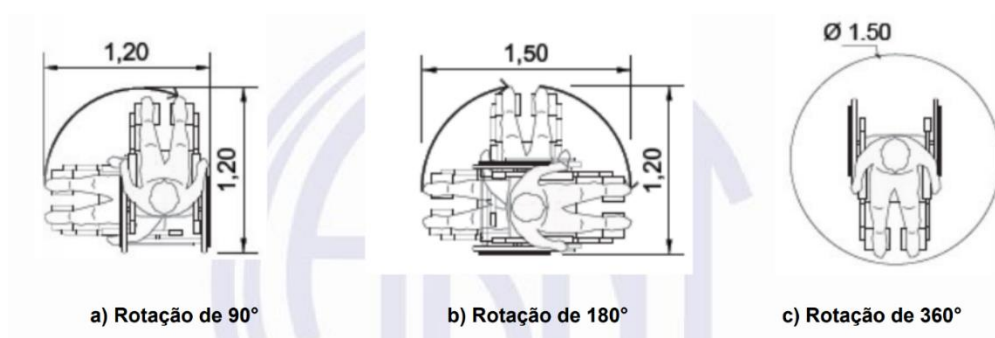
6.4 Diretrizes de acessibilidade

A acessibilidade universal é um dos pilares fundamentais do planejamento urbano contemporâneo, sendo amparada por normas técnicas e legislações que visam garantir o direito de ir e vir a todas as pessoas, independentemente de suas condições físicas, sensoriais ou cognitivas. Nesse sentido, a ABNT NBR 9050:2020, que trata da acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, apresenta os critérios técnicos essenciais para a promoção de ambientes acessíveis, seguros e confortáveis, com foco na autonomia e inclusão social.

A referida norma estabelece, por exemplo, no item 4.3.3, que os mobiliários localizados nas rotas acessíveis devem apresentar contraste visual mínimo de 30 pontos na escala de LRV (Light Reflectance Value) em relação ao plano de fundo. Caso esse critério não seja atendido, torna-se obrigatória a inserção de piso tátil de alerta, de forma a garantir a segurança das pessoas com deficiência visual, possibilitando a detecção dos obstáculos por meio de bengala longa.

No item 4.3.4, são definidas as dimensões mínimas necessárias para manobras de cadeira de rodas sem deslocamento. Para uma manobra de 90°, a área deve medir 1,20 m x 1,20 m. Para manobras de 180°, exige-se uma área mínima de 1,50 m x 1,20 m, enquanto para manobras de 360° é necessário prever um círculo livre com diâmetro de 1,50 m. Tais parâmetros são fundamentais para garantir que as pessoas com mobilidade reduzida possam circular e realizar giros completos em ambientes públicos com segurança e autonomia.

Figura 37 – Manobras de cadeira de rodas sem deslocamento.



Fonte: NBR 9050/2020 (2020, p. 12).

A seção 6.1 da norma aborda as *rotas acessíveis*, definindo-as como caminhos contínuos, desobstruídos e sinalizados, que conectam os diferentes ambientes e elementos do espaço urbano, como estacionamentos, calçadas, faixas de pedestres, rampas, escadas e passarelas. A conformidade dessas rotas com os parâmetros da NBR 9050 é indispensável para assegurar a acessibilidade plena no espaço público.

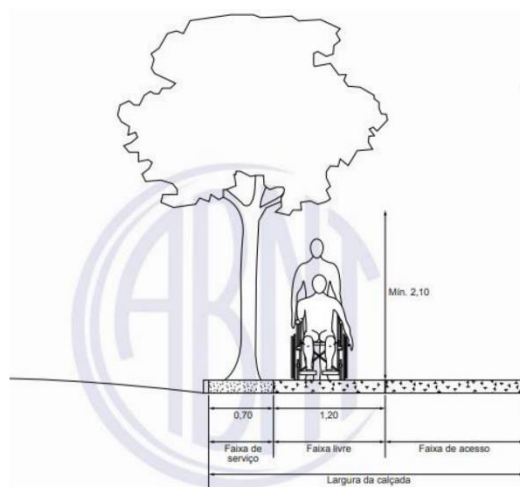
Além disso, o projeto desenvolvido para o município de Reriutaba considera integralmente as diretrizes da norma quanto ao rebaixamento de calçadas, inserção de rampas com inclinação máxima de 8,33%, e largura mínima de 1,20 m, com aplicação de piso tátil direcional e de alerta conforme recomendações técnicas. Esses elementos serão aplicados de maneira integrada aos circuitos do memorial fotográfico e da Praça Cel.

Raimundo Rodrigues, promovendo acessibilidade universal nos espaços de permanência, contemplação e circulação urbana.

Dando continuidade às diretrizes de acessibilidade, o projeto de intervenção proposto para este espaço, foi concebido com base nos parâmetros estabelecidos pela ABNT NBR 9050:2020, a qual normatiza os critérios de acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, assegurando a inclusão plena de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Para garantir a conformidade com a norma, todas as áreas de circulação receberam rotas acessíveis contínuas e desobstruídas, que conectam os diferentes elementos e ambientes do espaço urbano. Nos casos em que havia degraus, como em antigos acessos à praça ou plataformas elevadas, foi prevista a substituição por rampas acessíveis, conforme o item 6.6 da referida norma. Essas rampas respeitam a inclinação máxima de 8,33%, com largura livre mínima de 1,20 metros e inserção de piso tátil de alerta no início e no final do percurso, além de patamares de descanso a cada 50 metros, como recomendado.

As calçadas do recorte espacial foram dimensionadas a partir das diretrizes do tópico 6.12 da NBR 9050, que estabelece a divisão funcional das calçadas em três faixas: faixa de serviço (mínimo de 0,70 m), faixa livre de circulação (mínimo de 1,20 m com altura livre de 2,10 m) e faixa de acesso ao lote, exigida apenas quando a calçada tiver mais de 2,00 m de largura. Considerando a variabilidade de largura das calçadas existentes, o projeto optou por inserir canteiros pontuais com vegetação nativa, o que amplia o sombreamento urbano e melhora as condições de conforto ambiental, sem comprometer a faixa de circulação acessível.

Figura 38 – Manobras de cadeira de rodas sem deslocamento



Fonte: NBR 9050/2020 (2020).

Além disso, foram incorporados elementos de mobiliário urbano (bancos, lixeiras e postes de iluminação) devidamente reposicionados fora da faixa livre de circulação, respeitando os critérios de segurança, conforto e sinalização estabelecidos pela norma. Todos os equipamentos estão integrados à rota acessível, garantindo autonomia de uso e detecção tátil, promovendo ambientes mais seguros e inclusivos.

6.5 Conceito e partido arquitetônico

O conceito do projeto “Memória dos Carnaubais” foi concebido a partir da valorização de elementos simbólicos profundamente arraigados na paisagem natural e na identidade cultural de Reriutaba, em especial: a carnaúba. Nativa das regiões semiáridas do Nordeste brasileiro os carnaubais não apenas compõem o cenário físico da cidade, como também representam um importante símbolo de resistência, vida e memória dos reriutabenses que até então se fazem presentes no cenário urbano e principalmente rural da cidade. A carnaúba também está presente na bandeira oficial do município, as folhas que se fazem presentes na logomarca do projeto traduzem visualmente a ligação entre o povo reriutabense e o território que habitam, refletindo o modo como a natureza e a cultura local se entrelaçam.

A concepção deste projeto parte da compreensão de que espaço, memória e identidade coletiva são dimensões inseparáveis, tendo como referência inicial o valor simbólico das carnaúbas na paisagem e na história de Reriutaba. Árvores nativas que resistem ao tempo e às adversidades climáticas do sertão, as carnaúbas constituem mais do que um elemento da paisagem: elas são depositárias de lembranças, marcos silenciosos de acontecimentos e histórias que moldaram a trajetória do lugar e de seu povo. Assim, sua permanência no território inspira um projeto comprometido com a valorização da memória coletiva e com a afirmação do pertencimento comunitário ao espaço urbano.

A ideia central do partido arquitetônico está fundamentada na preservação da memória como ferramenta de educação patrimonial e fortalecimento da identidade local. A proposta organiza o espaço urbano como um **palco de lembranças partilhadas**, no qual diferentes gerações podem reconhecer fragmentos de sua história comum. Para isso, foi adotada uma lógica de composição que coloca o memorial histórico no eixo central do projeto, simbolizando o coração da memória da cidade e articulando, em seu entorno, as demais zonas de uso: contemplação, cultura, permanência e lazer.

A base teórica que sustenta essa concepção é a noção de memória coletiva desenvolvida por Maurice Halbwachs. Segundo o autor, "lembrar-se não requer, de fato, que nos transportemos mentalmente para além do espaço; pelo contrário, é a própria imagem do espaço, devido à sua constância, que nos faz sentir que não muda ao longo do tempo e nos permite encontrar o passado no presente" (Halbwachs, 1990, p. 160). Nessa perspectiva, o espaço projetado não é apenas cenário, mas agente da rememoração. A praça, por meio de sua materialidade e permanência, adquire a capacidade de despertar sentidos e afetos, consolidando-se como um repositório vivo da história local, condição que se concretiza plenamente com a implantação do memorial proposto.

O partido arquitetônico adota, portanto, uma abordagem que valoriza o território como suporte da memória, associando formas, percursos e elementos paisagísticos à evocação do passado. Os caminhos que conduzem ao memorial foram desenhados para promover uma experiência sensível e acessível, onde o tempo e a história são narrados não apenas pelas imagens expostas, mas pelo próprio percurso construído. Os canteiros, a vegetação nativa, os bancos sombreados e as áreas de permanência colaboram para criar uma ambiência propícia à contemplação, à convivência e ao reconhecimento do espaço como um lugar de pertencimento.

Dessa forma, o projeto propõe mais do que a construção de uma praça: busca-se criar um **espaço de memória**, onde a constância dos elementos físicos dialoga com a fluidez da lembrança, e onde a arquitetura atua como mediadora entre o passado coletivo e a vivência presente da comunidade.

Figura 39 – Logomarca do projeto “Memória dos Caraubais”.



Fonte: Autoria própria (2025).

Com base nesse contexto, a morfologia da **folha da carauba** foi reinterpretada no projeto como elemento estruturador da linguagem visual e arquitetônica. Sua

geometria inspirou o desenho da identidade visual quanto a composição volumétrica e espacial do memorial fotográfico, que será implantado na Praça Cel. Raimundo Rodrigues. A carnaúba, que ao longo da história local representa sustento e vida, adquire aqui uma dimensão simbólica mais profunda: passa a representar também a preservação da memória histórica e afetiva do povo de Reriutaba.

Nesse sentido, o projeto adota como partido arquitetônico a articulação entre formas orgânicas, integração paisagística e sensibilidade histórica, buscando estabelecer uma estética que valorize o pertencimento, a contemplação e o encontro. A proposta estabelece ainda um diálogo formal e conceitual com a obra do arquiteto Oscar Niemeyer, cuja arquitetura é notoriamente marcada por linhas curvas, leveza estrutural e sinergia entre luz natural e espaços livres. A aplicação dessas referências busca transcender a funcionalidade do espaço, propondo uma arquitetura poética, de forte caráter simbólico, capaz de evocar memórias e emoções.

Figura 40 – Casa do Baile, Conjunto Arquitetônico da Pampulha de Oscar Niemeyer.



Fonte: Archdaily (2025).

A integração entre o contexto paisagístico reriutabense, os valores culturais da carnaúba e a linguagem moderna das curvas arquitetônicas resulta em um projeto que se propõe a ser, simultaneamente, dispositivo de preservação da memória, espaço de fruição cultural e expressão da identidade urbana. As curvas do telhado, inspiradas tanto nas folhas da carnaúba quanto na fluidez arquitetônica moderna, orientam o percurso do

visitante, promovendo uma experiência sensorial contínua entre o espaço construído e o natural.

Segundo o Dicionário Michaelis (2025), o termo "Portal" refere-se a uma entrada principal e imponente de um edifício, templo ou cidade, podendo também designar uma grande porta, a fachada dessa entrada ou a estrutura fixa que emoldura portas e janelas. No contexto do projeto em desenvolvimento, o Portal é entendido como um marco visual e simbólico, seja ele construído ou não, que atue como ponto de referência para a comunidade. Esse elemento, sempre associado ao uso público, pode tanto servir como acesso ao Parque quanto demarcar seus limites, destacando sua presença na paisagem urbana.

Seguindo essa concepção, a presença de portais a céu aberto no projeto do memorial reforça a intenção de criar marcos simbólicos que dialogam com a paisagem e com a memória coletiva do lugar. Esses portais, mesmo sem fechamentos físicos, cumprem a função de transição entre o cotidiano e o espaço da contemplação, estabelecendo um limiar sensível entre o urbano e o simbólico. Ao atravessá-los, o visitante é convidado a uma mudança de percepção, reconhecendo naquele gesto simples: o ato de passar, um ritual de entrada em um território de significados.

Além de sua função simbólica, os portais também contribuem para a orientação espacial e valorização dos acessos principais ao memorial, organizando visualmente o percurso e reforçando a identidade do espaço. Eles atuam como molduras da paisagem, emoldurando a vista para os elementos centrais do memorial e estabelecendo conexões visuais entre passado e presente, entre o território físico e o imaginário coletivo. Assim, mesmo em sua leveza e abertura, esses portais tornam-se fundamentais para a narrativa arquitetônica do projeto.

6.6 Memória dos carnaubais: proposta de implantação de um memorial fotográfico na cidade de Reriutaba – CE

O Memorial Fotográfico proposto para a cidade de Reriutaba – CE configura-se como um equipamento cultural de caráter simbólico e educativo, pensado como espaço de valorização da história local, da memória coletiva e da identidade reriutabense.

Figura 41 – Planta de situação.



Fonte: Autoria própria (2025).

Instalado em uma das áreas centrais da nova praça, o memorial surge como eixo articulador entre passado e presente, promovendo o resgate visual da trajetória urbana e social da cidade por meio da fotografia histórica. Sua concepção parte da necessidade de eternizar os marcos que moldaram a formação do município, proporcionando aos moradores e visitantes uma vivência sensível, didática e acessível da memória local.

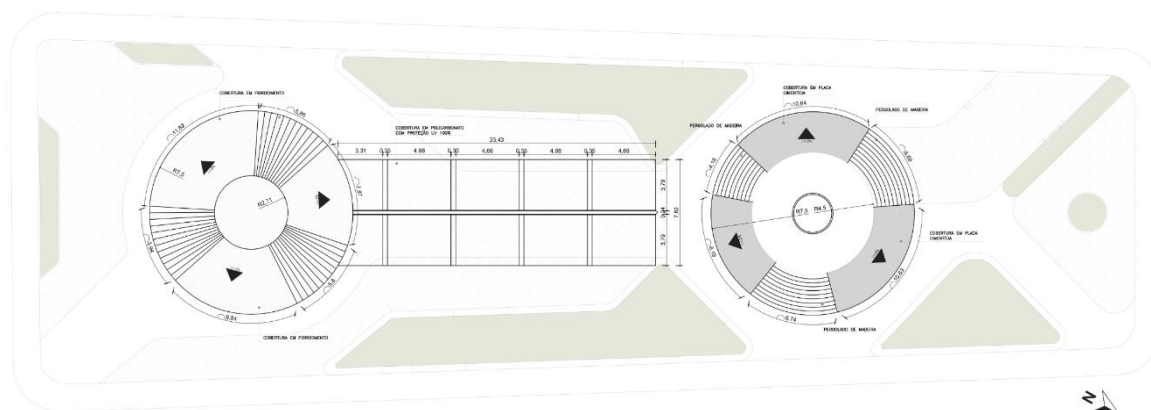
Figura 42 – Maquete Eletrônica –Memorial fotográfico Memória dos Caraubais



Fonte: Autoria própria (2025).

A cobertura do espaço destinado ao memorial é composta por duas tecnologias que se complementam: o fibrocimento e o policarbonato com proteção UV de 100%. O uso do fibrocimento, material leve, resistente e com boa durabilidade, garante robustez estrutural e economia. Já o policarbonato, além de conferir leveza visual e permitir a entrada de luz natural de forma difusa, possui tratamento contra raios ultravioleta que bloqueia 100% da radiação nociva, protegendo tanto os visitantes quanto os registros fotográficos expostos. Essa combinação técnica traduz uma solução estética e funcional, adaptada às exigências climáticas do semiárido, como as altas temperaturas e a intensa radiação solar.

Figura 43 – Planta de cobertura e vista superior



Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 44 – Maquete Eletrônica –Memorial fotográfico Memória dos Caraubais



Fonte: Autoria própria (2025).

Nas lojas de artesanato que compõem o conjunto arquitetônico da praça, optou-se pela utilização de placas cimentícias como elemento de cobertura. Este tipo de material oferece resistência mecânica, isolamento térmico e excelente desempenho em regiões de clima quente, sendo especialmente adequado para edificações em áreas com baixa umidade relativa do ar, como Reriutaba. A presença de beirais acentuados reforça ainda mais a eficiência da proteção solar, ao sombrear as fachadas e minimizar a incidência direta da luz, colaborando para a climatização passiva dos ambientes internos e oferecendo maior conforto aos artesãos que ali irão trabalhar.

Figura 45 – Maquete Eletrônica – Memorial fotográfico Memória dos Caraubais



Fonte: Autoria própria (2025).

A materialidade do projeto também dialoga diretamente com o contexto climático e cultural da região. A utilização expressiva do concreto garante durabilidade, resistência e facilidade de manutenção, além de conferir caráter contemporâneo às formas arquitetônicas. A madeira, por sua vez, traz aconchego, naturalidade e rusticidade, características que se associam ao modo de vida interiorano e à estética regional. O tijolinho aparente, escolhido tanto por sua qualidade térmica quanto pelo valor simbólico, resgata o aspecto artesanal das construções tradicionais do sertão, estabelecendo uma ponte afetiva com a memória arquitetônica local. A seleção desses materiais reflete o compromisso do projeto com a sustentabilidade, o baixo custo de manutenção e a adequação climática, tornando a proposta compatível com o semiárido nordestino e com os valores da população reriutabense.

As fotografias são expostas por meio de impressões em aço inoxidável e aço carbono, este último pintado ou revestido, garantindo durabilidade e resistência aos agentes externos. A escolha destes materiais assegura a preservação da integridade das imagens, conferindo-lhes robustez e um acabamento estético contemporâneo. Quanto à altura de instalação, as fotografias são posicionadas com o centro a 1,60 metros do piso, valor definido para proporcionar conforto visual e acessibilidade ao público, facilitando a apreciação das obras sem esforço postural.

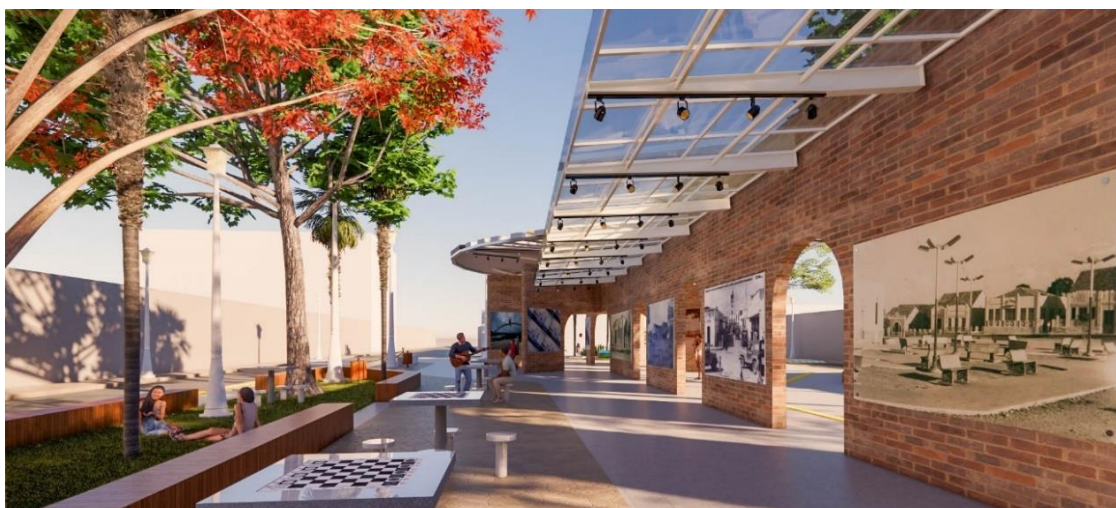
A Prefeitura de Reriutaba desempenha papel fundamental no projeto de **curadoria** do Memorial Fotográfico da cidade, no Ceará, buscando promover uma exposição que esteja sempre conectada com a vida cultural e social do município. Atualmente, as fotografias estão fixas em placas de aço, o que garante durabilidade e resistência, mas limita a possibilidade de variação e atualização constante do acervo. Para solucionar essa questão, foi adotada uma estratégia que permite a renovação periódica do conteúdo exposto, mesmo mantendo o suporte físico fixo.

Essa alternativa é a criação de um sistema modular, no qual as placas de aço funcionam como suportes permanentes, mas com molduras ou encaixes que possibilitam a troca fácil das imagens impressas. As chapas de aço recebem suportes de acrílico transparente em forma de “bolso”, onde as fotos são inseridas e protegidas, permitindo a mudança das imagens sem a necessidade de ferramentas e garantindo proteção contra intempéries. É preciso que as impressões sejam realizadas em materiais de alta qualidade e resistência; no caso deste projeto, são utilizadas placas de policarbonato com tecnologia

de proteção UV, com índice superior a 90% contra raios solares, evitando desbotamento e preservando a qualidade visual. Essa solução possibilita que o conteúdo da exposição seja substituído de acordo com eventos, datas comemorativas, marcos históricos ou atividades culturais da cidade, tornando o memorial dinâmico e vivo.

Além disso, a curadoria pode planejar um calendário anual de atualizações, incluindo fotografias de acontecimentos recentes, homenagens a figuras importantes da comunidade, registros de festas tradicionais, exposições temáticas e projetos educacionais desenvolvidos nas escolas locais. Dessa forma, o memorial não apenas preserva a história já registrada, mas também acompanha a evolução contemporânea de Reriutaba, estimulando o engajamento da população e fortalecendo o sentimento de pertencimento.

Figura 46 – Maquete Eletrônica –Memorial fotográfico Memória dos Carnaubais



Fonte: Autoria própria (2025).

A iluminação é cuidadosamente planejada, utilizando spots direcionais fixados em trilhos e luminárias embutidas equipadas com LEDs de tonalidade branca neutra (4000K) e índice de reprodução de cor (IRC) superior a 85 (ver Figura 47). Esta configuração assegura uma reprodução fiel das cores, destacando os detalhes das imagens sem causar ofuscamento ou distorções cromáticas. Para preservar a integridade das fotografias, os painéis são instalados com afastamento da parede, o que favorece a ventilação e evita a condensação e a umidade, mesmo em ambientes de clima seco. Esta medida preventiva é fundamental para a conservação a longo prazo das peças expostas.

Figura 47 – Maquete Eletrônica –Memorial fotográfico Memória dos Carinaubais

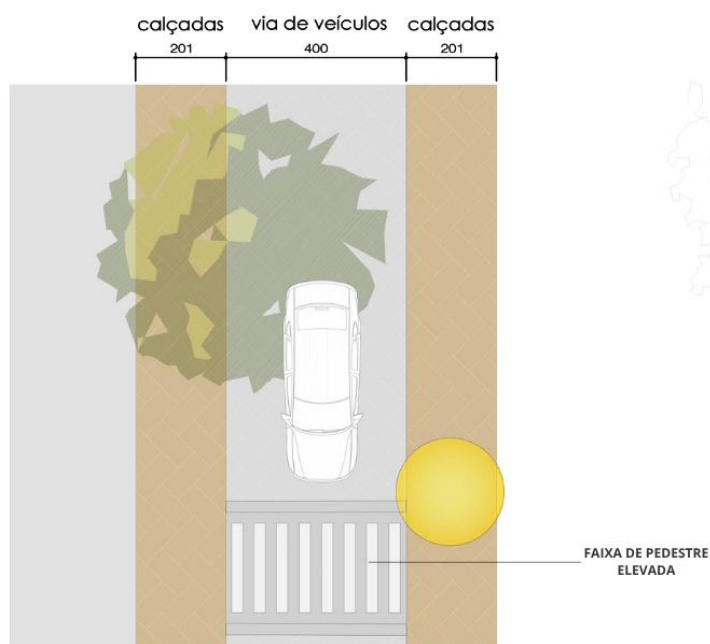


Fonte: Autoria própria (2025).

Adicionalmente, todas as imagens contam com proteção contra radiação ultravioleta, elemento indispensável devido à incidência de luz natural direta em determinados horários. O sistema de proteção consiste no uso de filtros específicos aplicados sobre as superfícies, os quais bloqueiam eficazmente os raios UV, prevenindo o desbotamento e o envelhecimento precoce das fotografias. Essa combinação entre a robustez dos materiais e os cuidados técnicos proporciona uma exposição segura e de alta qualidade para o público.

Além da valorização estética e histórica, o projeto contempla com rigor os princípios de acessibilidade universal. A implantação de faixas de pedestres elevadas promove a segurança viária e o respeito ao fluxo de pedestres, ao mesmo tempo em que atua como elemento de moderação de velocidade no entorno da praça (ver Figura 48). A presença do piso tátil garante autonomia a pessoas com deficiência visual, permitindo a orientação segura em todo o percurso do espaço público. Os banheiros, totalmente acessíveis, foram pensados não apenas como equipamentos de uso coletivo, mas também como suporte essencial ao funcionamento das lojas de artesanato, oferecendo infraestrutura de apoio para os trabalhadores locais.

Figura 48 – Detalhe da faixa de pedestres.



Fonte: Autoria própria (2025).

A proposta paisagística foi concebida com especial atenção ao contexto ambiental de Reriutaba, um município inserido no semiárido nordestino, onde predominam temperaturas elevadas, baixa umidade relativa do ar e longos períodos de estiagem. Diante dessa realidade, o perfil paisagístico adotado prioriza espécies nativas e adaptadas ao microclima local, com o objetivo de garantir sustentabilidade, baixo custo de manutenção e harmonia com a paisagem natural da região.

Figura 49 – Painel paisagístico do projeto.



Fonte: Autoria própria (2025).

O projeto foi concebido com base nas exigências ambientais características do semiárido nordestino, como altas temperaturas, baixa umidade e longos períodos de estiagem. Por isso, foram priorizadas espécies nativas e adaptadas ao microclima local,

visando à sustentabilidade, ao baixo custo de manutenção e à integração com a paisagem natural da região. A escolha das espécies sombreadoras, como o oiti (*Licania tomentosa*) e o ipê amarelo (*Tabebuia chrysotricha*), está diretamente ligada à memória da praça antes da reforma, quando grandes árvores proporcionavam sombra abundante e conforto térmico. A nova vegetação resgata essa ambiência, garantindo bem-estar e continuidade da identidade do espaço.

Espécies como a aroeira vermelha (*Schinus terebinthifolia*), a alamanda roxa (*Tibouchina granulosa*), o agave (*Agave sisalana Perrine*) e a grama (*Cynodondactylon*) foram selecionadas por sua resistência, valor ornamental e capacidade de se desenvolverem bem no solo e clima locais. Já a carnaúba (*Copernicia prunifera*), embora não ofereça sombra significativa, foi mantida por seu forte valor cultural e simbólico, reafirmando os vínculos históricos e identitários de Reriutaba com os carnaubais que moldaram sua paisagem.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise aprofundada sobre a importância da preservação da memória coletiva por meio da arquitetura memorial, especialmente em pequenos municípios como Reriutaba/CE, constata-se que a construção de um espaço que materialize simbolicamente a história e as vivências locais revelam-se não apenas necessária, mas urgente. Este trabalho reafirma o papel dos espaços públicos como lugares de confluência entre a memória e a experiência cotidiana, onde o passado não apenas é lembrado, mas ressignificado à luz das novas dinâmicas sociais, urbanas e culturais.

A investigação, pautada por metodologias participativas e sensíveis às vozes da população, permitiu identificar a ausência de equipamentos urbanos que cumpram a função de preservar e celebrar os elementos simbólicos da trajetória local. A Praça Cel. Raimundo Rodrigues, por sua centralidade e relevância histórica, emerge como um espaço com potencial expressivo para abrigar esse tipo de intervenção, capaz de promover o reencontro dos habitantes com sua própria história. A escolha desse espaço se dá não apenas por critérios físicos ou urbanísticos, mas sobretudo pela sua capacidade de acolher o afeto e a memória da comunidade, funcionando como catalisador de pertencimento.

A proposta de implantação de um memorial fotográfico, ainda em caráter de estudo preliminar, representa um instrumento de resistência ao apagamento cultural e de valorização da identidade reriutabense. A fotografia, nesse contexto, transcende sua função documental e se transforma em linguagem capaz de sensibilizar, educar e conectar temporalidades distintas. Ao capturar imagens do cotidiano, dos eventos históricos, das edificações e das manifestações culturais, a fotografia torna visível aquilo que é fundamental para a memória de um povo.

A pesquisa revelou, ainda, que a atuação da arquitetura enquanto meio de resgate e valorização do patrimônio imaterial pode se articular de forma coerente com as práticas contemporâneas de uso dos espaços urbanos, promovendo o diálogo entre tradição e inovação, assim como o que se viveu e o que será vivido. O memorial, assim, não se apresenta como objeto isolado, mas como parte de uma estratégia projetual mais ampla, que visa à integração paisagística, ao estímulo à permanência e à ampliação do valor de uso da praça, considerando mobiliários, iluminação e zoneamentos adequados.

Ao final deste percurso investigativo e propositivo, conclui-se que a implantação de um memorial fotográfico em Reriutaba não se trata apenas de um gesto arquitetônico, mas de um compromisso com a história e com o futuro da cidade. A valorização do espaço

público enquanto lugar de memória e experiência traduz a responsabilidade coletiva com os registros que sustentam a identidade de um território. Assim, este trabalho contribui para a consolidação de estratégias que promovam a preservação ativa, a participação comunitária e o fortalecimento dos vínculos afetivos com o lugar, assegurando que as narrativas locais não se percam no tempo, mas se perpetuem com dignidade e reconhecimento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Robson Oliveira. **Lugares de memória: a relação entre a memória e os espaços físicos em Mossoró/RN**. Revista Eletrônica Discente História.com, Cachoeira, v. 4, n. 8, p. 95-107, 2017. Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Disponível em: https://seer.uefs.br/index.php/revista_historia/article/view/2391. Acesso em: 1 maio 2025.

ALVES, Tânia. **Agosto de pessoas presentes nas ausências**. O Povo, Fortaleza, 20 ago. 2022. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/colunistas/tania-alves/2022/08/20/agosto-de-pessoas-presentes-nas-ausencias.html>. Acesso em: 2 maio 2025.

AMARAL, D. **Novos museus de arte: entre o espetáculo e a reflexão**. Brasília: Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2014. 186 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo).

ARAÚJO, Thales Thaynan Lemos Saldanha de. **Memórias de um silêncio: proposta arquitetônica de um museu e memorial Norte-Rio-Grandense pelas vítimas da COVID-19**. 2022. 147 f.: il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Departamento de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

ARARIPE, M. **Do patrimônio cultural e seus significados**. In: Transformação. v. 16, n. 2, p. 04, Campinas, 1 ago. 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Estatuto da cidade: lei 10.257 de 10 de julho de 2001**. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

VASCONCELOS NETO, Francisco Rocha. **Cais da memória: espaço para vivências afetivas com a cidade de Natal**. Natal, RN: [s.n.], 2016. 244 f. : il.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. **História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASTRO, Carla Yara Soares de Figueirêdo. **O corredor cultural: espaço de materialização da exclusão social em Mossoró**. Natal – RN. Tese de doutorado. UFRN, 2012.

CORREIA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ártica, 1989.

CRUZ, Isabela Dantas de Santa. **Memorial Fernando Santa Cruz: anteprojeto de reuso em edificação com valor patrimonial em Olinda/PE**. Natal, 2018. 127 f.: il.

CULLEN, Gordon. **A paisagem urbana**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
Disponível em:
https://estudanteuma.files.wordpress.com/2014/06/cullen_paisagem_urbana.pdf. Acesso em: 14 jan. 2025.

DE MONDENARD, A.; BOUTEILLER KAVAKAMA, T. E. **A emergência de um novo olhar sobre a cidade: as fotografias urbanas de 1870 a 1918**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 18, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10981>. Acesso em: 4 dez. 2024.

DE MUSEUS, Instituto Brasileiro. **Guia para projetos de arquitetura de museus**. Brasília, DF: IBRAM, 2020. Acesso em: jan. 2025.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. Sobral (CE). **E estações ferroviárias do Brasil**. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ce_sobral/sobral.htm. Acesso em: 01 jul. 2025.

FERIAS.TUR.BR. **Reriutaba - CE**. Disponível em:
<https://www.ferias.tur.br/cidade/1644/reriutaba-ce.html>. Acesso em: 1 maio 2025.

FELIZARDO, Luiz Carlos. **O relógio de ver**. Porto Alegre: Fumproarte/Prefeitura Municipal, 2000.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Ver a cidade**. São Paulo: Nobel, 1988. p. 4.

FROTA, Silvana. **Reriutaba ontem e hoje: história e crônicas**. Fortaleza: [s.n.], 2003.

FUÃO, Fernando Freitas. **Canyons: avenida Borges de Medeiros e o Itaimbezinho**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

GASTAL, Susana. **Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio**. Campinas: Papirus, 2006. 224 p.

GOMES, Silvana Ximenes (Org.). **Reriutaba centenária: história e depoimentos – 1923-2023**. Fortaleza: [s.n.], 2023.

HALBWACHS, M. *La mémoire collective*. Paris: Albin Michel, 2007 [1997/1950].

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HAS DESIGN AND RESEARCH. **Simple Art Museum**. ArchDaily, 2024. Disponível em: <https://www.archdaily.com/1022166/simple-art-museum-has-design-and-research>. Acesso em: 2 mai. de 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. **Heroísmo de Mossoró**. 16 nov. 2022. Disponível em: <https://prefeiturademossoro.com.br/noticias/memorial-da-resistencia-mantem-viva-a-historia-de-heroismo-de-mossoro/9387>. Acesso em: 7 maio 2025.

HORA, Carlos Eduardo Pereira da; MEDEIROS, Fernando Antonio Carneiro de; CAPISTRANO, Luciano Fábio Dantas. **Conheça melhor o seu bairro: redinha**. Redinha, 2012. Disponível em: <https://natal.rn.gov.br/storage/app/media/sempla/Redinha.pdf>. Acesso em: dez. 2024.

HÖWELER + YOON. Sean. **Collier memorial**. 2015. Disponível em: <https://www.howeleryoon.com/work/46/collier-memorial>. Acesso em: 2 mai. de 2025.

ICOMOS. **Carta de Veneza**. Veneza, 1964. Disponível em: https://www.icomos.org/charters/venice_e.pdf. Acesso em: 3 dez. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2022**. 28 de agosto de 2024. Acesso em: 3 dez. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museu e turismo: estratégias de cooperação**. Brasília, DF: IBRAM, 2014.

KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora UnB, 1996.
KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: UNESP, 1998.

LOPES, Luiz. **Estação ferroviária**. Blog do Luiz Lopes, 26 out. 2011. Disponível em: <https://luizlopesfilho.blogspot.com/2011/10/estacao-ferroviaria.html>. Acesso em: 01 jul. 2025.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MACHADO JÚNIOR, Sâris Pinto. **História, patrimônio e política: estudo dos casos de tombamentos de bens materiais na cidade de Fortaleza dos anos de 1980-90**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MACEDO, Silvio Soares. **Espaços livres**. In: Paisagem Ambiente Ensaios. São Paulo: FAUUSP, 1995, v. 7. p. 15-56.

MARÉ, Eric de. **Photography and architecture**. Architectural Press, 1961. p. 13.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/portal>. Acesso em: 23 mar. 2025.

MONTANER, Josep Maria. **Museus para o século XXI**. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

NASCIMENTO, Isabella Ludimilla Barbosa do; NOBREGA, Wilker Ricardo de Mendonça. **Turismo e desenvolvimento local: um ensaio sobre o corredor cultural em Mossoró/RN**. Revista Turydes: Turismo y Desarrollo, n. 20, jun. 2016. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/turydes/20/crescimento.html>. Acesso em: 2 maio 2025.

NOBRE, Yuri. **Requalificação urbano-arquitetônica do parque da liberdade – cidade da criança**. Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://www.yurinobre.arq.br/pu-pdc>. Acesso em 20 de mar. de 2023.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1997.

PANERAI, Phillipe. **Análise urbana**. Tradução Francisco Leitão. Revisão técnica Sylvia Ficher. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006. (Coleção Arquitetura e Urbanismo). 198 p.

PESAVENTO, S. J. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PUNTONI, Pedro. **Rede memorial: cultura digital, redes colaborativas e a digitalização dos acervos memoriais do Brasil**. In: GÖBEL, Barbara; CHICOTE, Gloria (orgs.). Transiciones inciertas: Archivos, conocimientos y transformación digital en América Latina. La Plata: Universidad Nacional de La Plata; Berlim: Ibero-Amerikanisches Institut, 2017. p. 120–152.

RERIUTABA. **Plano municipal de educação: 2015-2024**. Reriutaba: Prefeitura Municipal de Reriutaba, 2015. Disponível em: <https://reriutaba.ce.gov.br/adm/upload/1674065968-sQN9YNKxbOCpxFi.pdf>. Acesso em: 28 abril 2025.

SAYER, A. **Defining the urban**. GeoJournal, v. 9, n. 3, p. 281-292, 1984.

SHEN, Yiling. **Como as futuras gerações responderão à arquitetura dos memoriais modernos?** [How Will Future Generations Respond to Modern-Day Memorial Architecture?]. ago. 2018. ArchDaily Brasil. (Trad. PEREIRA, Matheus). Acesso em: fev. 2022. ISSN 0719-8906.

SILVA, Jussara Maria. **Os marcos referenciais na estruturação espacial da cidade de Concórdia (SC)**. Revista de História Regional, 2002.

SILVA, Tarcísio Glauco da; ANDRADE, Elizete Oliveira de. **Fotografia e espaço urbano: a imagem como fonte histórica**. Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Carangola, 2009. p. 21.

SILVA, Thiago Souza et al. **O espaço urbano como lugar de memória: investigando a confluência da materialidade, espacialidade e afetividade na construção minemônica pelas coletividades que o habitam**. Anais VI JOIN / Brasil - Portugal... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/57790>. Acesso em: 26 fev. 2025.

SOUSA, Pablo Glaydson de. **Memorial do comércio mossoroense**. 2005. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Cap. 1.

SOBRAL (CE). **Lei complementar nº 007, de 1º de fevereiro de 2000. Institui o código de obras e posturas do município de sobral e dá outras providências**. Disponível em: <https://camarasobral.ce.gov.br/arquivos/3963/LeiComplementar72000.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SOBRAL (CE). Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Sobral: legislação básica – **Código de obras e posturas. Sobral: consórcio Fausto Nilo / espaço Plano, 1999**. Disponível em: https://seuma.sobral.ce.gov.br/media/com_download/files/20190425132909.pdf. Acesso em: 20 mar. 2025.

SOBRAL (CE). **Plano diretor ilustrado de Sobral**. Sobral: Secretaria do Urbanismo e Meio Ambiente – SEUMA, 2023. Disponível em: <https://seuma.sobral.ce.gov.br/iinformativos/planos?view=article&id=671:plano-diretor-ilustrado-de-sobral&catid=8:site>. Acesso em: 1 jun. 2025.

VIEIRA, César Bastos de Mattos. **A fotografia na percepção da arquitetura**. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

APÊNDICES**Questionário 1: Praça Cel. Raimundo Rodrigues**

Informações Gerais

Idade:

☐ Menor de 18 ☐ 18–30 ☐ 31–50 ☐ 51–70 ☐ Mais de 70

Gênero:

☐ Masculino ☐ Feminino ☐ Prefere não dizer ☐ Outro: _____

Qual a sua relação com a cidade de Reriutaba?

☐ Morador ☐ Visitante ☐ Apenas a trabalho/estudo ☐ Outros:

Onde você mora?

☐ Próximo à praça ☐ Em outro bairro de Reriutaba ☐ Em outra cidade

Parte I – Frequência e Uso

Com que frequência você frequenta a praça?

☐ Diariamente ☐ Algumas vezes por semana ☐ Algumas vezes por mês ☐ Raramente ☐ Nunca ☐ Outros: _____

Que atividades você costuma realizar na praça? (pode marcar mais de uma)

☐ Lazer / descanso ☐ Atividades físicas ☐ Encontro com amigos/família ☐ Eventos religiosos ou culturais ☐ Apenas passagem ☐ Outro:

Parte II – Percepção e Significado

A praça é importante no seu dia a dia?

☐ Muito importante ☐ Pouco importante ☐ Não tem importância

Justifique sua resposta: _____

Você tem alguma memória especial associada à praça?

☐ Sim ☐ Não

Se sim, qual seria? _____

A praça tem valor cultural para Reriutaba?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei dizer

Se sim, por quê? _____

Como você avalia o estado de conservação da praça?

☐ Muito bem conservada ☐ Razoavelmente conservada ☐ Pouco conservada ☐

Mal conservada

Como você avalia a arborização da praça?

☐ É suficiente ☐ É insuficiente ☐ Não sei dizer

Parte III – Simbolismo e Identidade

A praça representa:

☐ Um espaço de convivência ☐ Um símbolo da cidade ☐ Um local comum sem valor simbólico ☐ Outro: _____

Você acredita que a praça deve ser preservada para as futuras gerações?

☐ Sim ☐ Não ☐ Indiferente

Como você se sente ao frequentar a praça?

☐ Muito bem ☐ Indiferente ☐ Desconfortável

Justifique sua resposta: _____

O que você acha mais significativo na praça?

☐ Canteiros ☐ Academia ☐ Área de circulação ☐ Outro: _____

Você acha interessante que a praça tivesse um novo equipamento cultural?

☐ Sim ☐ Não ☐ Indiferente

Se sim, qual? _____

Você gostaria de apontar os espaços mais significativos da praça?

☐ Sim, posso desenhar ☐ Sim, posso descrever ☐ Não desejo participar dessa parte

Parte V – Sugestões e Cultura

O que você sugeriria para melhorar a praça?

☐ Mais iluminação ☐ Mais segurança ☐ Atividades culturais ☐ Conservação da

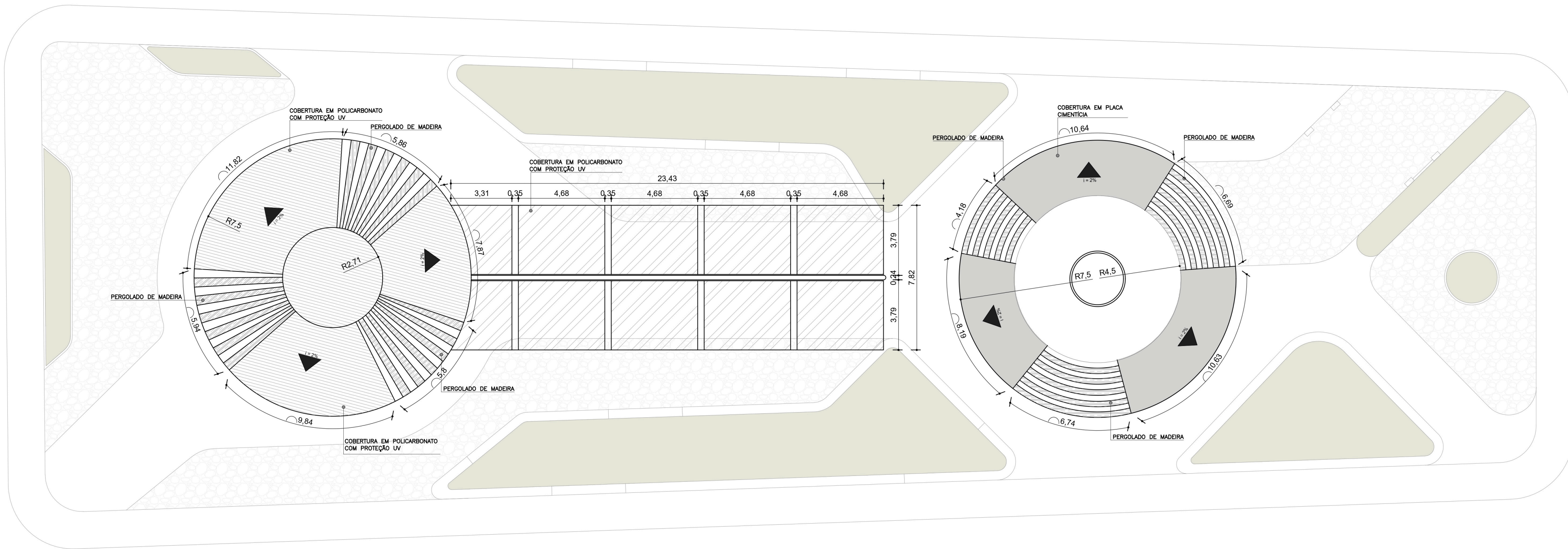
estrutura ☐ Mobiliário Urbano ☐ Melhoria da calçada / Acessibilidade (acessos)
☐ Mais arborização ☐ Outro: _____

Você sente falta de um equipamento que apresente a cultura e a história da cidade para a população?

☐ Sim ☐ Não ☐ Indiferente

Você gostaria de ter acesso a fotos antigas e conhecer mais sobre a história de Reriutaba?

☐ Sim ☐ Não ☐ Indiferente



01 PLANTA DE COBERTURA
ESCALA: 1/150

Trabalho de conclusão de curso

memória dos
CARNAUBAIS

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UM MEMORIAL
FOTOGRAFICO NA CIDADE DE RERIUTABA/CE

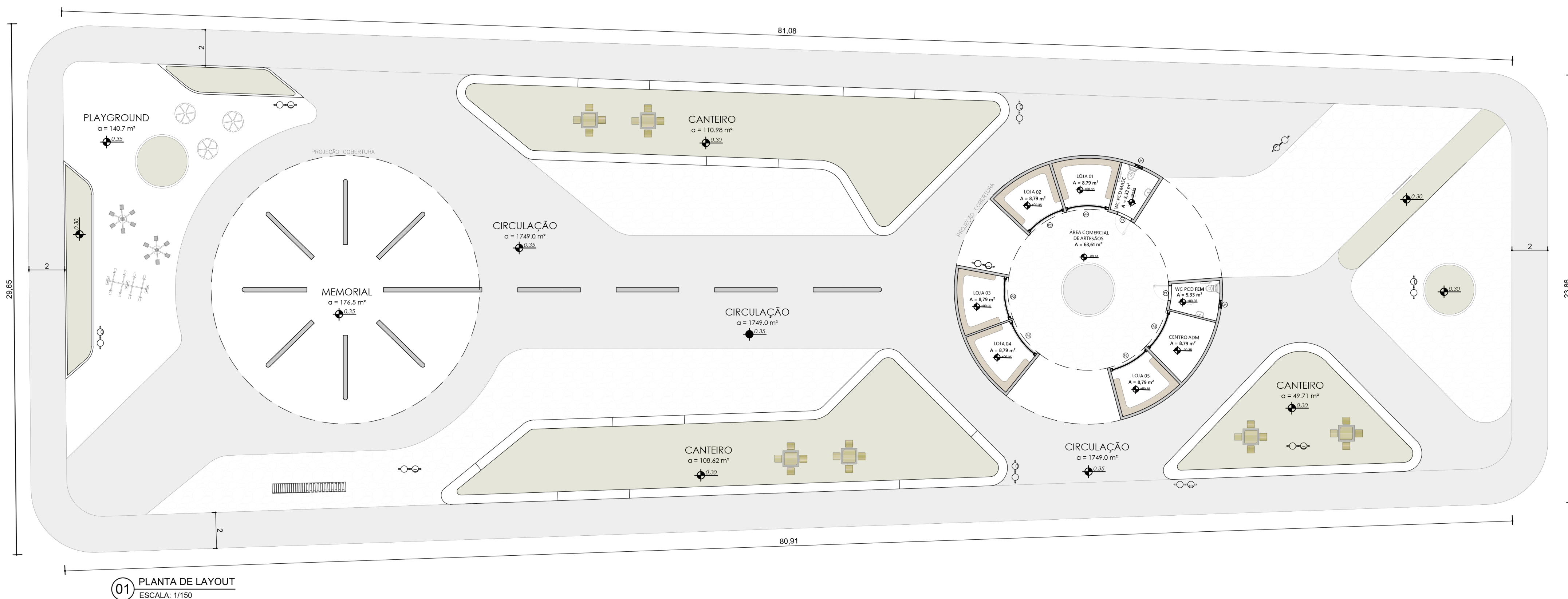
ALUNA:
MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

PLANTA DE
COBERTURA

ESCALA:
INDICADA

PRANCHA
01 / 13



Trabalho de conclusão de curso

memória dos
CARNAUBAIS

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UM MEMORIAL
FOTOGRAFICO NA CIDADE DE RERIUTABA/CE

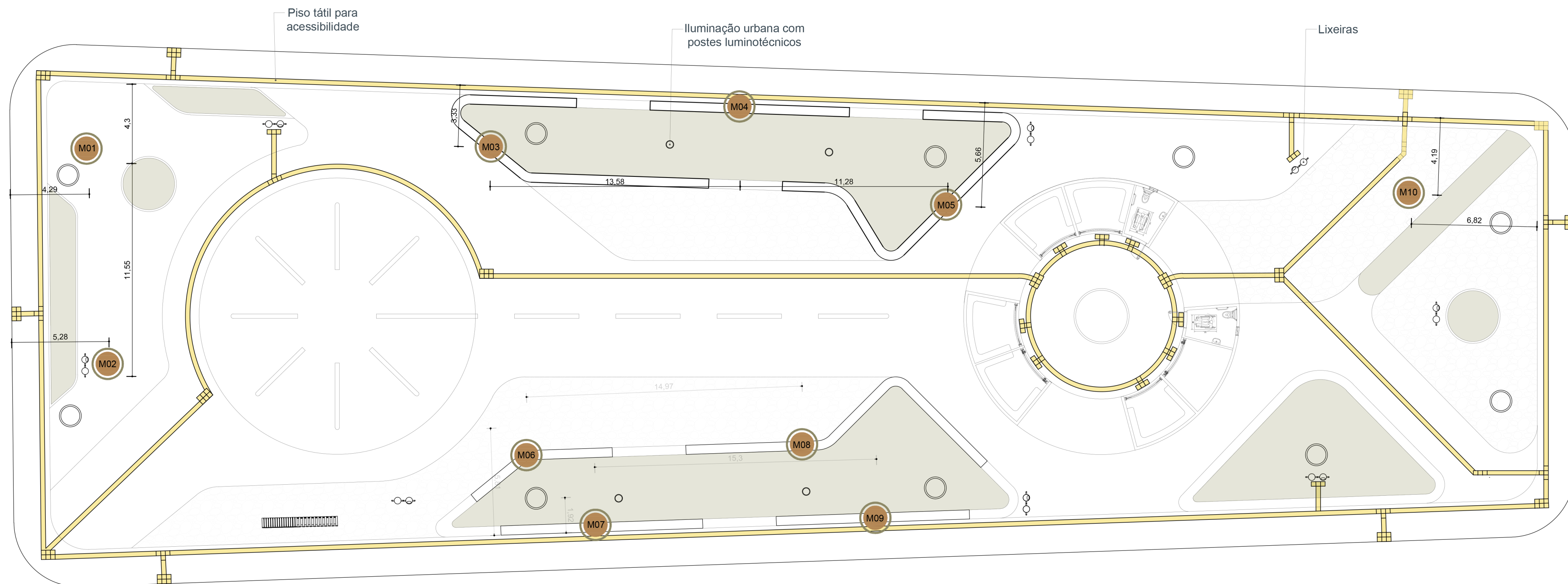
ALUNA:
MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

PLANTA DE
LAYOUT

ESCALA:
INDICADA

PRANCHA
02 / 13



01 PLANTA DE ACESSIBILIDADE, ILUMINAÇÃO E MOBILIÁRIO
ESCALA: 1/150

Trabalho de conclusão de curso

memória dos
CARNABAI

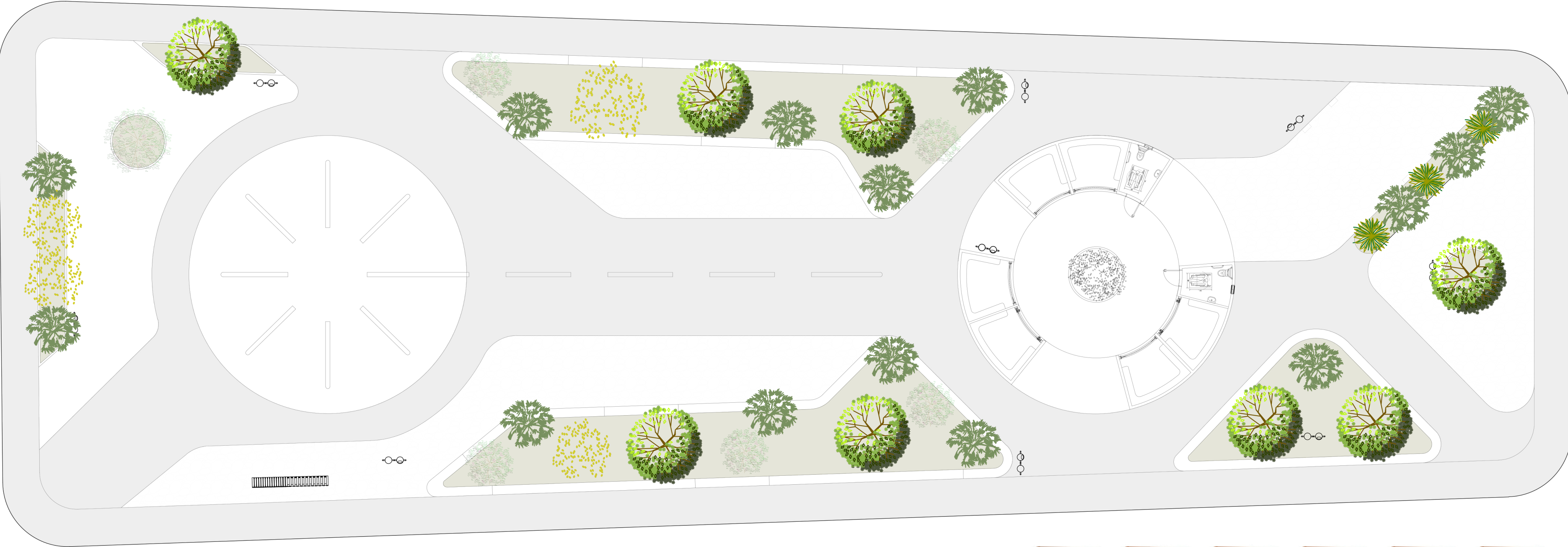
PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UM MEMORIAL
FOTOGRAFICO NA CIDADE DE RERIUTABA/CE

ALUNA:
MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

PLANTA DE
ACESSIBILIDADE,
ILUMINAÇÃO E MOBILIÁRIO
ESCALA:
INDICADA

PRANCHA
04 / 13



01 PLANTA DE PAISAGISMO
ESCALA: 1/150

quaresmeira	ipê amarelo	carnaúba	Agave	Oitica	Grama Bermudas
nome científico: <i>Tibouchina granulosa</i> porte: grande altura: 15 metros diâmetro: 3 metros quantidade: 5 unidades localização: canteiros	nome científico: <i>Handroanthus albus</i> porte: grande altura: 8 metros diâmetro: 10 metros quantidade: 4 unidades localização: canteiros	nome científico: <i>Copernicia prunifera</i> porte: grande altura: 15 metros diâmetro: 3 metros quantidade: 3 unidades localização: canteiros	nome científico: <i>Agave americana</i> porte: médio altura: 1,20 metros diâmetro: 1,80 metros quantidade: 14 unidades localização: canteiros	nome científico: <i>Licania rigida</i> porte: grande altura: 8 metros diâmetro: 10 metros quantidade: 8 localização: canteiros	nome científico: <i>Cynodondactylon</i> porte: - altura: - diâmetro: variável quantidade: - localização: canteiros

Trabalho de conclusão de curso

memória DE
CARNAUBAIS

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UM MEMORIAL
FOTOGRAFICO NA CIDADE DE RERIUTABA/CE

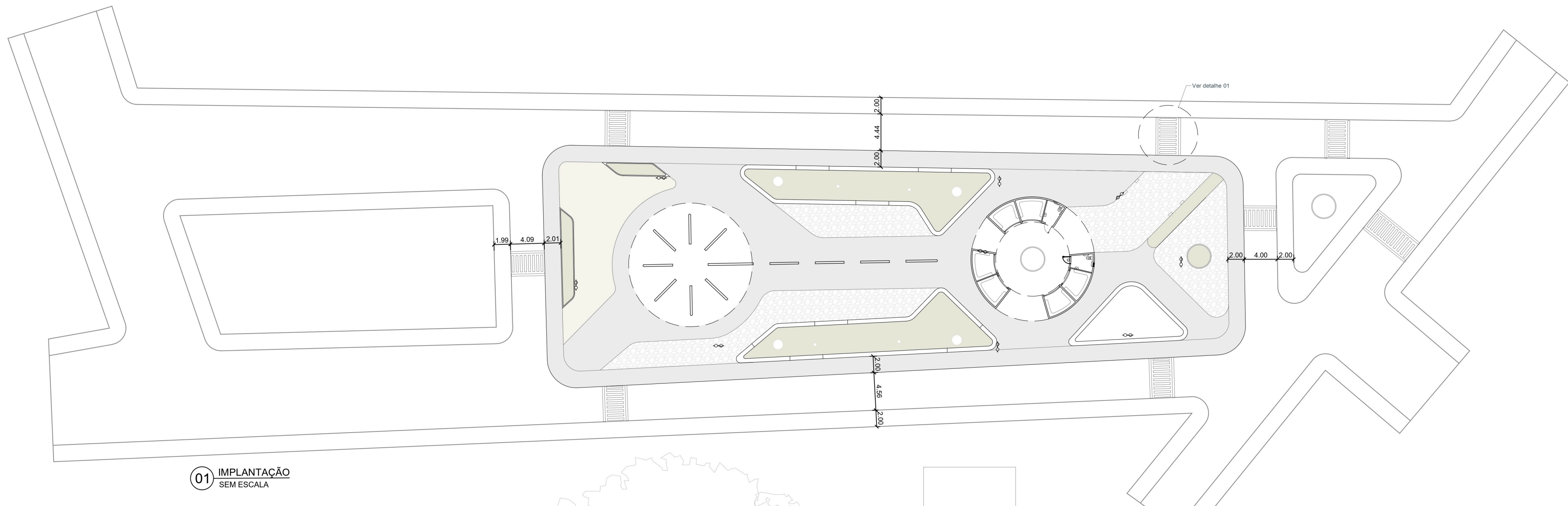
ALUNA:
MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

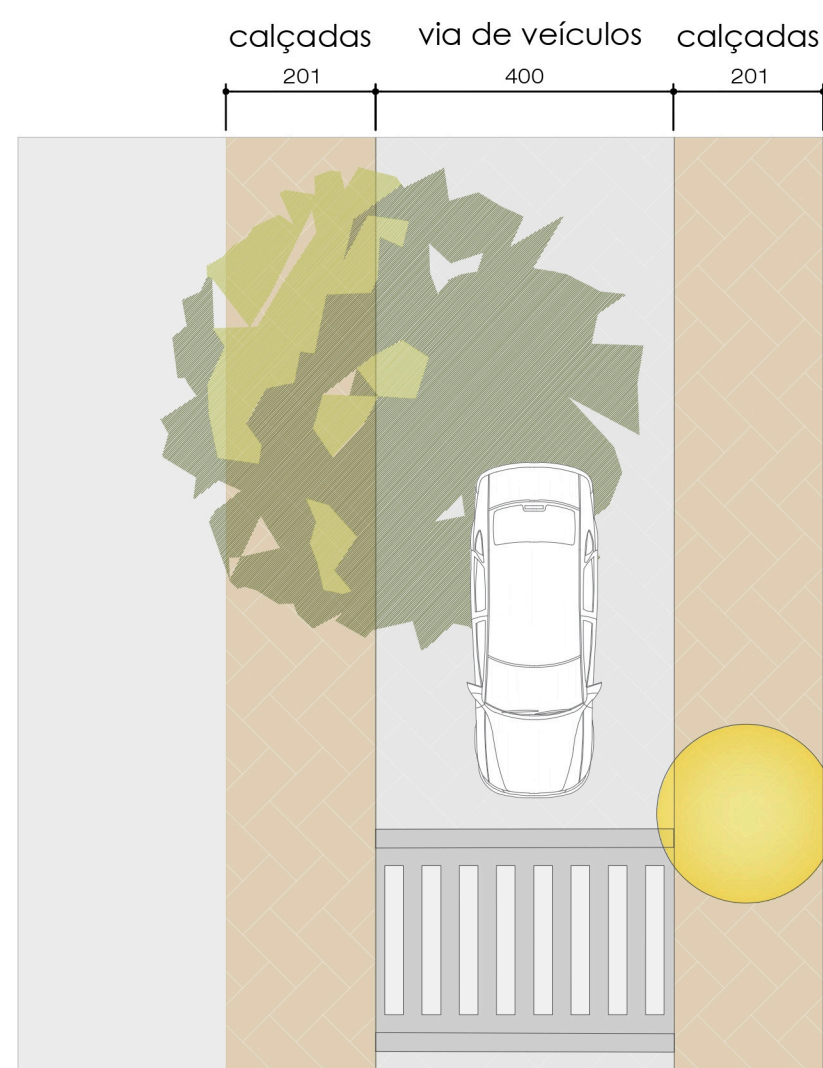
PLANTA DE
PAISAGISMO

ESCALA:
INDICADA

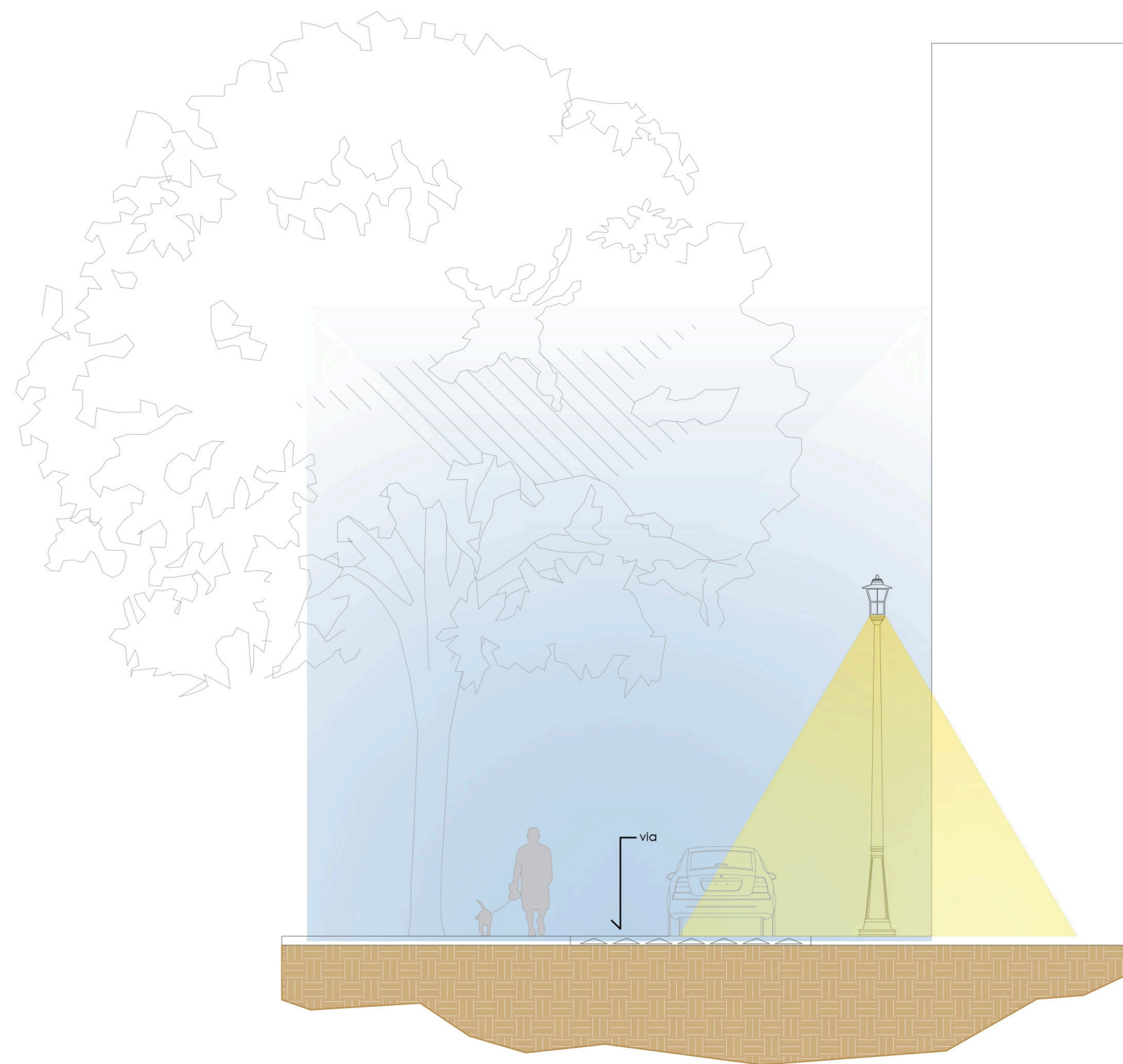
PRANCHA
05 / 13



01 IMPLANTAÇÃO
SEM ESCALA



02 DETALHE 01 - FAIXA DE PEDESTRE
ESCALA 1:1



03 CORTE - DETALHE 01
ESCALA 1:1

Trabalho de conclusão de curso

memória dos
CARNAUBAIS

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UM MEMORIAL
FOTOGRAFICO NA CIDADE DE RERIUTABA/CE

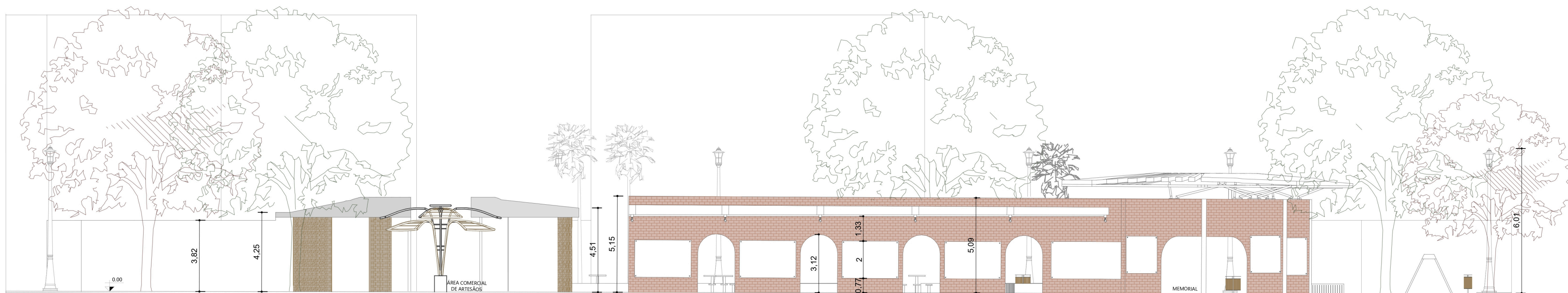
ALUNA:
MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

PLANTA BAIXA

ESCALA:
INDICADA

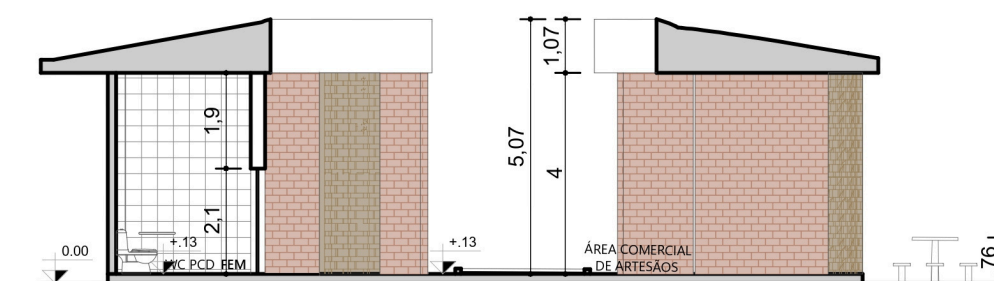
PRANCHA
06 / 13



01 CORTE A-A
ESCALA: 1/150



02 CORTE B-B
ESCALA: 1/150



03 CORTE C-C
ESCALA: 1/150

Trabalho de conclusão de curso

memória dos
CARNAUBAIS

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UM MEMORIAL
FOTOGRAFICO NA CIDADE DE RERIUTABA/CE

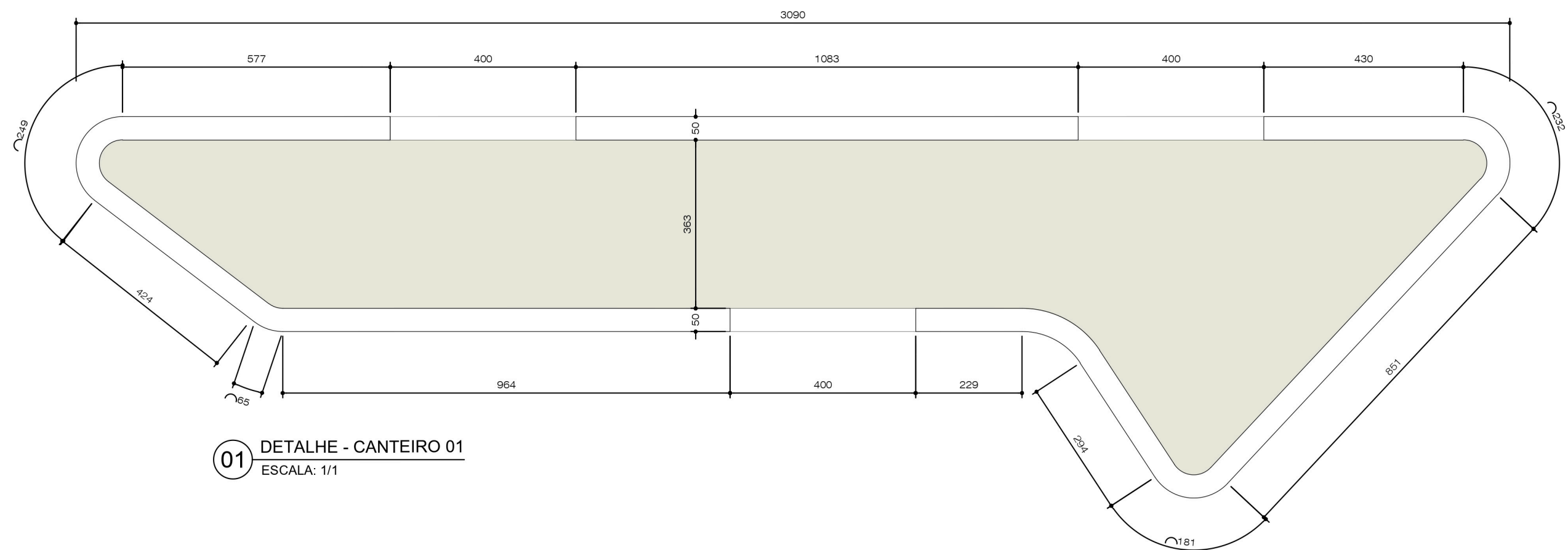
ALUNA:
MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

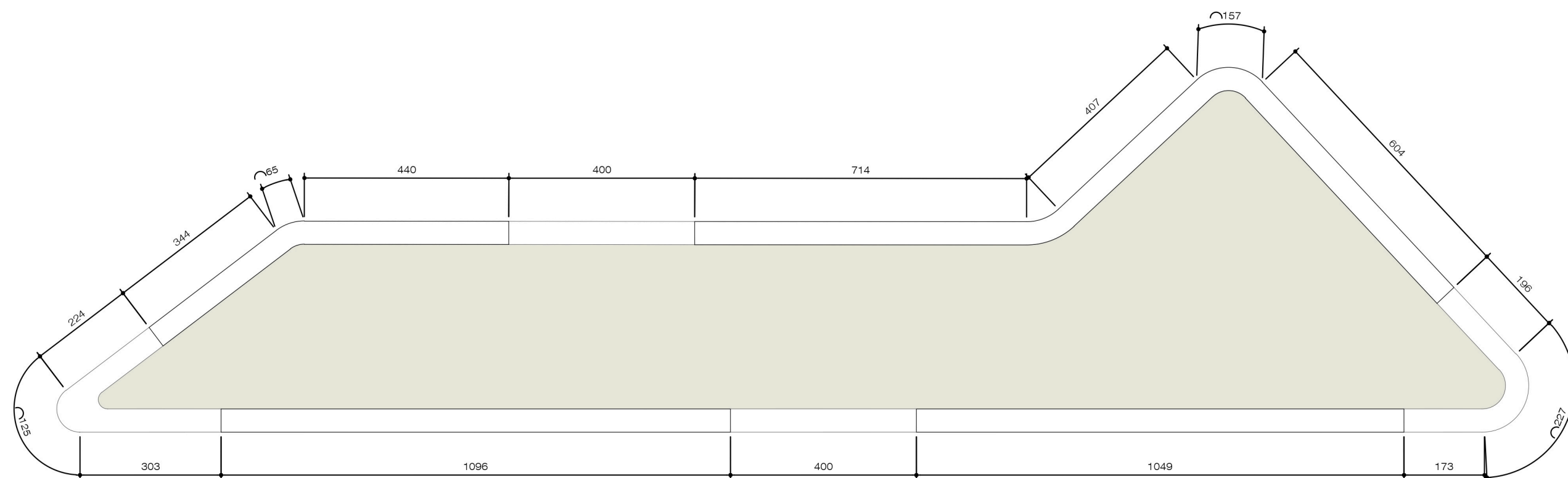
CORTES /
ELEVAÇÕES

ESCALA:
INDICADA

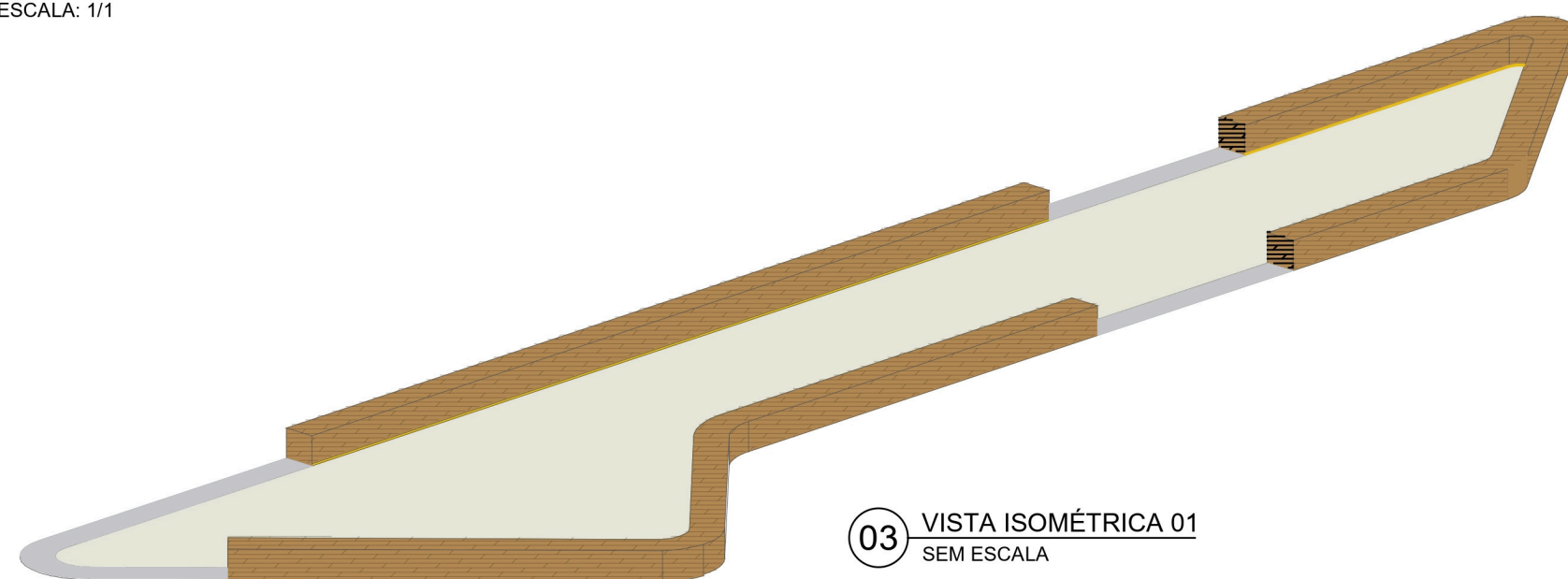
PRANCHA
07 / 13



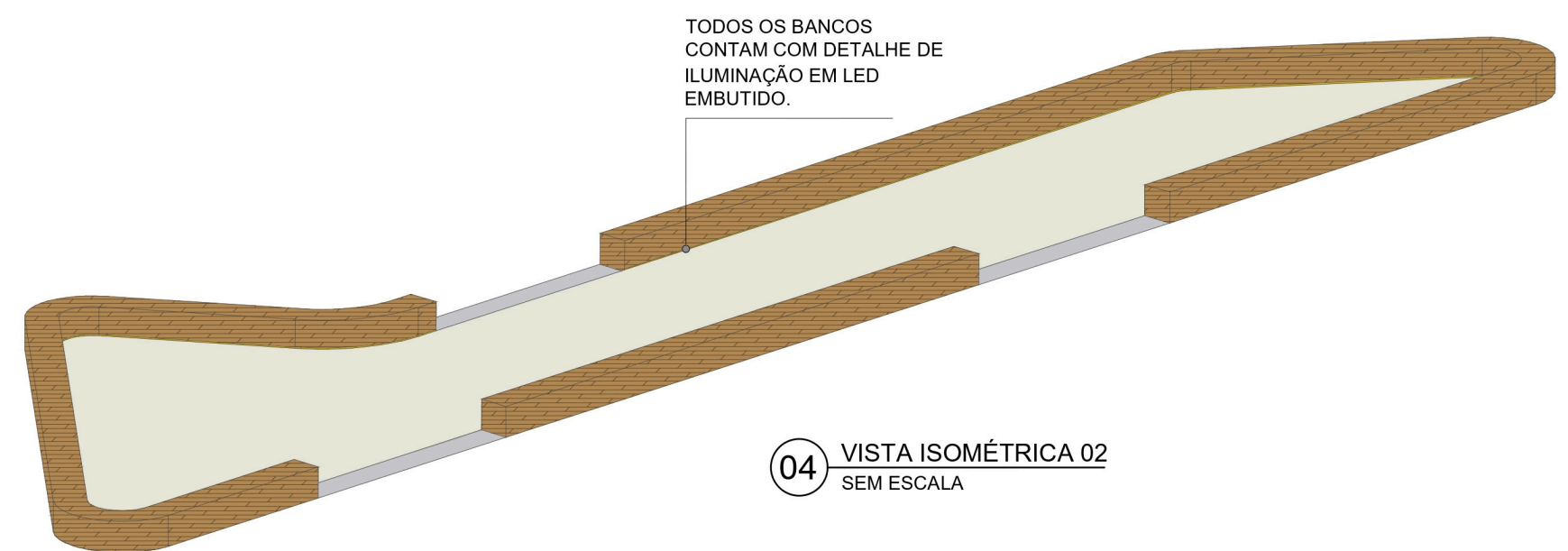
01 DETALHE - CANTEIRO 01
ESCALA: 1/1



02 DETALHE - CANTEIRO 02
ESCALA: 1/1



03 VISTA ISOMÉTRICA 01
SEM ESCALA



04 VISTA ISOMÉTRICA 02
SEM ESCALA

Trabalho de conclusão de curso

memória DE
CARNABAI

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UM MEMORIAL
FOTOGRAFICO NA CIDADE DE RERIUTABA/CE

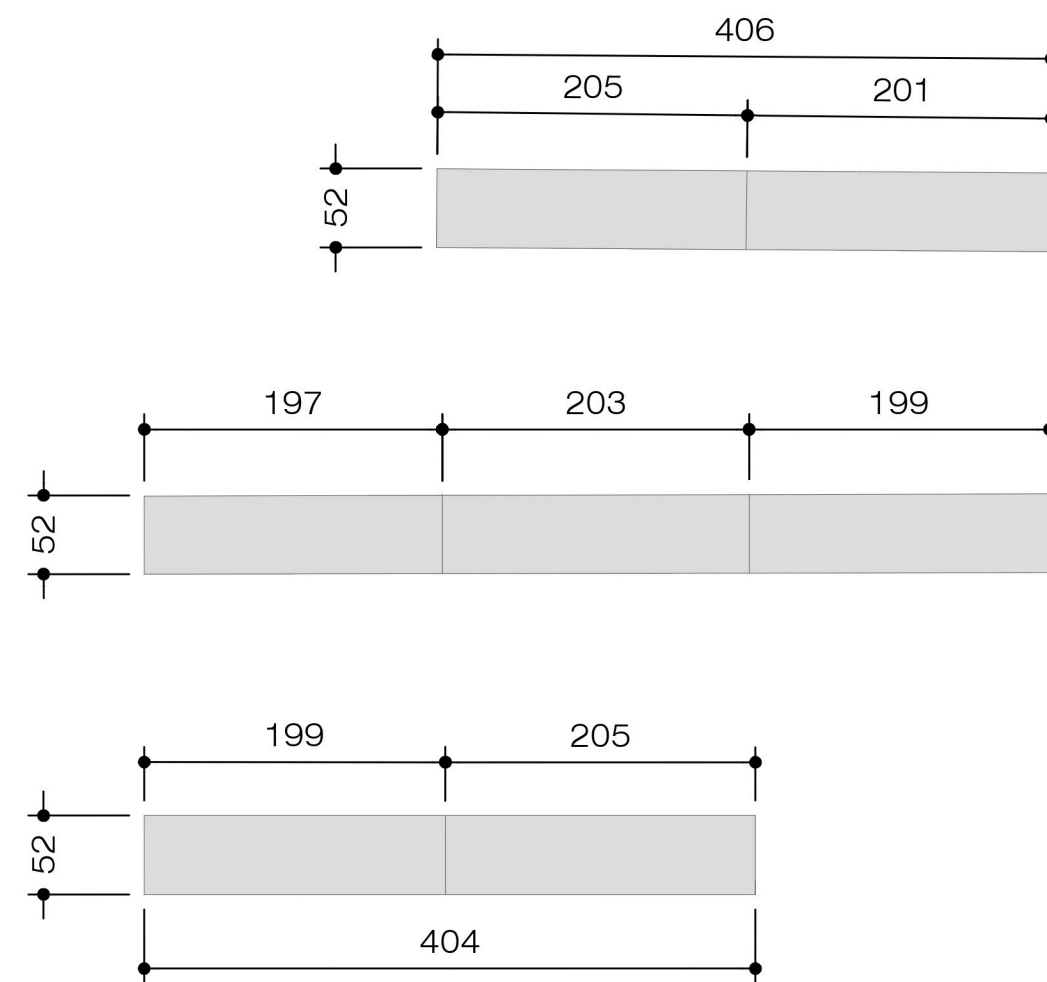
ALUNA:
MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

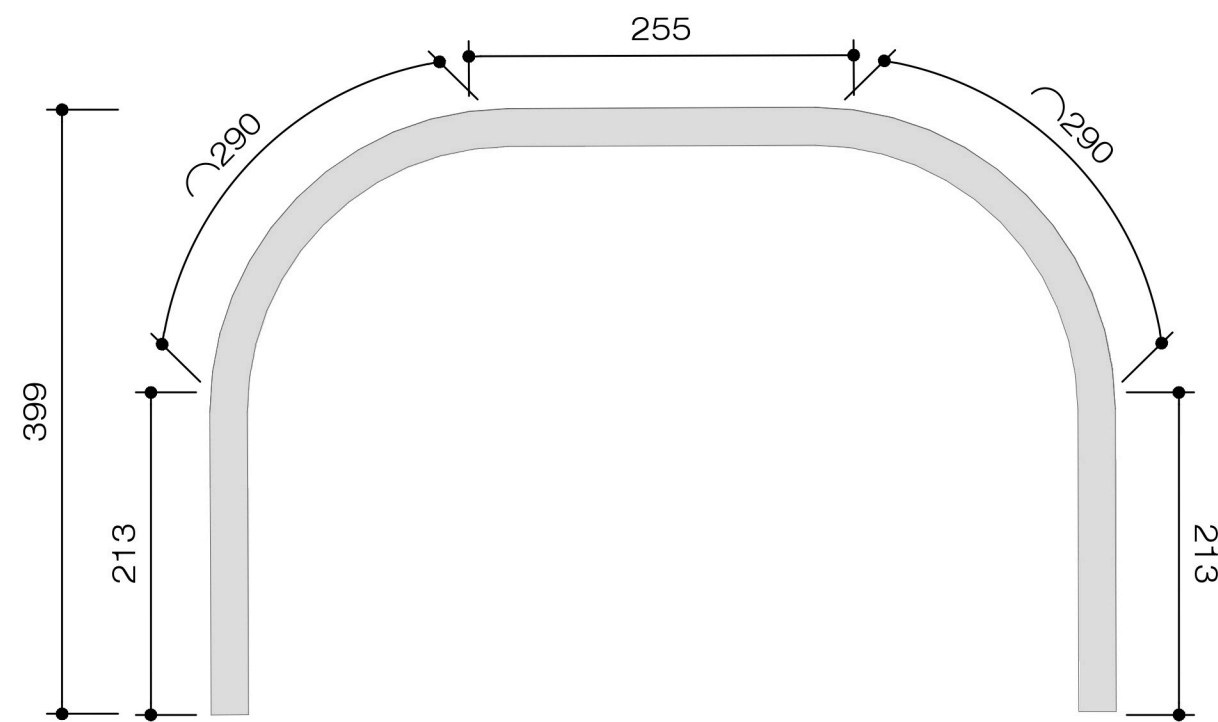
DETALHAMENTO

ESCALA:
INDICADA

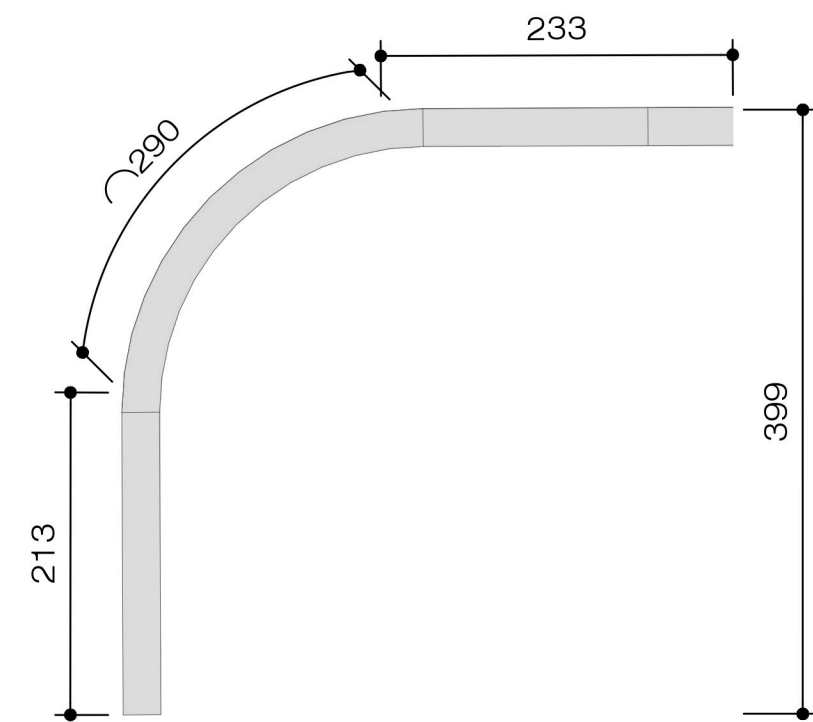
PRANCHA
08 / 13



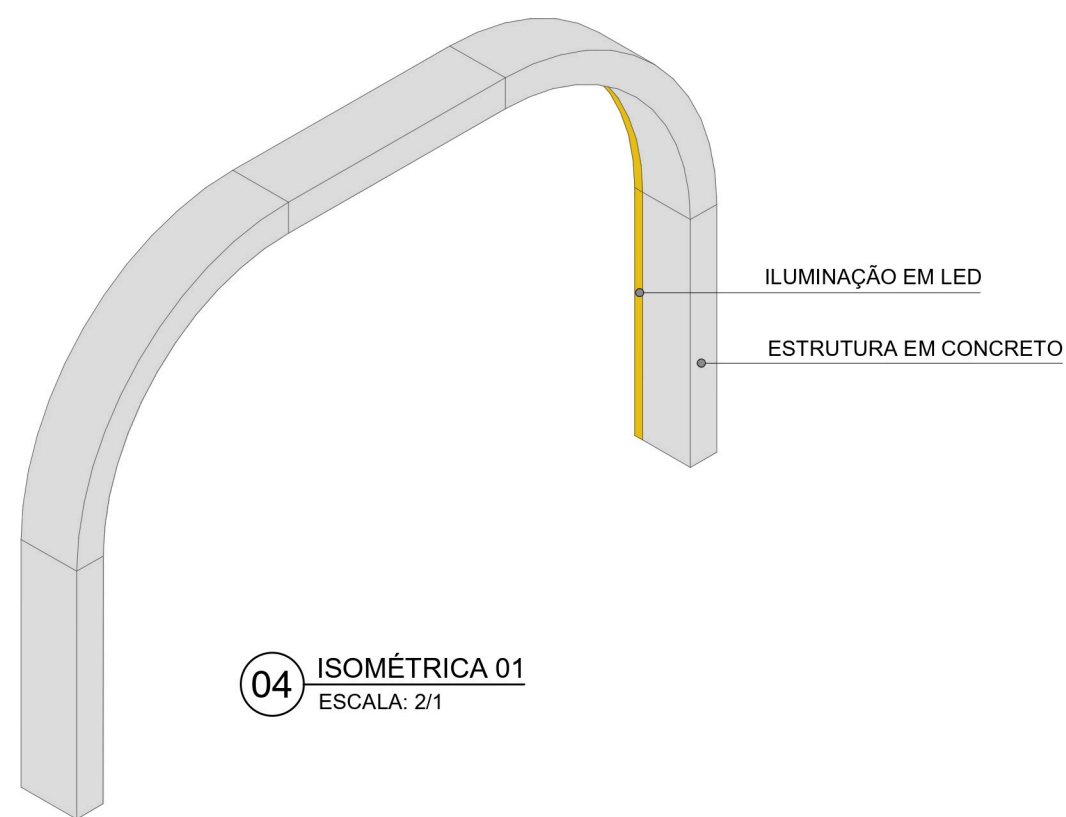
01 DETALHE - PERGOLADO
ESCALA: 2/1



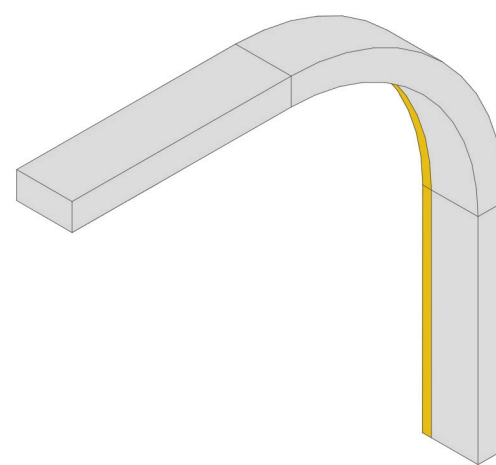
02 VISTA FRONTAL 01
ESCALA: 2/1



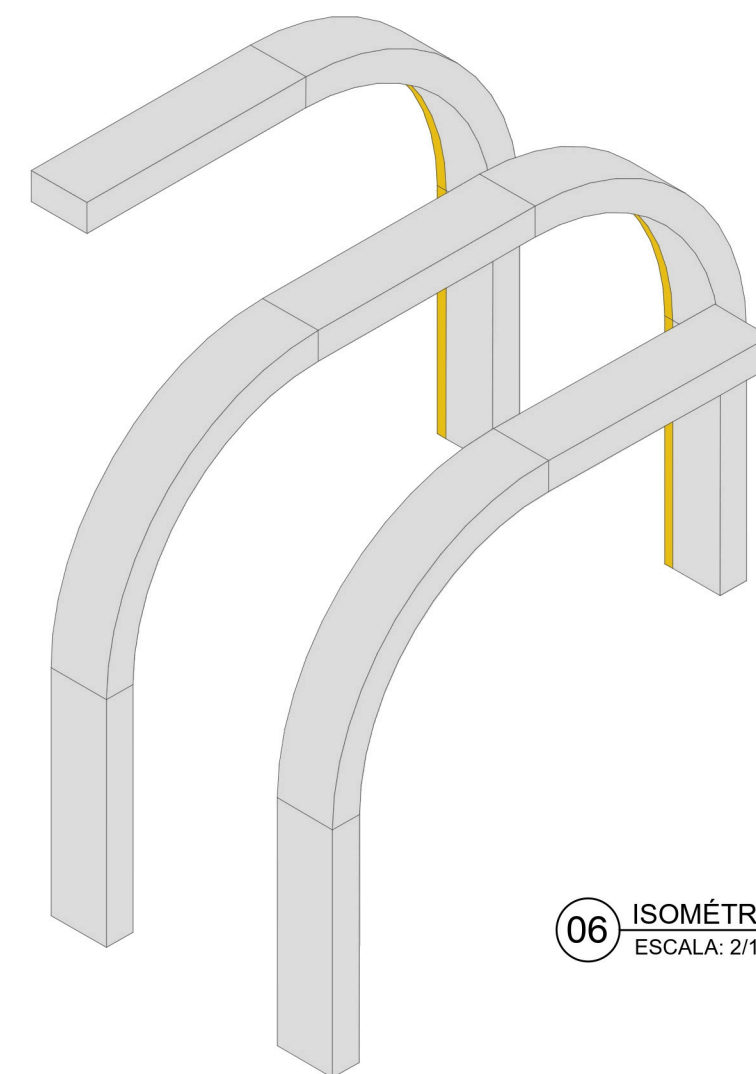
03 VISTA FRONTAL 02
ESCALA: 2/1



04 ISOMÉTRICA 01
ESCALA: 2/1



05 ISOMÉTRICA 02
ESCALA: 2/1



06 ISOMÉTRICA 03
ESCALA: 2/1

Trabalho de conclusão de curso

memória DE
CARNABAI

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UM MEMORIAL
FOTOGRAFICO NA CIDADE DE RERIUTABA/CE

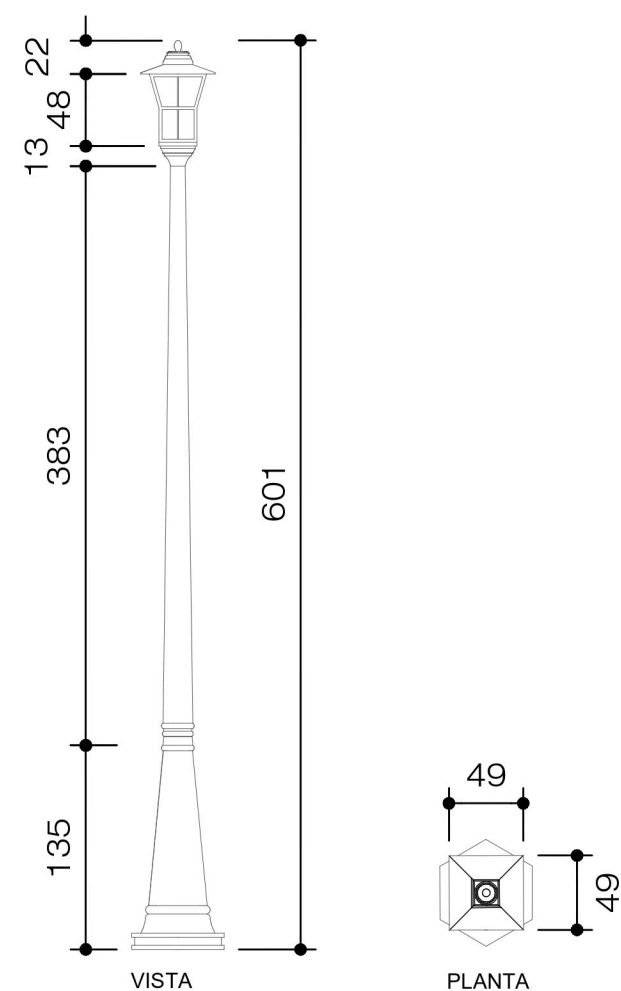
ALUNA:
MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

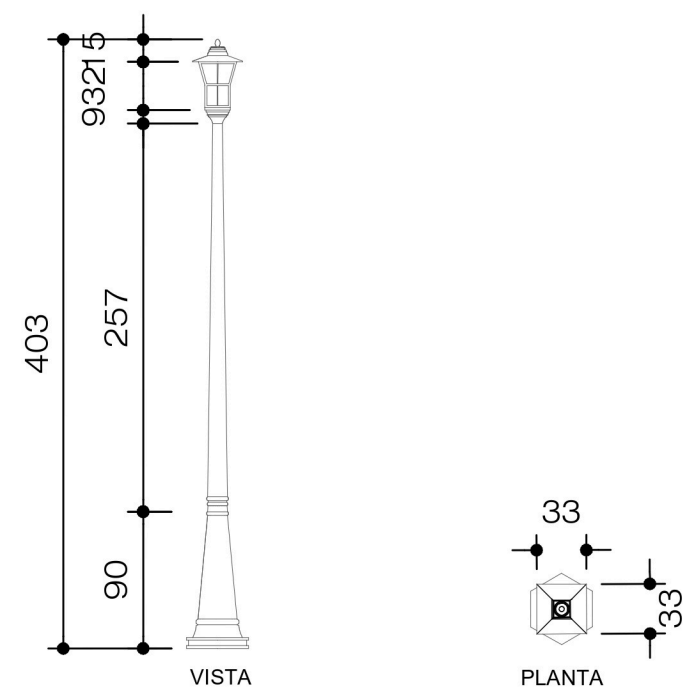
DETALHAMENTO

ESCALA:
INDICADA

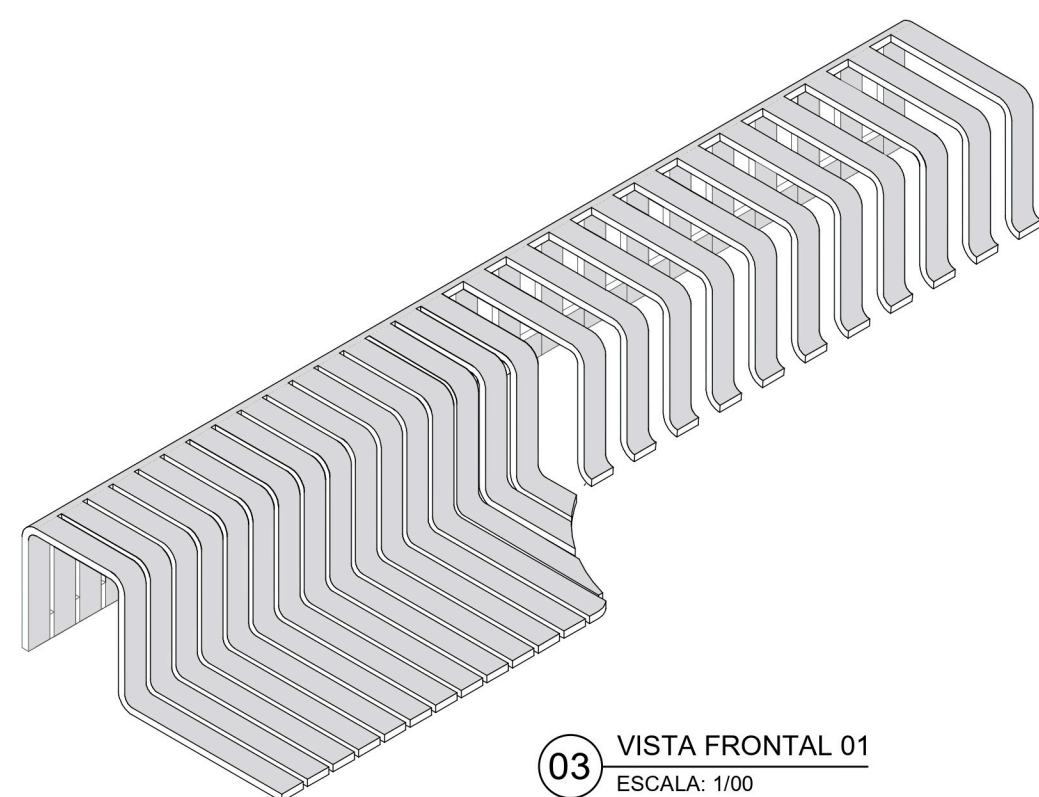
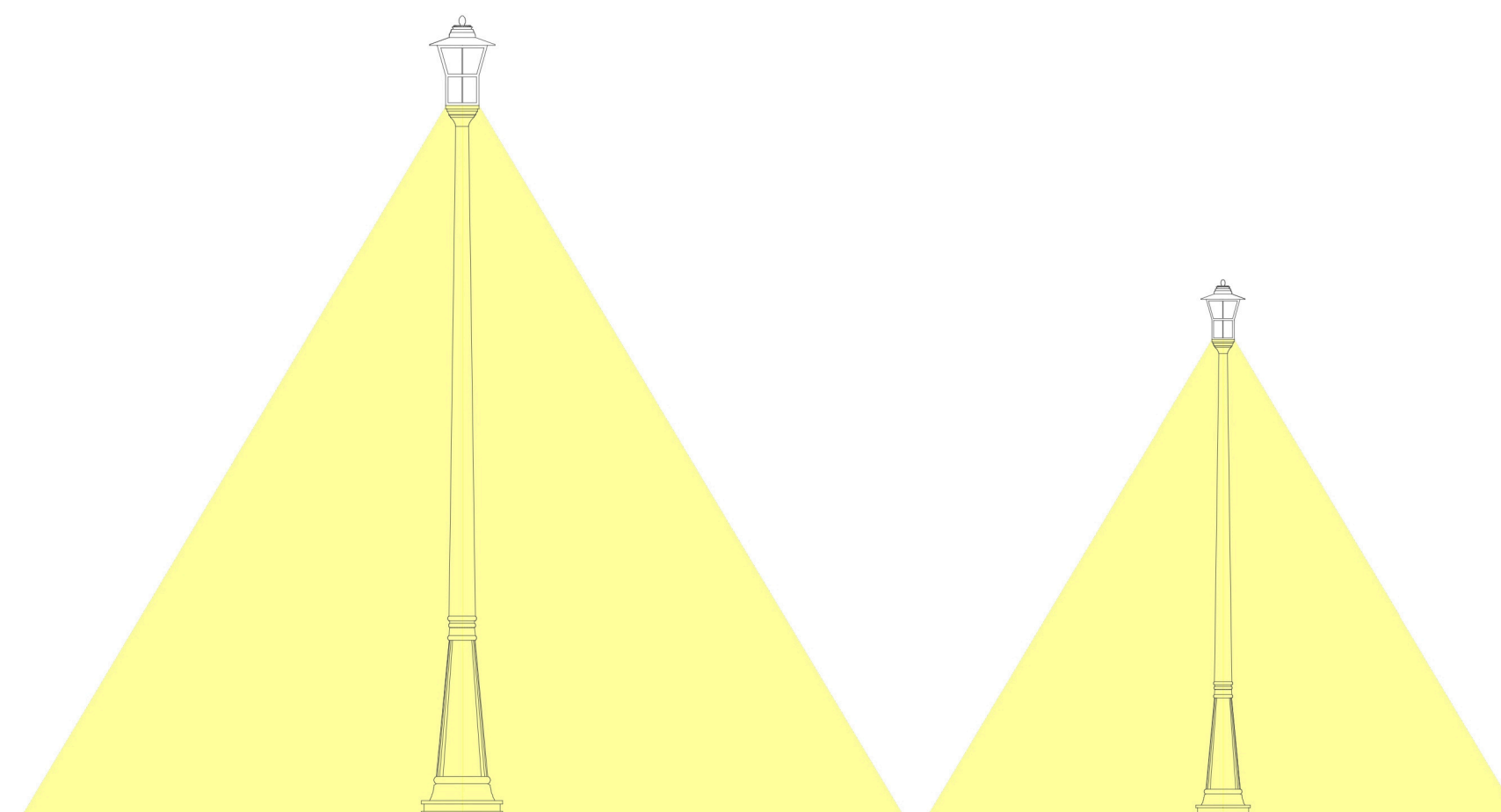
PRANCHA
09 / 13



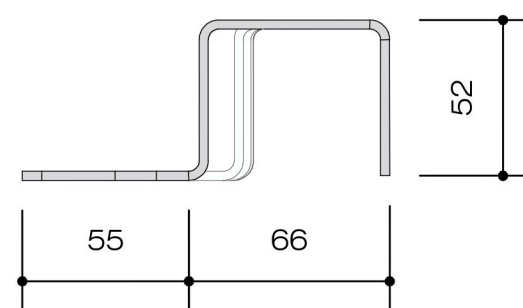
01 POSTE ALTO - 6,01 m
ESCALA: 1/00



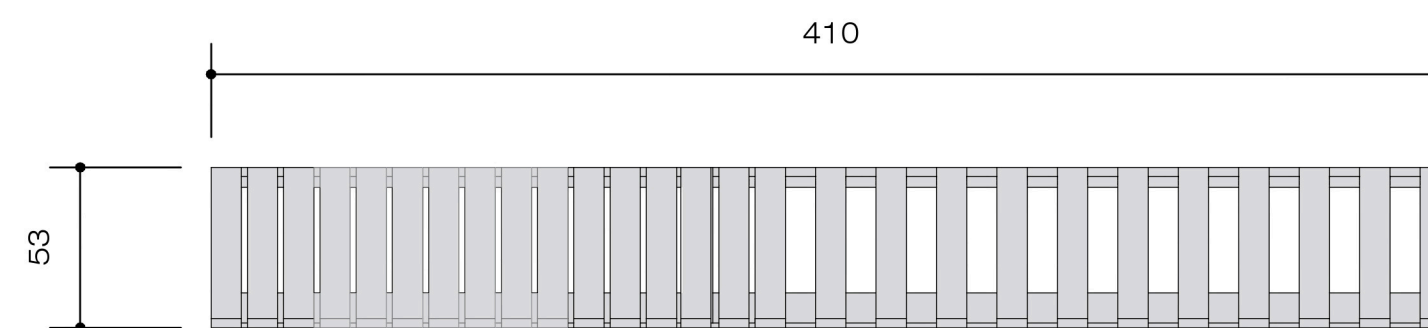
02 POSTE BAIXO - 4,03 m
ESCALA: 1/00



03 VISTA FRONTAL 01
ESCALA: 1/00



04 VISTA LATERAL
ESCALA: 1/1



05 VISTA FRONTAL
ESCALA: 1/1

Trabalho de conclusão de curso

memória DE
CARNABAI

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UM MEMORIAL
FOTOGRAFICO NA CIDADE DE RERIUTABA/CE

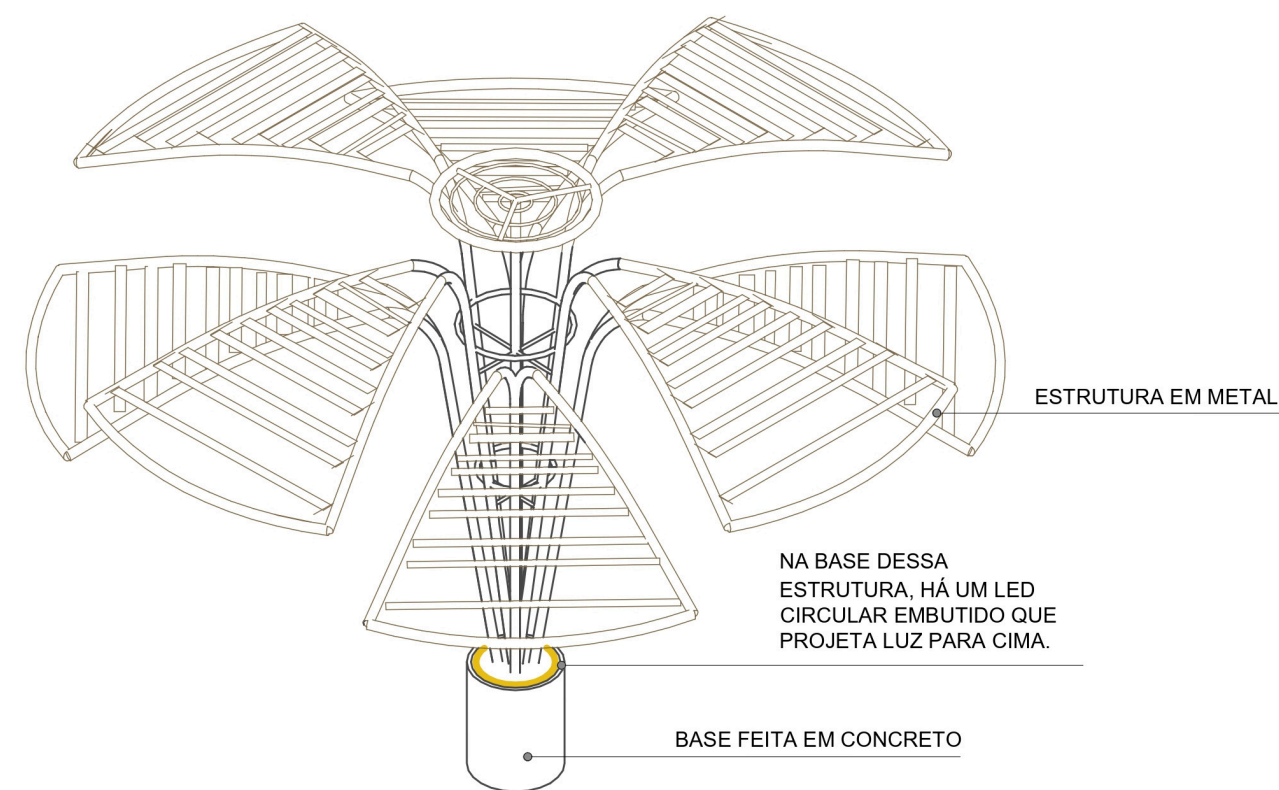
ALUNA:
MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

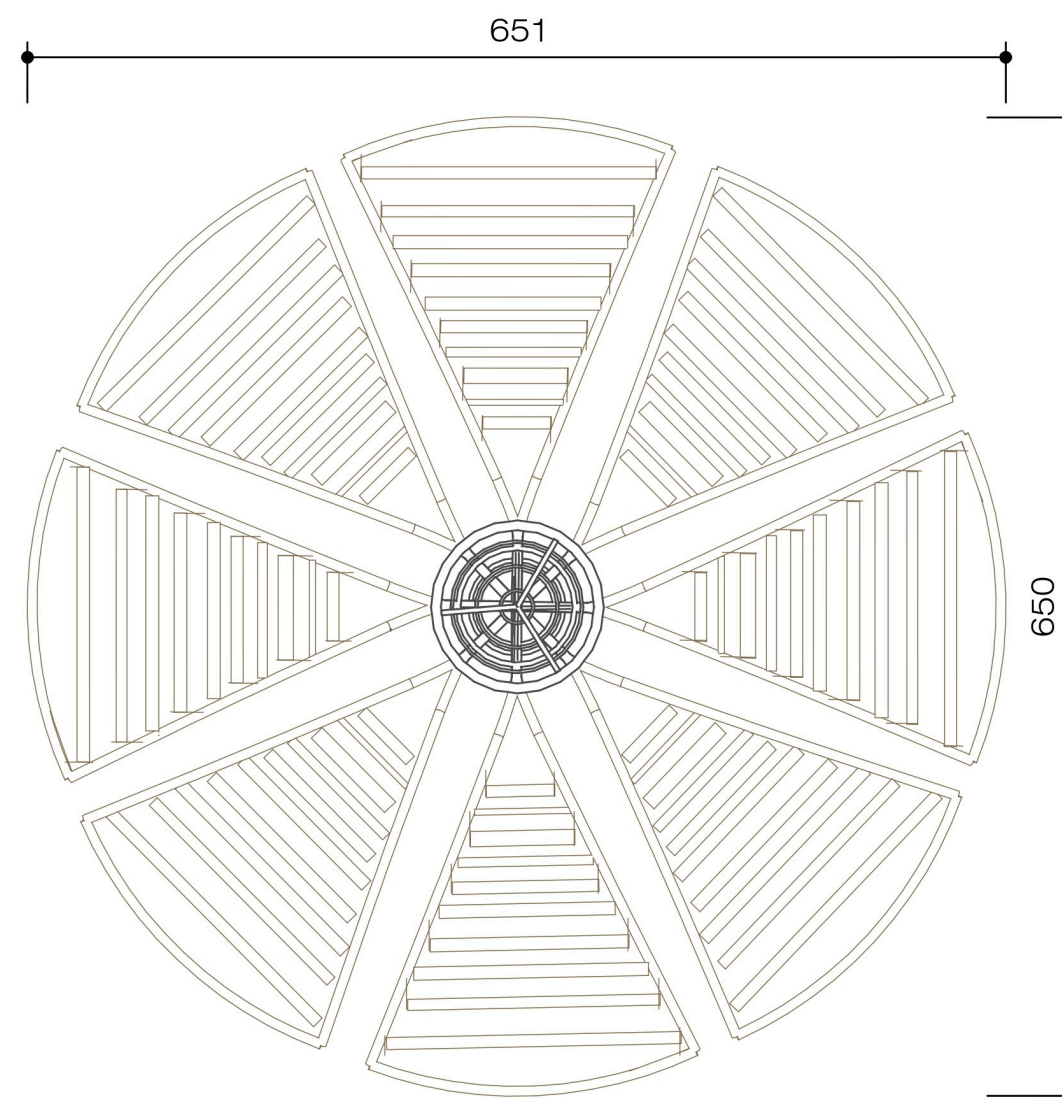
DETALHAMENTO

ESCALA:
INDICADA

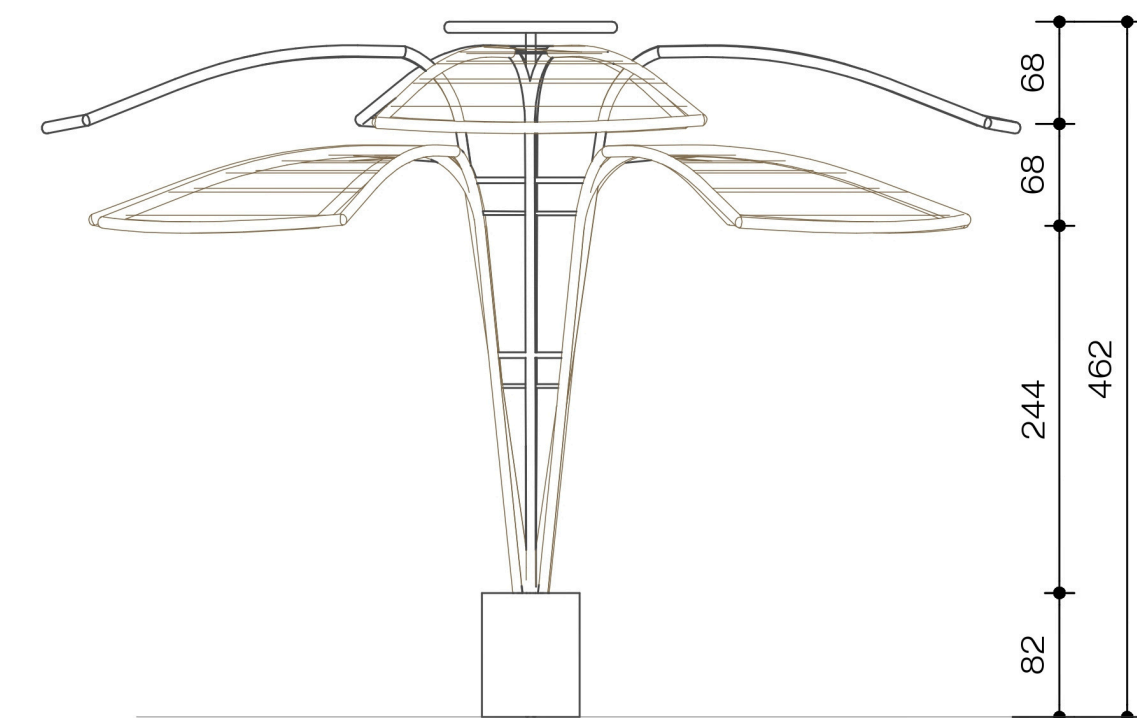
PRANCHA
10 / 13



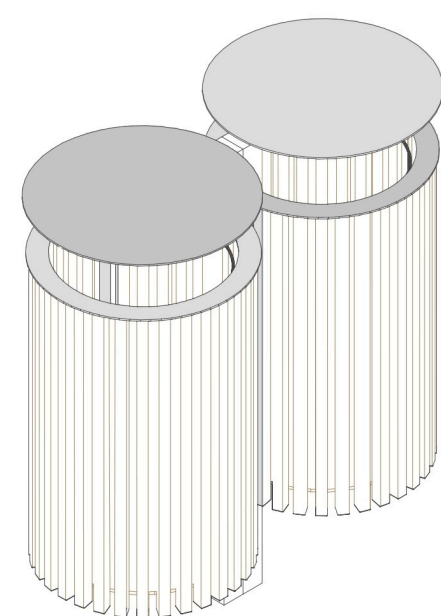
01 ISOMÉTRICA - ORNAMENTO
ESCALA: 2/1



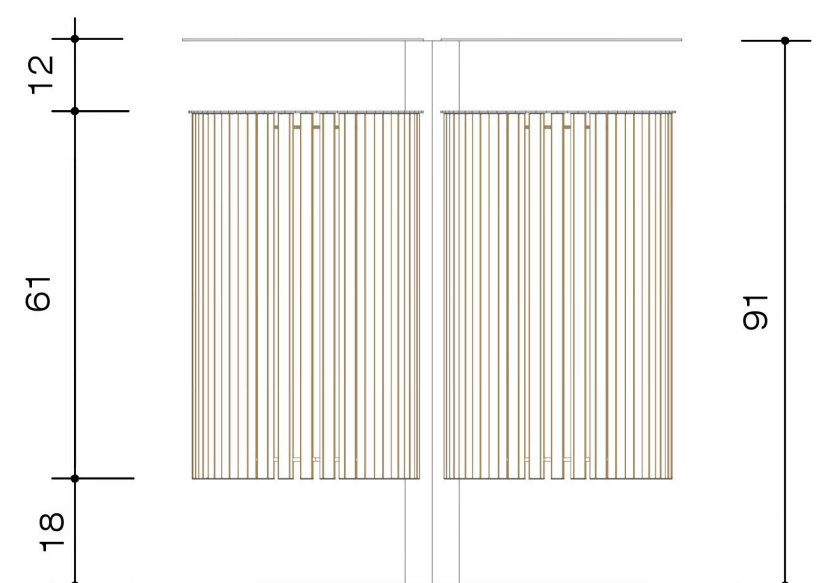
02 PLANTA - ORNAMENTO
ESCALA: 2/1



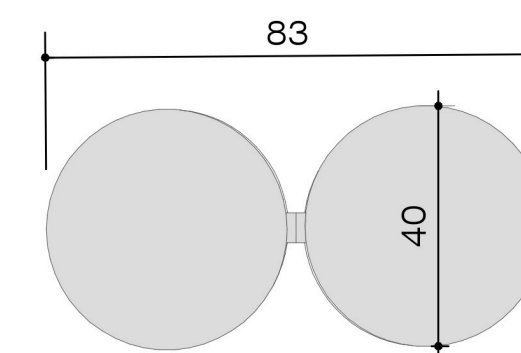
03 VISTA - ORNAMENTO
ESCALA: 2/1



04 ISOMÉTRICA - LIXEIRA
ESCALA: 8/1



05 VISTA FRONTAL - LIXEIRA
ESCALA: 8/1



06 DETALHE - CANTEIRO 02
ESCALA: 8/1

Trabalho de conclusão de curso

memória DE
CARNABAI

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UM MEMORIAL
FOTOGRAFICO NA CIDADE DE RERIUTABA/CE

ALUNA:
MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

DETALHAMENTO

ESCALA:
INDICADA

PRANCHA
11 / 13



12 IMAGEM RENDERIZADAS
SEM ESCALA



13 IMAGEM RENDERIZADAS
SEM ESCALA



14 IMAGEM RENDERIZADAS
SEM ESCALA



15 IMAGEM RENDERIZADAS
SEM ESCALA



16 IMAGEM RENDERIZADAS
SEM ESCALA



17 IMAGEM RENDERIZADAS
SEM ESCALA



Trabalho de conclusão de curso

memória dos
CARNAUBAIS

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UM MEMORIAL
FOTOGRAFICO NA CIDADE DE RERIUTABA/CE

ALUNA:
MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

PLANTA BAIXA

ESCALA:
INDICADA

PRANCHA
1 2 / 1 3



18 IMAGENS RENDERIZADAS
SEM ESCALA



19 IMAGENS RENDERIZADAS
SEM ESCALA



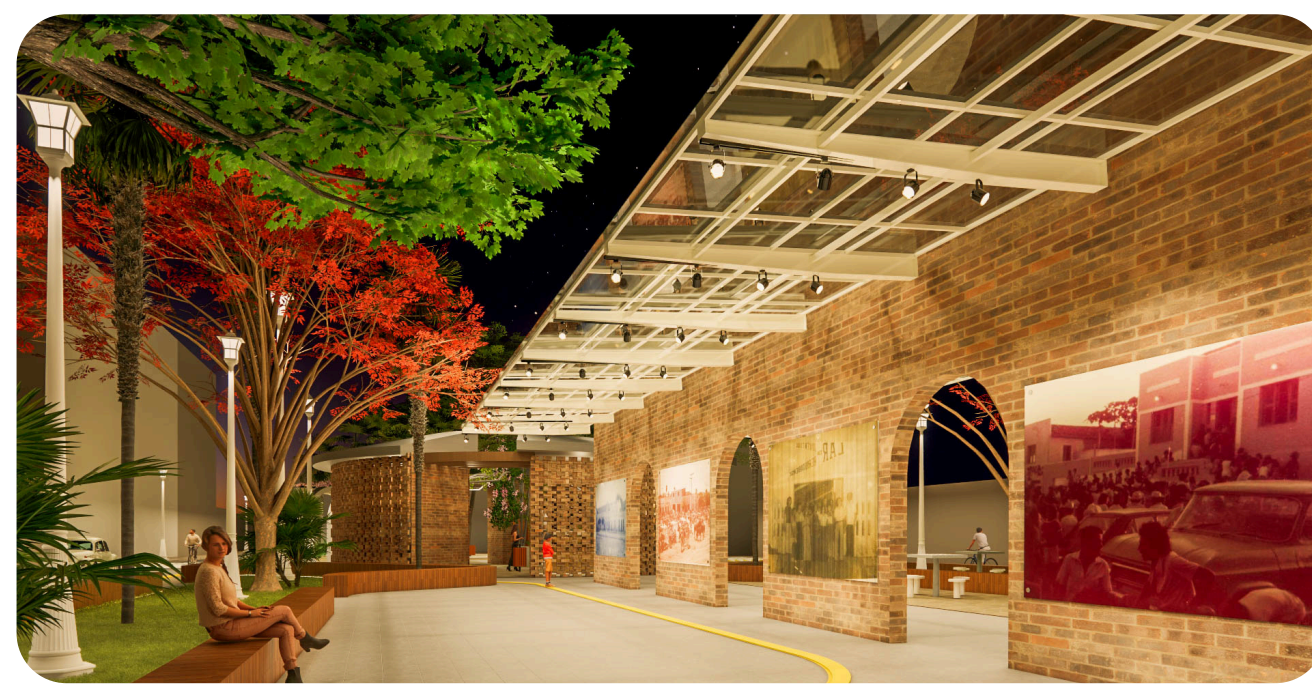
20 IMAGENS RENDERIZADAS
SEM ESCALA



21 IMAGENS RENDERIZADAS
SEM ESCALA



22 IMAGENS RENDERIZADAS
SEM ESCALA



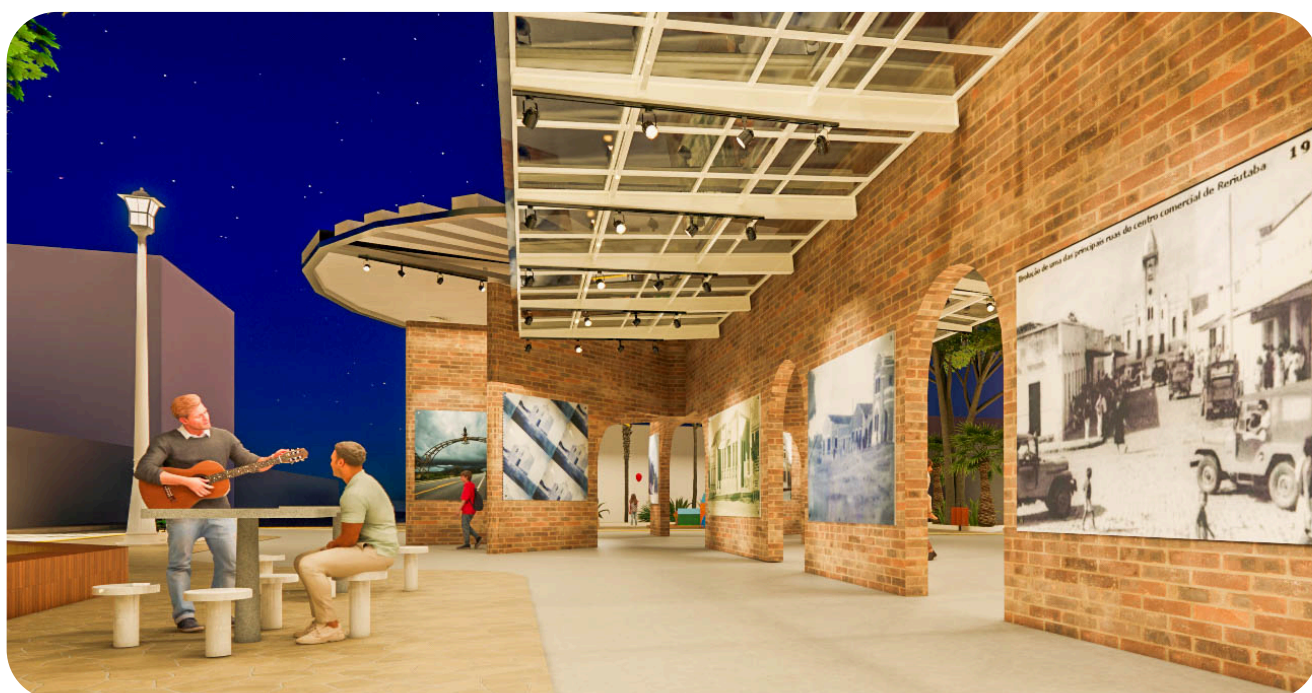
23 IMAGENS RENDERIZADAS
SEM ESCALA



24 IMAGENS RENDERIZADAS
SEM ESCALA



25 IMAGENS RENDERIZADAS
SEM ESCALA



26 IMAGENS RENDERIZADAS
SEM ESCALA

Trabalho de conclusão de curso

memória dos
CARNAUBAIS

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE UM MEMORIAL
FOTOGRAFICO NA CIDADE DE RERIUTABA/CE

ALUNA:
MARIA ISADORA MESQUITA PINTO

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

PLANTA BAIXA

ESCALA:
INDICADA

PRANCHA
1 3 / 1 3